

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA – DS

Luan Vinícius Xavier da Silva

**MUDANÇA DE PERSPECTIVA SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+:
REPRESENTATIVIDADE NAS NOVELAS BRASILEIRAS (1980 – 2019)**

São Carlos – SP

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA – DS

Luan Vinícius Xavier da Silva

MUDANÇA DE PERSPECTIVA SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+:
REPRESENTATIVIDADE NAS NOVELAS BRASILEIRAS (1980 – 2019)

Trabalho de Conclusão do Curso de
Graduação em Ciências Sociais do
Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de São Carlos como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Thales Haddad
Novaes de Andrade

Co-orientadora: Profa. Dra. Máira
Cavalcanti Vale

São Carlos – SP

2024

Luan Vinícius Xavier da Silva

MUDANÇA DE PERSPECTIVA SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+:
REPRESENTATIVIDADE NAS NOVELAS BRASILEIRAS (1980 – 2019)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Sociais na Universidade Federal de São
Carlos. São Carlos, 2024.

Orientador (a):

Prof. Dr. Thales Haddad Novaes de Andrade
Universidade Federal de São Carlos

Co-orientador (a):

Profa. Dra. Maíra Cavalcanti Vale
Universidade Federal de São Carlos

Examinador (a):

Dr(a) Jorge Leite Júnior
Universidade Federal de São Carlos

Agradecimentos:

Primeiramente, agradeço a Deus, à Nossa Senhora e ao meu anjo da guarda, pelo dom da inteligência e por cada apoio e orientação espiritual que me fizeram chegar até aqui.

Em seguida, agradeço aos meus pais, Valdomiro e Lia, que me apoiaram e não me deixaram desistir e me fizeram chegar até aqui.

Também agradeço à minha vó Ana Maria e ao meu vô Joaquim Xavier (*in memoriam*) que me apoiaram financeiramente, dando um notebook para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Agradeço aos meus irmãos: Laura, Lucas, Lorena e Léo, que me apoiaram com palavras de carinho e estiveram ao meu lado mostrando a razão de continuar, em especial à Lorena, que esteve ao meu lado em momentos de crise de ansiedade.

Agradeço à minha psicóloga, Adriana, que também me apoiou e me encorajou a permanecer no curso mesmo diante de tantas crises de ansiedade.

Também agradeço ao meu orientador, Thales, e à minha coorientadora, Maíra, por me acolherem, compartilharem conhecimentos e, principalmente, pelo apoio em várias crises de ansiedade e de medo durante o percurso.

Por fim, agradeço a Paulo Gustavo, grande ator, que serviu de inspiração para que eu fizesse este trabalho dedicado à representação da comunidade LGBTQIAPN+ nas novelas.

Sumário:

1) Introdução.....	9
Estrutura do Trabalho.....	15
Objetivo.....	17
Metodologia.....	17
2) Primeira fase: ditadura e censura de personagens da comunidade LGBTQIAPN+	20
2.1) Contextualização da comunidade LGBTQIAPN+ na década de 1980	20
2.2) Oposição entre personagens com seriedade e com estereótipos: Brilhante e Partido Alto	21
2.3) Personagens trans/travestis com estereótipos: Um Sonho a Mais	23
2.4) Personagem gay censurado em Roque Santeiro	24
2.5) Personagens gays com estereótipos de vilão: Roda de Fogo	25
2.6) Personagens lésbicas em Vale Tudo	26
2.7) Conclusão do capítulo	28
3) Segunda fase: pós-censura, personagens com abordagem mais séria e estereótipos.....	29
3.1) Contextualização da comunidade LGBTQIAPN+ na década de 1990	29
3.2) Personagens trans interpretadas por atrizes trans: Ninete em Tieta e Dinorá em Olho por Olho	30
3.3) Zaqueu em Pantanal	31
3.4) Personagem intersexo Buba em Renascer	32
3.5) Casal homoafetivo com seriedade em A Próxima Vítima	34
3.6) Sarita Vitti em Explode Coração	36
3.7) Personagem bissexual em Por Amor	37
3.8) Casal lésbico rejeitado em Torre de Babel	38
3.9) Personagens gays em Suave Veneno	39
3.10) Conclusão do capítulo	41
4) Terceira fase: uma abordagem com maior seriedade e algumas cenas de beijos gravadas, mas vetadas.....	42
4.1) Personagens com estereótipos	42
4.1.1) Dona Roma e Samovar em A Lua me Disse	42
4.1.2) Personagem bissexual em Duas Caras	44
4.1.3) O Preconceito da cura-gay em A Favorita	45
4.1.4) Transexual em Aquele Beijo	47
4.2) Personagens com seriedade	48
4.2.1) Ramona em As Filhas da Mãe	48

4.2.2) Casais homoafetivos jovens: Mulheres Apaixonadas, Senhora do Destino e América	50
4.2.3) Personagens homossexuais em Tititi	53
4.2.4) Insensato Coração: a novela com maior quantidade de personagens homossexuais da história	55
4.3) Conclusão do capítulo	57
5) Ainda na terceira fase, mas em outra década: carícias, beijo intenso, casamento e sexo homossexual	59
5.1) Personagens com estereótipos	59
5.2) Personagens com seriedade	60
5.2.1) Beijo homoafetivo aceito	61
5.2.2) Casamento homoafetivo	64
5.2.3) Sexo homossexual	66
5.2.4) Idosos LGBTQIAPN+	67
5.2.5) Personagens Transexuais e <i>Drag Queens</i>	69
5.2.6) Conclusão do capítulo	73
6) Conclusão	74
7) Referências	78
8) Apêndice	86
8.1) Apêndice A - Nome das Novelas por Ordem de Exibição	86

RESUMO

Neste trabalho foi abordado como a sociedade e o público alterou o modo de pensar sobre a comunidade LGBTQIAPN+ devido à sua representatividade em novelas exibidas em diferentes emissoras brasileiras. Para isso, foi recuperada uma abordagem histórica desta comunidade desde os anos 1980. Se antes havia pouca representatividade e muitas vezes as personagens eram retratadas de forma estereotipada, atualmente se conta com uma representatividade maior e com menos estereótipos. Embora este tema já tenha sido abordado em outros trabalhos acadêmicos, o diferencial desta abordagem, no caso brasileiro, é a presença de outras emissoras além da Rede Globo. Procurou-se responder à seguinte questão: como se deu a mudança de pensamento do público e da sociedade em relação à comunidade LGBTQIAPN+ com a contribuição das novelas?

Palavras-Chaves: LGBTQIAPN+; Comunidade; Representatividade.

ABSTRACT

This work addressed how society and the public changed the way they think about the LGBTQIAPN+ community due to their representation in soap operas shown on different Brazilian broadcasters. To this end, a historical approach to this community since the 1980s will be recovered. If before there was little representation and the characters were often portrayed in a stereotypical way, currently there is greater representation and fewer stereotypes. Although this topic has already been addressed in other academic works, the difference in this approach, in the Brazilian case, is the presence of other broadcasters in addition to Rede Globo. We sought to answer the following question: how did the public and society's thinking change in relation to the LGBTQIAPN+ community with the contribution of soap operas?

Keywords: LGBTQIAPN+; Community; Representation.

1. INTRODUÇÃO

Antes de introduzir sobre os personagens LGBTQIAPN+ das novelas, as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na representatividade, suas contribuições para a sociedade e como o público interferiu na história destes personagens, é de suma importância introduzir o conceito geral de alguns autores e teóricos que citei no decorrer do trabalho ou que tratam sobre a sexualidade e a comunidade LGBTQIAPN+ nas Ciências Sociais.

Iniciando por Michel Foucault, que no livro “História da Sexualidade 1: A Vontade do Saber” (1988), examinou as dinâmicas de poder e o controle da sociedade, através de um discurso sobre o sexo reprimido, permeado por mutismo. E como o tema da sexualidade foi se alterando ao longo dos séculos para uma incitação discursiva, ou seja, como a vontade de fazer calar se modificou para uma vontade do saber, incitada discursivamente. Isto se assemelha à comunidade LGBTQIAPN+ no fato deste grupo, por muito tempo, ter ficado restringido em bares por medo da violência, o que caracterizaria este sexo reprimido e o mutismo. Porém, a sexualidade passou a ser incitada discursivamente na comunidade LGBTQIAPN+ brasileira, quando estes, segundo Facchini no artigo Histórico da Luta de LGBT no Brasil em “13 de junho de 1980 fizeram uma passeata no centro de São Paulo se revoltando contra a violência que sofriam dos policiais” (FACCHINI, 2011, p.14).

Foucault descreve o processo histórico da sexualidade partindo do século XIV, em que, nesta época, os direitos eram controlados pela lei civil, pelo direito canônico e pela pastoral cristã, tendo como pauta principal, o casamento. Assim, tudo que desviasse desta norma, como a homossexualidade (nesta época, dita como sodomita), sofria punições. Este pensamento permaneceu até o final do século XVIII. Partindo deste momento histórico, ele desenvolveu suas ideias até chegar no século XIX, em que a sexualidade passa a ser tratada sobre a *Scientia Sexualis*, iniciada com o desgaste da religião. Neste momento, a homossexualidade deixa de ser vista como sodomita para se tornar homossexual e passa a ser tratada pela ciência.

Um segundo livro de Foucault citado neste trabalho foi “História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres” (1984). Neste livro, o autor continua tratando sobre a história da sexualidade. Descrevendo sobre o uso dos prazeres, focando principalmente na Grécia Antiga. Uma cultura em que ele entende como importante para estudar o princípio da moralidade sexual e da noção de prazer. Descrevendo que, para os gregos, o prazer fazia parte de um ethos, assim existia uma ética que moderava o desejo, para ser integrado à vida cotidiana e às relações sociais. O prazer nesta cultura não era indulgenciado, nem imposto, mas moderado a fim de ter uma harmonia

na sociedade. A forma de se vivenciar a moral na Antiguidade variava em cada grupo filosófico, mas todos eram regidos por três princípios - a Dietética, a Moral e a Erótica. O autor também contrasta o autocontrole que existia na cultura grega com a culpabilização do prazer existente na tradição cristã, devido ao tabu e ao pecado. Demonstrando que no cristianismo, o sexo seria possível apenas após o casamento heterossexual, como princípio de procriação. Além disso, o sexo homossexual seria percebido como moralmente errado. Descrevendo como herói virtuoso, aquele que conseguisse conter a sexualidade, não caindo em tentação.

O segundo autor da sexualidade é Pierre Bourdieu, que em sua obra “A Dominação Masculina” (2012) descreve como o inconsciente social rege as relações entre os sexos. Desta forma, as pessoas, para este autor, internalizam os *habitus* através das experiências sociais. As divisões sexuais e de gênero se dão pela incorporação de dois tipos de *habitus* distintos. O primeiro é pela *hexis* corporais antagônicas, que distingue homens e mulheres, e o segundo são os princípios de divisão do mundo social aprendidas por homens e mulheres, ou seja, os papéis definidos socialmente para cada gênero. Assim, no livro, o autor mostra a dominação que ocorre na sociedade em função do falo masculino. Neste livro são encontradas várias justificativas em que a sociedade machista ou falocêntrica descreve para esta dominação masculina. Porém, além da dominação em relação às mulheres, também descreve a dominação masculina em relação à outros homens, descrevendo o passivo como inferior. Esta situação foi abordada nas novelas, principalmente dos anos 1980 e 1990, porque houve personagens que se apaixonavam por heterossexuais, colocando o homossexual, numa posição inferior, de chacota, de humilhação a esta paixão, impossível de ser correspondida. Por fim, na parte do anexo do livro, é descrito como o movimento LGBTQIAPN+ (na época de escrita do livro, movimento homossexual) luta contra formas particulares de violência simbólica e como esta comunidade carrega estigmas devido à categorização em que é posta na sociedade.

A terceira autora é Judith Butler, que em sua obra “Corpos que Importam” (2019) retoma a ideia de que gênero seria uma categoria performativa. Além disso, ela descreve que os corpos são materializados por meio de normas, regras e discursos que regulam o que seria um corpo inteligível ou não em uma sociedade. Assim, é possível verificar que a sociedade impõe que alguns corpos, como cis e heterossexual sejam aceitos de acordo com algumas regras e práticas que justificam esta aceitação. Enquanto, corpos da comunidade LGBTQIAPN+ são vistos como ininteligíveis, justificando assim o porquê durante muito tempo a comunidade foi marcada por estereótipos nas novelas e na época da ditadura brasileira não era permitida a existência destes nestas produções televisivas. Porém, a autora mostra formas e possibilidades

nas quais as normas impostas ao gênero podem ser desafiadas e resistidas, como formas de expressão e performatividade que desafiem as regras impostas ao gênero e sexualidade. Desta forma, é possível perceber que, se com o tempo os personagens da comunidade nas novelas passaram a ser tratados com seriedade, é porque houve muita resistência e críticas das pessoas LGBTQIAPN+ contra os estereótipos dos personagens.

O quarto autor é Howard Becker, mais conhecido pelo seu livro “Outsiders: Estudo de Sociologia do Desvio” (2008), no qual ele desenvolve como a sociedade denomina pessoas outsiders ao criar regras que definem os comportamentos aceitos e desviantes. Assim, por vezes, os próprios grupos ou pessoas consideram como outsiders quem impôs a regra como outsiders, se não concorda com ela. O autor demonstra vários desvios e como cada um funciona. Além, de diversas imposições sociais que a sociedade faz. O autor também enfatiza a carreira desviante, ou seja, como as pessoas começam na carreira e faz um passo a passo para adotar identidades e comportamentos que reforçam a rotulação de desviante. Além disso, ele desenvolve que neste grupo desviante se encontra um reforço das identidades e justificações para permanecê-lo, como, por exemplo, mostrando figuras históricas importantes que fazem parte daquele grupo. Assim, é possível perceber que a comunidade LGBTQIAPN+ é vista como outsiders por grupos preconceituosos. E como esses grupos são percebidos também como desviantes pela comunidade, justamente porque o que ocorre na sociedade é uma imposição social de que LGBTQIAPN+ não é um grupo correto, e assim, por saberem que estão corretos, quem pertence a esta comunidade, veem esses preconceituosos como outsiders.

O quinto autor é Erving Goffman, que desenvolveu sobre os estigmas, cuja principal obra é “Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” (2004). Goffman descreve em seu livro o que seria estigma, que é quando uma pessoa é percebida como diferente do que é esperado para a categoria de pessoas, da qual ela faz parte. Ele descreve que as pessoas consideradas com estigmas escondem aquilo que as diferenciam. Assim, no período antes de se assumir, os LGBTQIAPN+, por medo, também tentam esconder a sexualidade e orientação sexual que os diferenciam da socialmente aceita pela sociedade. E por medo desta descoberta, segundo Goffman, as pessoas com estigmas se passarão por não estigmatizados, até que se descubram seu estigma.

Após descrever sobre alguns autores que tratam de alguma forma sobre a sexualidade em suas obras, será abordada a introdução sobre os personagens LGBTQIAPN+. Assim, é importante salientar que as mídias sempre estiveram presentes na vida dos brasileiros, sobretudo as novelas, desde a comunicação via rádio, passando pela popularização da televisão

até os dias atuais. Estas mídias são muito importantes para educar ou reeducar as pessoas sobre vários assuntos, entre eles, a diversidade de pessoas, de amores e de formas de ser. Pensando nessa maneira de narrar que serve tanto para entreter quanto para educar, neste trabalho será analisada a maneira como a representatividade de pessoas LGBTQIAPN+¹ se deram e se transformaram nas novelas brasileiras a partir da década de 1980 até os dias atuais, bem como o próprio público mudou algumas formas de pensar em relação a esta comunidade².

Além da análise da representação LGBTQIAPN+ em novelas, neste trabalho de conclusão de curso também foram descritas narrativas históricas produzidas pelos movimentos sociais. Até a década de 1990, a própria sigla do movimento, Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS), possuía uma primazia masculina, além de trazer o termo “simpatizantes”, que se referia a pessoas identificadas como heterossexuais que apoiava a comunidade. A sigla GLS tempos depois se alterou para Lésbicas, Gays e Simpatizantes (LGS) em decorrência das demandas de movimentos feministas, depois passou a incluir bissexuais e transexuais e retirar simpatizantes, ficando LGBT. Ao longo do tempo, outras identidades de gênero foram inseridas na sigla até obter o formato atual, LGBTQIAPN+ (HMC, 2016).

Ao atentar para as personagens ao longo dos anos, pude perceber três fases da representação LGBTQIAPN+ em novelas brasileiras a partir da década de 1980. A primeira era caracterizada por uma maneira de representação estereotipada, como homens gays afeminados solteiros que eram esotéricos, melhores amigos de personagens femininas e muitas vezes vilões, como Políbio (Guilherme Karan) da novela Partido Alto (Rede Globo, 1984), que era representado como extremamente interesseiro ao se aproveitar de mordomias proporcionadas pela sua amiga Gilda (Suzana Vieira). Além disso, havia algumas novelas com casais, mas não de maneira explícita.

Quando o enredo tentava fugir deste padrão, muitas vezes havia uma pressão dos censores pela morte dos personagens ou para que retirassem cenas que dessem a entender a existência de uma relação. Assim, deixando de modo implícito um relacionamento, como foi o caso de Mário (Cecil Thiré) e Jacinto (Cláudio Curi) em Roda de Fogo (Rede Globo, 1986). Nas primeiras aparições de personagens LGBTQIAPN+ nas novelas, havia ainda outra estratégia de apagamento, ao exibir um casal homoafetivo apenas no último capítulo da novela,

¹ LGBTQIAPN+ é uma sigla que representa as seguintes sexualidades e identidades de gênero: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binário, o sinal gráfico “+” representa o conceito de que há muito mais formas com as quais as pessoas da comunidade se entendem.

² Quando aparecer comunidade ao longo do texto, está se referindo à comunidade LGBTQIAPN+.

como Cláudio (Buza Ferraz) e Inácio (Denis Carvalho), de *Brilhante* (Rede Globo, 1981). Inácio foi apresentado como um homem ligado às artes e que nunca tivera relação com nenhuma mulher, tendo sido forçado pela sua mãe a se casar, mas quando a noiva descobre sobre sua sexualidade, ela rompe o relacionamento. No último capítulo, ele se envolve com um homem. Este formato de relações homossexuais nesses enredos impossibilitava o desenvolvimento da afetividade de tais personagens.

Por muitos anos, essa temática foi abordada apenas nos horários noturnos dos grandes canais midiáticos. Quando era exibida em outros turnos, costumava ser de forma subentendida e estereotipada, com personagens que ocupavam o núcleo de humor, o que reforçava uma imagem dos gays como pessoas em papéis de chacota e humilhação.

A segunda fase de representação de personagens LGBTQIAPN+ foi marcada pelo fim da censura. Este momento, mesmo com a persistência da presença de alguns estereótipos, principalmente os de humor, também mostrou algumas abordagens sérias. Nesta fase, alguns personagens queridos, por serem engraçados, começaram a ser aceitos. É notada esta aceitação de personagens cômicos com Zaqueu (João Alberto Pinheiro) de *Pantanal* (Rede Manchete - 1990). Apesar de ser aceito, este personagem sofria escárnio e humilhação e não tinham uma história própria. A única questão abordada sobre ele foi se apaixonar por um personagem heterossexual, outro estereótipo que era muito retratado nesta época. Quanto ao retrato de abordagens sérias da comunidade, uma novela que teve a abordagem desta forma foi *Renascer* (Rede Globo, 1993), que retratou a intersexualidade através da personagem Buba (Maria Luísa Mendonça). Esta personagem foi retratada com veracidade, apesar de ser chamada erroneamente como hermafrodita. Além deste retrato, mostrava o desejo da personagem em ser mãe. Abordando assim que as pessoas da comunidade têm anseio, assim como pessoas heterossexuais e cis. Devido à popularidade da personagem na época de exibição da novela, o tema da intersexualidade (ou hermafroditas, como era denominado na época) foi abordado em várias mídias, como jornais e revistas. Esse exemplo mostra que, apesar de nesta fase haver estereótipos, foi necessário ter personagens retratados com seriedade para aprofundar a personalidade da comunidade LGBTQIAPN+.

Por fim, a terceira fase tem um foco nesta temática, mais séria, caso do personagem Ivan (Carol Duarte), de *A Força do Querer* (Rede Globo, 2017). A novela foi marcada pela forma séria de abordar o sofrimento que uma pessoa transexual passa. O enredo mostra a trajetória de uma pessoa transexual, desde antes de Ivan se descobrir, o seu sofrimento e descoberta junto com o público. Um exemplo em outra novela é *Julinho* (André Arteché), em

Tititi (Rede Globo, 2011), mesmo em uma novela conhecida pela maneira caricata de suas personagens, o desenvolvimento afetivo desse personagem mostrou com seriedade o amor entre ele e Osmar (Gustavo Leão), que morreu em um acidente, a trama não deixou de mostrar como Julinho ficou abalado. Além de mostrar a luta para que a família do namorado o aceitasse. Ao mostrar a transformação de uma família que havia expulsado o filho de casa por ser gay, o enredo construiu de forma naturalizada o amor de Julinho, mostrando o amor homossexual com uma seriedade. Além disso, tratava-se de um gay afeminado sem caricatura, algo também inédito. A partir desta novela outras abordaram a homoafetividade com a mesma seriedade.

Paralelo ao que acontecia com personagens e enredos de novelas, alguns avanços e direitos foram alcançados pela comunidade LGBTQIAPN+, como a legalização do casamento homoafetivo e da adoção homoparental. As tramas passaram a trazer mais demonstrações de afetos, como os beijos entre pessoas do mesmo sexo. Houve uma mudança no próprio público, que pedia e reforçava o desejo de ver demonstrações explícitas de afeto. Como o beijo de Félix e Niko, em que houve grande torcida no *Twitter* para que ocorresse, ficando em alta a *hashtag* “#beija logo” durante a exibição da novela (GAYS DE, 2014). Outras representações mais sérias também aconteceram em outros horários, como casais homossexuais e beijos na *Malhação*, na novela das seis e na novela das sete da Rede Globo. Houve também o desenvolvimento de casais homossexuais entre pessoas idosas, como em *Babilônia* (Rede Globo, 2015), que mostrou um beijo lésbico entre duas mulheres idosas logo no primeiro capítulo. Esta novela foi importante, pois levantou ainda outros questionamentos e mais alterações na sociedade, por mostrar que o romance entre pessoas do mesmo sexo não é algo apenas de agora, e nem apenas de jovens. O que antes causava burburinho e efervescência na internet, quando personagens homossexuais se beijavam, nas últimas novelas não apareceram tantas críticas em relação a este tipo de cena. Como em *Bom Sucesso* (Rede Globo, 2019), por exemplo, o beijo entre William (Diego Montez) e Pablo (Rafael Infante) se deu de uma forma mais naturalizada como qualquer outro beijo seria.

Outra novela marcante foi *Liberdade Liberdade* (Rede Globo, 2017), que trouxe a primeira cena de sexo, entre dois homens, André (Caio Blat) e Tolentino (Ricardo Pereira). O enredo se passava no começo do século XIX, numa época em que ser homossexual ainda era motivo de punição no Brasil, e por isso a novela acabou com um fim trágico, com André sendo enforcado em praça pública.

Estrutura do Trabalho

A década de 1970 foi posta apenas como uma contextualização, portanto, só descrevi a parte histórica, porque não encontrei dados suficientes para embasar uma argumentação sobre os personagens desta década. Assim, optei por começar a partir da década de 1980, em que há mais dados dos personagens. Elegi importante separar o trabalho em capítulos e fases. Os capítulos foram separados por décadas, o primeiro indo de 1980 a 1988, o segundo de 1989 a 1999, o terceiro de 2000 a 2011 e o quarto de 2011 a 2019. A história das novelas foi dividida em três fases, a primeira sendo na década de 1980, predominando personagens estereotipados como vilões, criminosos, associados ao humor e ao esoterismo. Além disto, havia a influência da ditadura até 1985 e da censura até 1988. Depois, na segunda fase, após o fim da ditadura e da censura, houve uma representação com menos estereótipos dos personagens, embora alguns permanecessem, como a associação dos personagens da comunidade ao humor. Nesta fase, começam a aparecer personagens da comunidade retratados com maior seriedade, mas sem demonstrações de afeto. Por fim, na terceira fase, os personagens da comunidade foram representados com seriedade, passando a ter algumas demonstrações de afeto, como beijos, selinhos, e até cena de sexo. Porém, apesar de haver esta separação das características por fase, há personagens de determinada fase que se parecem com características de outra fase. Por exemplo, na década de 1980 tem as personagens lésbicas de Vale Tudo (Rede Globo, 1988) que se parecem com a segunda fase, mas por sofrer com a censura, foi inserida na primeira fase. Optei por separar a história dos personagens LGBTQIAPN+ em fases para ter um recorte de acordo com algumas características semelhantes que aparecem ao longo do tempo. Outra característica tão marcante ao longo do trabalho são as nomenclaturas “mais sério” ou “seriedade” que se referem aos personagens que tenham um certo desenvolvimento ao longo da trama, têm o lugar social mais estruturado e apresentam verossimilhança com vivências e lutas de pessoas LGBTQIAPN+. Estas nomenclaturas fazem oposição à “estereotipados” que são personagens sem desenvolvimento, com traços de vilania, ligados à criminalidade, presentes em núcleo de humor e com traços de afetação (quando os personagens retratam a comunidade LGBTQIAPN+ com caricaturas).

Este TCC está organizado conforme a cronologia dos personagens da comunidade LGBTQIAPN+ em telenovelas brasileiras e o contexto em cada década, que influenciou e foi influenciado pela recepção do público, da censura por parte de um governo autoritário e da construção de um movimento social organizado. Sendo dividido em 4 capítulos, no primeiro serão apresentados o contexto do final da ditadura militar brasileira na década de 1980 e a

censura à personagens da comunidade LGBTQIAPN+. Em seguida, no segundo capítulo, já em um contexto pós-censura, veremos alguns personagens com abordagem mais séria, apesar de ainda haver alguns estereótipos. O terceiro capítulo inicia a terceira fase, ao mostrar uma naturalização e aceitação do público em relação aos personagens da comunidade nos anos 2000. Assim, nesta década, apesar de manter alguns estereótipos, foram mostrados personagens com mais seriedade, mostrando vivências reais e o começo da questão do afeto, com alguns selinhos, apesar de ainda ser tabu neste momento. Por fim, no quarto capítulo, na continuação da terceira fase, há um começo da naturalização de cenas com beijos, casamentos e até a presença de uma cena de sexo, apontando para uma presença maior dos personagens LGBTQIAPN+ com seriedade em todos os horários de telenovelas. Porém, ainda houve alguns personagens com estereótipos. Estes dois últimos capítulos serão divididos entre personagens com estereótipos e personagens com seriedade. Para esta pesquisa, portanto, foram coletadas informações e enredos de 39 novelas desde a década de 1980, assim, para deixar o trabalho mais conciso, foram selecionadas as mais relevantes para uma compreensão do tema proposto, não sendo possível abordar todas por ter uma vasta quantidade. Além disso, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a história do movimento social da comunidade LGBTQIAPN+ (FACCHINI, 2011; VIEIRA, 2020); sobre Ciências Sociais e o estudo de mídias (ALMEIDA, 2001; SOUZA ALMEIDA, 2017); além de estudos clássicos para ajudar na reflexão sobre representações individuais e representações coletivas (DURKHEIM, 1970), os conceitos de outsiders (BECKER, 2008), estigma (GOFFMAN, 1981), dominação masculina (BOURDIEU, 2012), performatividade de gênero (BUTLER, 2019) e a história da sexualidade: A Vontade de Saber (FOUCAULT, 1988) e O Uso dos Prazeres (FOUCAULT, 1984). Para ter acesso às reações do público telespectador, foram consultadas diversas matérias e artigos em jornais, revistas, sites de fofoca e blogs sobre novelas das grandes emissoras da mídia brasileira.

Objetivo:

Este trabalho teve como objetivo central analisar a mudança no modo de pensar da sociedade e do público em relação à comunidade LGBTQIAPN+ a partir da representatividade desse grupo nas novelas brasileiras ao longo de quatro décadas (1980-2019). A pesquisa buscou identificar como a censura e as reações do público influenciaram e determinaram a construção narrativa dos personagens nessas produções da teledramaturgia brasileira, além de compreender como a mudança na forma de representação dos personagens contribuiu para alterar o pensamento social sobre este grupo.

Além disso, este estudo buscou entender como a representação de personagens LGBTQIAPN+ em uma novela impacta negativa ou positivamente os telespectadores, seja pelo reforço de estereótipos e preconceitos ou pela quebra de um tabu, contribuindo para a aceitação ou não de uma pessoa pela sociedade.

Metodologia:

A análise deste trabalho foi feita por meio de uma abordagem qualitativa, verificando como os personagens LGBTQIAPN+ foram representados ao longo de quatro décadas (1980 – 2019) e o impacto que essas representações tiveram sobre a sociedade brasileira e a comunidade.

A obtenção dos dados desta pesquisa foi feita em ambiente virtual. Desta forma, para acessar as histórias dos personagens, as reações do público e da comunidade LGBTQIAPN+ foram consultadas páginas da internet, artigos acadêmicos, blogs especializados em novelas, matérias e artigos publicados em jornais e revistas online. Além disso, teve como base as revisões bibliográficas sobre a história da comunidade LGBTQIAPN+ feita por Regina Facchini (2011) no artigo “Histórico da Luta de LGBT no Brasil”, e a notícia “A luta nunca termina”, escrita por William Vieira (2020). Por fim, foram utilizados livros clássicos de autores das Ciências Sociais para embasar a argumentação e a reflexão teórica sobre o tema abordado neste trabalho, incluindo “História da Sexualidade 1: A Vontade do Saber” (1988) e “História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres” (1984) de Michel Foucault, “A Dominação Masculina” (2012) de Pierre Bourdieu, “Corpos que Importam” (2019) de Judith Butler, “Outsiders: Estudo de Sociologia do Desvio” (2008) de Howard Becker, “Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” (2004) de Erving Goffman e “Representações individuais e representações coletivas” (1970) de Émile Durkheim.

Inicialmente, foram identificadas mais de oitenta novelas com personagens LGBTQIAPN+. Porém, para viabilizar a análise deste trabalho, foi necessário fazer algumas seleções. Na primeira etapa, foram mantidas apenas as novelas que tivessem informações detalhadas sobre as histórias dos personagens, retirando assim aquelas que não tinham características mais elaboradas, nem reações do público ou da comunidade LGBTQIAPN+. Em seguida, foram priorizados os personagens que mais foram citados em artigos acadêmicos e dissertações. Neste processo foi determinado duas nomenclaturas opostas para classificar os personagens: estereótipo/estereotipado (que se refere aos personagens com traços de vilania, ligados à criminalidade e que parecem caricaturas) e seriedade/mais sério (que se refere aos personagens que apresentam verossimilhança com as vivências das pessoas LGBTQIAPN+). Estas classificações foram importantes nesta segunda seleção, pois era mais comum nos trabalhos acadêmicos e dissertações que aparecessem personagens com seriedade. No entanto, como um dos meus objetivos era mostrar a mudança na representação dos personagens, mantive personagens LGBTQIAPN+ estereotipados que tinham algum detalhamento de sua trajetória e personalidade. Por fim, na terceira seleção, ainda havia muitos personagens com características e histórias parecidas em uma determinada década. Para facilitar a análise, optou-se por manter os personagens mais importantes e com maior quantidade de dados e reações da sociedade, da censura e da comunidade. No entanto, foi encontrada maior dificuldade no período da década de 2010. Dessa forma, no quarto capítulo (referente a esta década) foram agrupados personagens de acordo com classificações temáticas, como beijo, casamento, idosos LGBTQIAPN+, diferenciando dos capítulos anteriores, em que foi descrito e argumentado novela por novela.

Apesar de os personagens LGBTQIAPN+ terem começado a aparecer nas novelas a partir da década de 1970, não foram encontrados dados suficientes desta década para poderem ser analisados. Por isso, este trabalho pautou-se em materiais que abordavam personagens LGBTQIAPN+ nas telenovelas a partir da década de 1980.

A fim de classificar e facilitar a organização da pesquisa, apresentando como o público, a comunidade e a representatividade dos personagens mudaram ao longo das décadas, houve uma divisão deste trabalho em três fases, de acordo com um recorte temporal e com contextos históricos semelhantes que determinaram a narrativa das novelas. Com isto foi determinada que a primeira fase seria a década de 1980, em que predominava personagens estereotipados como vilões, criminosos, associados ao humor e ao esoterismo. E no qual, a censura influenciava em todas as produções, não sendo diferente com as novelas. A segunda fase foi

iniciada a partir do fim da ditadura e da censura, sendo pautada principalmente a década de 1990, no qual diminuiu a representação de personagens com estereótipos e começaram a aparecer personagens da comunidade retratados com maior seriedade, mas sem demonstrações de afeto. Por fim, na terceira fase (década de 2000 e 2010), os personagens da comunidade foram representados com seriedade e veracidade, passando a ter algumas demonstrações de afeto, como beijos, selinhos e até cena de sexo. As décadas de 2000 e 2010 foram colocadas como sendo uma fase única por ambas terem semelhanças nas representações e devido às lutas sociais da comunidade estarem mais consolidadas que em outras décadas.

2. Primeira fase: ditadura e censura de personagens da comunidade LGBTQIAPN+

Na década de 1980, que foi selecionada como a primeira fase na representação de personagens LGBTQIAPN+, o Brasil passava pela ditadura e principalmente pela censura, não sendo possível ter uma abordagem muito profunda da comunidade. Nesta fase, os personagens tinham a sexualidade abordada de forma implícita, além de ter muitos estereótipos associados a vilania, como personagens criminosos, assim eram sempre associados a algo negativo ou inseridos em núcleos cômicos, com a intenção de associar personagens da comunidade a chacota e humilhação.

2.1) Contextualização da comunidade LGBTQIAPN+ na década de 1980

Antes de descrever os diversos personagens exibidos ao longo do recorte temporal proposto, foi preciso apontar alguns momentos históricos desta comunidade e do movimento social de pessoas LGBTQIAPN+ para enriquecer este trabalho. Segundo Regina Facchini (2011), a comunidade começou a se fortalecer politicamente nas décadas de 1960 e 1970. Assim:

Estas décadas marcaram uma crescente visibilização e radicalização desse movimento. [...] Tendo como grande marco internacional, a revolta de Stonewall, um bar de frequência homossexual em Nova York. Constantemente abordados pela polícia, os frequentadores deste bar partiram para o confronto aberto com os policiais em 28 de junho de 1969, data que se internacionalizou como o Dia do Orgulho Gay. (FACCHINI, 2011, p. 11).

Assim como em outros países, no Brasil, no final de 1970 surgiu o primeiro grupo militante homossexual, o Grupo Somos. Uma primeira reunião de militantes ocorreu em 1979 no Rio de Janeiro, em que lutavam pelo respeito à “opção sexual” (até então, denominado assim pela própria comunidade). Em 1980 surge o primeiro grupo lésbico depois de uma cisão com o Grupo Somos-SP (FACCHINI, 2011). Em 13 de junho de 1980, ocorre um protesto no centro de São Paulo contra a violência policial que sofriam, e contra o projeto “operação limpeza” (ordem dada pelo delegado José Wilson Richetti para retirar a população da comunidade LGBT do centro paulistano, local onde este grupo se reunia). Este marco ficou conhecido como o Stonewall brasileiro. Neste mesmo ano surge o Grupo Gay da Bahia, que ajudou a fortalecer o movimento no Nordeste e teve grande influência, sendo Luiz Mott um de seus fundadores (FACCHINI, 2011; VIEIRA, 2020).

Em 1983 eclodiu a primeira fase da epidemia do vírus HIV/Aids, reduzindo grupos que tratavam sobre pautas sociais para os homossexuais, porque os militantes precisaram se reunir

em forma de ONGs para se mobilizarem contra a doença, elaborando demandas e fazendo assistência às pessoas enfermas, já que o governo não se mobilizava neste período. Neste contexto, os grupos Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, e o Grupo Gay da Bahia promoveram uma ação para garantir direitos civis dos homossexuais e ações contra violência e discriminação (FACCHINI, 2011).

Em outro momento histórico da comunidade LGBTQIAPN+ na década de 1980, começou uma construção favorável em torno da imagem deste grupo, que havia sido ainda mais estigmatizada por conta da AIDS. Para que, com isto, pudesse reivindicar seus direitos. Nesta época, passou a ser adotado o termo orientação sexual, o que mostrava não se tratar de escolha, mas de uma orientação, em que a pessoa vai se orientando e se descobrindo ao longo da vida. A adoção deste termo foi importante para as mudanças que ocorreriam a partir de então, a primeira foi a tentativa feita pelo grupo Triângulo Mineiro de colocar este termo na Constituição Federal de 1988. Porém, não obteve êxito, mas esta nomenclatura foi posteriormente incluída em legislações de vários estados e municípios na luta contra o preconceito (FACCHINI, 2011).

A luta contra o autoritarismo na década de 1980 se refletia também na mídia, pois a comunidade propôs que se abordasse os LGBTQIAPN+ com maior seriedade, mas não foi ouvida. Assim, os personagens eram estereotipados e censurados, pois as novelas passavam por uma avaliação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCPD) (SILVA; SANTOS; ANDRADE, 2014, p. 6 - 7).

2.2) Oposição entre personagens com seriedade e com estereótipos: *Brilhante* e *Partido Alto*

A primeira novela da década de 1980 foi *Brilhante* (Rede Globo, 1981), em que aparecia o personagem Inácio (Dennis Carvalho) com sua sexualidade de forma subentendida. O autor Gilberto Braga contou ao Memória Globo, que devido à censura e por não poder usar nem a palavra homossexual nos diálogos, teve dificuldades com o andamento da trama (XAVIER, *[s.d.]*). O personagem Inácio era filho de Chica (Fernanda Montenegro) e Vitor (Mário Lago). Sua mãe tinha uma fixação em ver o filho casado e devido a esta fixação Inácio era reprimido. A protagonista da trama é Luiza (Vera Fischer), escolhida para se casar com Inácio, mas entra em conflito com Chica, quando descobre que Inácio é gay. Devido à censura, Inácio teve que assumir a empresa da família e manter um relacionamento de fachada. Assim, se casa com Leonor (Renata Sorrah), após a morte de seu pai. Apenas na reta final da trama foi

revelado que Inácio tinha um namorado, Cláudio (Buza Ferraz), e ele ficou com este no final (PERET, 2005).

Nesta novela foi notável como valores sociais muitas vezes impostos contra nossas vontades individuais são aplicados na tentativa de esconder quem se é por medo da reação dos outros, como Inácio se sujeitando ao casamento heterossexual ou se escondendo por medo da reação da mãe. Também foi notado como valores tradicionais impostos desde o nascimento podem afetar a vida de toda uma comunidade, pois devido a estes valores, Inácio teve que se sujeitar ao que sua mãe queria.

Apesar de haver no horário nobre (novela das nove), Inácio, um personagem sem estereótipos (pois abordava a homossexualidade sem inferiorizá-la e sendo o mais perto da realidade), o que era mais comum eram personagens estereotipados (como vilões ou para ser humilhado), como Políbio (Guilherme Karan) e Raposo (Guaracy Valente) de Partido Alto (Rede Globo, 1984), novela das oito de Aguinaldo Silva e Glória Perez. Políbio era vidente, aplicava golpes e pertencia ao núcleo de humor (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]), três características que foram bem marcantes no histórico dos personagens gays com algum estereótipo.

Políbio era submisso à interesseira Gilda (Susana Vieira), e se passava por guru para dar golpes nela e roubar o dinheiro que ela dava em confiança. Assim, apesar de submisso, ele também influenciava no comportamento de Gilda. Já Raposo era secretário e comparsa nos golpes de Políbio, e aparecia bem pouco na novela. Raposo fez tanto sucesso, que entrou em moda as lojas de produtos esotéricos (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Um aspecto importante é a diferença da reação do público desta época em relação aos personagens das duas novelas, um com estereótipo e outro sem. Inácio foi censurado e precisou ter a sexualidade suprimida na novela por um tempo devido ao público e a censura não aceitar um personagem gay retratado de forma séria. Enquanto Políbio, por ser caricato e cômico, foi adorado pelo público e não sofreu censura. Isto mostra que o público não queria ver os LGBTs como são realmente, mas apenas numa posição de chacota e humilhação. Desta forma, o público e a censura, com a aceitação de representação com estereótipos, reforçavam estruturas sociais opressivas de dominação aos quais LGBT sofrem, em que Bourdieu (2012) descreve:

A forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. [...] A opressão como forma de

"invisibilização" traduz uma recusa à existência legítima, pública, conhecida e reconhecida, por uma estigmatização. (BOURDIEU, 2012, p. 143 - 144).

Em analogia á Bourdieu (2012), é possível compreender o porquê destes personagens terem aceitações diferentes. Isto ocorreu pois, na década de 1980, o retrato que os conservadores queriam passar para o público, era que pessoas LGBTQIAPN+ estavam numa posição inferior na sociedade, ou seja, numa posição de chacota, humilhação e com vários estereótipos. Por isso, Políbio, além de ser aceito, não sofreu censura, enquanto Inácio que representava com mais seriedade a comunidade, teve sua história alterada. Esta imagem que queriam passar sobre este grupo representava uma realidade infidedigna, mas, devido à ditadura e à comunidade estar no começo da luta por reconhecimento não tinham como representar estas vivências de forma adequada, sem sofrer represálias. Portanto, neste momento inicial, por mais que alguns autores tentassem, não conseguiam representar personagens LGBTQIAPN+ com seriedade.

2.3) Personagens trans/travestis com estereótipos: Um Sonho a Mais

A novela das sete Um Sonho a Mais (Rede Globo, 1985) de Daniel Más e Lauro César Muniz, também foi marcada por uma estigmatização, pois tinha um núcleo de personagens ditos como travestis, mas que na verdade eram *crossdresser* (que são pessoas que se vestem de gênero oposto por alguma motivação, como hobby, ou no caso da novela, fugir de alguma situação).

Nesta novela tinha Anabela (Ney Latorraca), Florisbela (Marco Nanini) e Clarabela (Antonio Pedro). A história trata de Antônio Carlos Volpone, que vinte anos antes fugira da acusação de assassinato do pai de sua noiva. Porém, após ficar rico no exterior, volta para reconquistar sua amada e provar sua inocência. Para realizar seus planos assume alguns disfarces, entre eles o de Anabela, e conta com Mosca, seu secretário, que também se disfarça de Florisbela (XAVIER, [s.d.]).

Em dado momento da novela, Anabela desperta a paixão de Pedro Ernesto (Carlos Kroeber) e se casa no civil com ele, onde rolou o primeiro selinho entre dois atores do mesmo sexo. Porém, ambos nunca se envolveram sexualmente, e assim Ernesto nunca soube que Anabela era Volpone, nem mesmo depois da separação (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Esta novela também sofreu com a censura e rejeição dos telespectadores, assim, em dado momento da novela, os personagens coadjuvantes deixaram de usar as vestimentas femininas e Anabela teve sua participação reduzida, focando apenas em Volpone. O Casamento de Anabela e Pedro Ernesto quase foi censurado. Também teria um beijo entre Volpone, travestido de Anabela, e

sua amada Stela (Silvia Bandeira), porém foi censurado, com a alegação de que seriam duas mulheres se beijando (XAVIER, *[s.d.]*).

Por meio desta novela, podemos perceber que, na década de 1980, infelizmente, as pessoas trans eram tratadas com descaso. Assim, devido aos personagens *crossdresser* terem sido erroneamente denominados como transexuais, não ajudava a quebrar o preconceito em torno das pessoas desta sigla, podendo levar o público a acreditar que pessoas trans poderiam retornar ao seu gênero biológico, assim como *crossdresser* fazem. Esta confusão do autor, pode ser relacionada, em analogia, à resposta de Butler (2019) aos críticos de seu livro, pois ela demonstra que performatividade não seria uma pessoa se vestir do gênero oposto e à noite retomar ao seu gênero biológico. Portanto, este pensamento social da época da novela estava errado e contribuía com o preconceito, e não com a explicação para o público do que seria ser uma pessoa trans. O trecho de Butler (2019), usado em analogia com a argumentação, está citado a seguir:

[...] se eu tivesse argumentado que os gêneros são performativos, isso poderia significar que eu pensava que uma pessoa acorda de manhã, examina o armário ou algum outro espaço mais aberto para o gênero de escolha, veste o gênero para aquele dia e, então, recoloca a peça de roupa em seu lugar à noite (BUTLER, 2019, p. 15).

Como demonstrado em analogia ao trecho de Butler (2019), a comunidade trans sofreu muito descaso na década de 1980 devido ao preconceito, à censura e à ditadura. E ainda mais, eram retratadas de forma cômica, sendo assim, percebidas como alvo de sarcasmo e humilhação. Portanto, por medo da censura e do conservadorismo, esta novela não contribuiu com uma educação, para o público, da vivência das pessoas desta sigla e pode ter dificultado o autorreconhecimento de indivíduos que passavam pelo processo de autoaceitação.

2.4) Personagem gay censurado em Roque Santeiro

Na novela das nove, Roque Santeiro (Rede Globo, 1985), de Dias Gomes e Aguinaldo Silva, havia o personagem João Ligeiro (Maurício Mattar), que era mostrado como um personagem com dúvidas existenciais, ele era coadjuvante, irmão de Roque (José Wilker) e filho de Beato Salu (Nelson Dantas). O personagem vivia recusando a namorada Dondinha (Cristina Galvão). Porém, por não poder mostrar a sexualidade dele, os autores mudaram a trama e o personagem rendeu-se ao amor de Dondinha, mas depois foi morto por um jagunço em uma tocaia armada contra Roque. Aguinaldo Silva disse que “devido aos censores não aceitarem a homossexualidade de João, precisou matá-lo, algo que não estava previsto” (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Roque Santeiro foi um marco na televisão por marcar ao mesmo

tempo o início da censura e o fim da ditadura, mas não da censura. Porque a novela seria exibida em 1975, mas na estreia foi proibida pelo Departamento de Ordem Política e Social do governo federal, sendo a primeira novela a ser proibida de ir ao ar. Além disso, após 10 anos, no governo Sarney, a novela pôde ser exibida, mas precisou ainda manter de fora algumas questões, como a homossexualidade. Em outubro de 1985, após uma crítica de Dias Gomes, o ministro da Justiça Fernando Lyra proibiu qualquer corte na trama. Porém, já era tarde, pois a história de João Ligeiro já havia sido alterada (XAVIER, [s.d.]).

Segundo Howard Becker (2008), a classificação de desviante depende da reação dos outros, assim, podemos relacionar a censura que ocorreu nesta novela com a teoria deste autor. Porque, de início, os autores de Roque Santeiro não viram problema em o personagem ser gay, porém, a censura o classificou como algo desviante e que não poderia ocorrer. Desta forma, devido ao desvio não estar no próprio comportamento, mas na reação a ele, foi esta reação do órgão de censura que classificou o personagem como desviante ao padrão aceito e imposto pela sociedade, e não o fato de ser gay em si. Por outro lado, como os outsiders veem as pessoas que impuseram as regras como culpadas, Dias Gomes viu os censores como errados e se manifestou, conseguindo fazer com que a censura parasse de perseguir a novela. Esta classificação do que é desviante, segundo Becker (2008), está no seguinte trecho:

Se tomamos como objeto o comportamento rotulado de desviante, devemos reconhecer que não podemos saber se um ato será categorizado como desviante até que a reação dos outros tenha ocorrido. Desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele. [...] Outsiders, do ponto de vista da pessoa rotulada desviante, podem ser aquelas que fazem as regras de cuja violação ela foi considerada culpada. (BECKER, 2008, p.27)

Em analogia aos termos de Becker (2008), é possível verificar que esta classificação de outsider, por não estar no comportamento em si da pessoa, mas na forma como o outro o percebe, representa os conflitos sociais quando as regras impostas socialmente são desafiadas. Portanto, Roque Santeiro, por tentar desafiar as normas que prevaleciam na época da ditadura, sofreu várias represálias e teve seu personagem João Ligeiro notado como censurável. Mas, como Dias Gomes, autor da novela, percebeu a perversidade desta situação, se manifestou classificando os censores como errados, ou nos termos de Becker (2008), como outsider. Assim, esta classificação, tanto de um lado, quanto de outro, revelou os conflitos que existiam nesta época entre os censores e os autores que queriam escrever narrativas de forma favorável à comunidade.

2.5) Personagens gays com estereótipos de vilão: Roda de Fogo

Roda de Fogo (Rede Globo, 1986) de Lauro César Muniz e Marcílio Moraes, contou com Mário (Cecil Thiré) e Jacinto (Cláudio Curi). Mário era coprotagonista e advogado do protagonista Renato (Tarcísio Meira) e Jacinto era coadjuvante. Mário apreciava coisas exóticas: comidas, roupas e objetos. Nunca namorou, era um observador malicioso. Era violento e sádico. Mário era apaixonado pelo patrão. Já Jacinto é copeiro de Mário, sendo o único empregado que Mário confia. Jacinto, no passado, torturou Maura. A relação entre os dois ocorre de modo implícito, porque a censura cortou algumas cenas e diálogos da novela. Os dois personagens gays morreram no final da novela (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Nesta novela, foi possível perceber que os censores aceitavam a representação de personagens da comunidade LGBTQIAPN+ em papéis negativos, como torturadores, mas não permitiam tratar a sexualidade destes de forma verossímil. Esta forma de representatividade não contribuía para a autoidentificação das pessoas LGBTQIAPN+ e nem favorecia para o público entender a sexualidade de forma favorável. Desta forma, é possível verificar que a sexualidade nesta época era tratada de forma repressiva, e silenciada, análoga ao que Foucault (1988) descreve sobre o contexto histórico do século XVII no seguinte trecho:

[...] É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. [...] Isso seria próprio da repressão que funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (FOUCAULT, 1988, p.10).

Como argumentado em analogia a Foucault (1988), a abordagem da sexualidade nesta década era tratada de forma repressiva e silenciada devido ao conservadorismo e à censura, o que favorecia a não representação das vivências de pessoas da comunidade de forma autêntica. Desta forma, os censores tentavam de alguma forma fazer desaparecer a existência da manifestação de vivências desta comunidade.

2.6) Personagens lésbicas em Vale Tudo

Na luta contra a estereotipação dos personagens da comunidade, a novela Vale Tudo (Rede Globo, 1988), no horário das oito e de autoria de Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères, levantou a questão de herança num relacionamento homoafetivo, algo extremamente inovador para a época. Assim, Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska) moravam juntas há 12 anos e tinham uma pousada em Búzios. Cecília era irmã de Marco Aurélio (Reginaldo Faria), um corrupto, que não aceitava o relacionamento dela com outra mulher, e por isso não tinha contato com a irmã. Quando Cecília morre e deixa seus bens e a pousada para Laís, Marcos Aurélio tenta brigar na justiça com a cônjuge da irmã para pegar

a pousada que era o estabelecimento das duas (XAVIER, *[s.d.]*). Isto mostrava a injustiça que muitas pessoas da comunidade passavam e que acabavam perdendo o que era seu por não ter uma lei que os protegesse. Marcos Aurélio era um vilão corrupto e esta oposição foi algo bem marcante, pois até então era mostrado como vilões os personagens da comunidade LGBTQIAPN+, mas nesta novela, além das personagens lésbicas não terem estereótipos, os vilões eram quem fazia oposição aos personagens da comunidade.

No final da novela, a saída, por não haver uma lei de sucessão legal, foi a jornalista Solange (Lídia Brondi) ameaçar levar o caso ao jornal, o que causaria um escândalo por revelar a relação homoafetiva, assim Marcos Aurélio deixou os bens para a namorada da irmã. No fim da novela, Laís conheceu e ficou com Marília (Bia Seidl) (SANTANA, 2022). Esta forma em que foi resolvida esta história ocorreu devido ao preconceito e conservadorismo da época, pois ao invés de ameaçar mostrar na mídia como Marcos Aurélio estava querendo roubar os bens de Laís, o que se ameaçou foi mostrar o relacionamento de Laís com a irmã dele, assim, apesar de não representar as personagens da comunidade como vilãs, a resolução para o conflito da trama ainda se baseava na ideia de que o relacionamento era moralmente errado.

Essa novela também sofreu com a censura. Assim, na novela não se podia falar sobre discriminação sexual, tendo sido necessária a reescrita de algumas falas de Laís e Cecília com outros personagens, em que falavam sobre os preconceitos que sofriam, inclusive por hóspedes da pousada. Porém, esta foi uma das últimas novelas a sofrer intervenção do órgão Federal, pois neste mesmo ano foi promulgada a Constituição Federal de 1988 (SANTANA, 2022).

Em um contexto de censura, Vale Tudo, apesar da forma como chegou à conclusão sobre a questão da herança, foi importante por mostrar uma realidade, na qual as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ passavam, em que além de sofrer pela perda da pessoa amada, ainda tinham que lutar contra a família, para não perder os seus bens. Possibilitando assim, que alguns telespectadores se sensibilizassem com as vivências retratadas e mudassem a forma de pensar, efeito comum dessa forma de mídia em relação ao seu público, que além de entretenimento, também pode ser vista como um instrumento de conscientização, reflexão e de mudança social, como mostra Jeanffer Almeida (2017):

É importante lembrar que este meio de comunicação está presente diariamente na vida de muitas pessoas, exercendo um papel fundamental para a reconstrução social. [...] Através de seus paradigmas impostos na vida social, a televisão exerce um papel fundamental na formação e nas atitudes da sociedade, condicionando as percepções e representações sociais da pessoa. (ALMEIDA, 2017, p. 11-12)

Conforme argumentado, as novelas não são apenas uma forma de entretenimento, mas de conscientização. Desta forma, é notável que, por esta ser uma das últimas a sofrer com a censura e consequentemente ter um impacto menor deste órgão de repressão, foi possível a abordagem, de forma fidedigna, das dores e vivências que uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+ passa. Fazendo assim, com que a história de Laís impactasse o público que assistia à novela.

2.7) Conclusão do Capítulo

Conforme apresentado neste capítulo, na década de 1980 (primeira fase), a comunidade lutava para ser representada de forma mais realista nas mídias. Porém, nas novelas, os personagens LGBTQIAPN+ tinham muitos estereótipos, como o de vilania, sendo personagens criminosos. Desta forma eram sempre associados a algo negativo. Nesta fase, não tinha a presença de casais ao longo da novela, ou quando tinha eram por poucos capítulos, como em Vale Tudo (Rede Globo) ou de forma subentendida, como em Roda de Fogo (Rede Globo). Além disso, muitos personagens foram retirados do enredo devido à censura ou ao preconceito do público. Esta situação mostrava que era preciso representar os personagens de forma mais análoga com a realidade, o que só foi possível nas fases subsequentes, porque, nesta, sofria com a censura.

3. Segunda fase: pós-censura, personagens com abordagem mais séria e estereótipos

Na década de 1990 (segunda fase), apesar do fim do órgão de censura, muito presente na década de 1980, ainda permaneciam alguns estereótipos, como personagens que serviam apenas como núcleo de humor. Um exemplo disto é Zaqueu de Pantanal (Rede Manchete), que não tinha desenvolvimento na novela, além de ser alívio cômico. No entanto, é importante lembrar do contexto da década anterior, na qual a comunidade LGBTQIAPN+ lutava por visibilidade e representatividade mais séria nas mídias. Contudo, apesar de ainda haver estereótipos, esta luta surtiu algum efeito, pois nesta década aumentou a quantidade de personagens retratados com maior seriedade. Também começaram a aparecer mais casais LGBTQIAPN+ de forma explícita, algo que não era possível na década de 1980 devido à ditadura e à censura. Contudo, estes casais não tinham cenas de afetos. Nesta época, a comunidade começava a se manifestar contra personagens estereotipados ou quando personagens sérios eram retirados da novela.

3.1) Contextualização da comunidade LGBTQIAPN+ na década de 1990

Retomando o processo histórico da comunidade LGBTQIAPN+, no início dos anos 1990, com o acúmulo de experiência, a comunidade passou a coordenar projetos de prevenção à Aids, o que fez com que alguns grupos do movimento se tornassem ONGs. Houve um aumento dos números de grupos e a comunidade LGBTQIAPN+ se expandiu para todos os estados, tendo uma diversificação de organizações como ONGs, grupos acadêmicos e igrejas inclusivas (FACCHINI, 2011).

Foi também nesta época que algo crucial dentro da comunidade LGBTQIAPN+ marcou uma nova fase: a “diferenciação dos sujeitos políticos dentro do movimento” (FACCHINI, 2011), ou seja, deixou de ser visto como um grupo homossexual para se tornar um grupo com cada sigla definida e com foco em demandas específicas para cada uma das identidades de gênero que o compunha. Travestis e transexuais se organizam a partir de 1992, tendo como pauta a questão da Aids e da violência contra este grupo. A categoria foi incorporada à sigla do movimento apenas em 1995. Já o grupo de lésbicas apenas foi incorporado em 1993, com a separação da nomenclatura homossexual em gays e lésbicas. Com o início da organização de transexuais ocorre a luta pelo direito à cirurgia de redesignação sexual, que foi aprovada pelo Conselho Federal de Medicina em 1997 (FACCHINI, 2011).

No ano de 1995, foi fundada a maior rede de organizações LGBT do Brasil, que se chama ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis). Após a fundação da

ABGLT, houve um aumento da visibilidade na mídia (FACCHINI, 2011) e personagens da comunidade passaram a ser retratados de forma séria, como em *A Próxima Vítima* e em *Por Amor*.

Neste período esta rede investiu sistematicamente no combate à Aids e lutou no Legislativo e Judiciário para tentar acabar com as discriminações e preconceitos sofrido pelas pessoas da comunidade e pela “aprovação de projetos de lei, como o 1151/95, que reconhece a parceria civil, e o 122/2006, que criminaliza a homofobia” (FACCHINI, 2011), que apesar de não ter sido aprovado na época, contribuiu para que estes direitos fossem garantidos décadas depois.

A necessidade da luta por direitos fez com que a partir do ano de 1997 as Paradas do Orgulho ocorressem em várias cidades e em todos os anos, a partir de então. A AIDS deixou de ser a pauta principal do movimento e a luta por direitos humanos se tornou a principal bandeira. Além disto, também se teve investimento nas eleições parlamentares LGBTQIAPN+ e em projetos de lei dos três níveis da escala da gestão pública: municipais, estaduais e federais. Nesta época também foram incrementadas pautas sobre a comunidade em produção de conhecimento acadêmico (FACCHINI, 2011).

3.2) Personagens trans interpretadas por atrizes trans: Ninete em *Tieta* e Dinorá em *Olho por Olho*

A primeira novela deste período pós-censura foi *Tieta* (Rede Globo - 1989) escrita por Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn para o horário das oito, que abordou sobre a transexualidade. A personagem Ninete, apesar de ser apenas uma participação especial, teve grande destaque na representatividade por ser interpretada por Rogéria, uma atriz trans e ícone do movimento trans no Brasil. Ninete era administradora dos negócios de *Tieta*, a protagonista, e apenas faz sua aparição no quinto mês de exibição. Apesar de aparecer em apenas quatro episódios, a personagem foi importante por discutir e retratar personagem trans com pouquíssimos estereótipos, pois suas vestimentas e formas de se expressar eram apenas femininas e não como em outras novelas, nas quais o personagem trans transitava entre o feminino e o masculino. Além disso foi citada em 25 episódios da novela e sua participação foi amplamente divulgada na mídia (PIRES, 2020). Os homens de Santana do Agreste, a cidade onde se passa a história, se apaixonavam por Ninete até descobrirem que ela era trans e anteriormente se chamava Valdemar, assim se revoltavam com a situação, por transfobia (MEDEIROS, 2018).

Apesar desta ser a primeira novela pós-censura, anteriormente, houve uma personagem, Dinorá (Cláudia Celeste), em *Olho por Olho* (Rede Manchete, 1988) de José Louzeiro, que era uma personagem travesti (XAVIER, [s.d.]), sendo a primeira vez que uma personagem desta sigla participou de forma não estereotipada das novelas e foi interpretada por uma atriz trans, já que até então não se podia devido à censura do período militar.

Como analogia à Preciado (2011 apud Cavalcanti e Paiva, 2023), as orientações sexuais e de gênero, que não estão em conformidade com as heteronormativas e cisnormativas são descritas como “anormais”, sendo, assim, notadas como potência política, por lutarem contra o que a sociedade impôs a comunidade. Desta forma ocorreu com Ninete e Dinorá que foram as primeiras personagens trans interpretadas por atrizes trans numa novela. Isto representava uma questão política, devido à verossimilhança que elas traziam à contribuição para a luta social dos transexuais, numa época marcada por preconceito e estereotipação contra este grupo. Estas presenças foram importantes por começar a quebrar o tabu em torno destas siglas. Porém, um aspecto negativo destas representações foi a presença de Ninete ter sido apenas uma participação especial e Dinorá ser uma personagem sem desenvolvimento. Estes termos sobre sexualidade como potência política, descritas em analogia ao meu argumento, foram descritas no seguinte trecho:

A partir do conceito de “sexopolítica” como uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo, o autor sustenta que as práticas e órgãos sexuais, fixados normativamente como códigos de masculinidade e feminilidade, são usados pelo sistema de poder e assim, os corpos e as identidades dos “anormais” podem ser compreendidos como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo (PRECIADO, 2011 apud CAVALCANTI e PAIVA, 2023, p. 8 - 9).

Como argumentado, essas novelas representaram uma potência política ao abordar, com seriedade, uma sigla tão invisibilizada e rejeitada pela sociedade. Contribuindo, assim, para o início de uma reflexão social sobre esta comunidade, porém sem efeitos de mudança na mentalidade do público, por ser um período marcado por uma recente saída da ditadura e da censura. Devido a este conservadorismo, é que as participações destas personagens nas novelas foram tão pequenas e com pouco desenvolvimento. No entanto, se os autores tivessem sido mais audaciosos e aprofundado as histórias dessas personagens, poderiam ter enriquecido ainda mais para esta temática, possibilitando, assim, uma maior reflexão sobre a identidade de gênero e preconceito contra pessoas trans.

3.3) Zaqueu em Pantanal

Zaqueu (João Alberto Pinheiro) de Pantanal (Rede Manchete - 1990), escrita por Benedito Ruy Barbosa, apesar de não ser associado à criminalidade, tinha outros estereótipos, como afetação, a necessidade de se mostrar útil, e ser fofoqueiro, assim, se intrometia nos assuntos da família onde trabalhava. Quando seus padrões se mudam para o Pantanal, ele vai junto, onde sofre preconceito. Este era o personagem cômico da história, e isto fez com que ele fizesse muito sucesso (XAVIER, *[s.d.]*). Nesta época, os personagens gays cômicos, apesar de fazerem sucesso com o público, muitas vezes eram tratados com escárnio e humilhação. Outra questão de Zaqueu era se apaixonar pelo heterossexual e conservador Alcides (Angelo Antônio). O que mostrava outro estereótipo que a sociedade tinha em relação aos personagens gays, a de que os homossexuais tentavam ficar com heterossexual (HADDEFINIR, 2022).

Na novela, como descrito, Zaqueu sofre humilhações e se apaixona por um personagem heterossexual. Esta abordagem mostra o personagem homossexual se humilhando em busca de afeto do outro personagem, colocando o personagem heterossexual como um objeto de desejo superior. Mostrando, assim, um preconceito da época, que apresentava os heterossexuais numa posição dominante. Este tipo de preconceito é análogo ao que é demonstrado por Bourdieu (2012), no seguinte trecho:

A penetração, sobretudo quando se exerce sobre um homem, é uma das afirmações da libido dominandi[...]. Sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de "potência", um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade "feminizando" o outro). (BOURDIEU, 2012, p. 31.)

Seguindo esta lógica de Bourdieu (2012), é possível compreender como este personagem se tornou popular entre o público. Na época em que a novela foi transmitida, devido ao preconceito persistente na sociedade, muitos telespectadores viam as pessoas homossexuais como inferiores, um estereótipo, da época, refletido nesta representação. Assim, Zaqueu foi aceito pelo público, por ser humilhado. Portanto, esta representação, ao invés de apresentar uma vivência das pessoas da comunidade, reforçou preconceitos e invisibilizou a luta deste grupo contra a marginalização imposta pela sociedade.

3.4) Personagem intersexo Buba em Renascer

Porém, esta situação foi diferente em Renascer (Rede Globo - 1993), novela das oito de Benedito Ruy Barbosa, na qual a personagem Buba (Maria Luísa Mendonça) era intersexo, que é quando a pessoa nasce com as genitálias femininas e masculinas, e apesar de ser chamada erroneamente de hermafrodita na novela, algo comum para a época, era uma personagem

retratada com seriedade e que o público gostava. Apesar de ser coadjuvante, a personagem tinha contato com o núcleo protagonista.

José Venâncio (Taumaturgo Ferreira), filho de José Inocêncio (Antonio Fagundes) queria ter filhos, mas era casado com Eliana (Patrícia Pillar) que não queria. Ele então conhece Buba, por quem se apaixona, e rompe com a esposa, mesmo sabendo que Buba é intersexo. A personagem é descrita como “hermafrodita” logo na sua primeira cena, em conversa com José Venâncio (PIRES, 2020). Buba não fez cirurgia de redesignação sexual e nem pensava em fazer, e quando é questionada pelo seu namorado é firme em sua decisão (PIRES, 2020). Através da personagem, a questão da intersexualidade teve destaque no país. Buba foi apresentada à família na reunião em que Inocêncio convida todos os filhos e suas noras para anunciar seu casamento com Mariana (Adriana Esteves). Neste momento, Buba que já tinha vontade de ser mãe, com o pedido do sogro, vai até a Casa da Mãe Solteira, lá conhece a adolescente Teca (Paloma Duarte) e a convence a dar o filho que espera. Teca aceita e vai morar com Venâncio e Buba. Em um dado momento da história, Venâncio morre e Buba diz que Teca está grávida dele e ambas vão morar na fazenda de Inocêncio. Tempos depois, ele descobre toda a farsa e as expulsam, mas depois retrocede em sua decisão e Buba se envolve com José Augusto (Marco Ricca), irmão de Venâncio, com quem fica até o fim da novela (SANTOS, *[s.d.]*). A personagem, apesar de tratar de um tema totalmente inédito na televisão brasileira, e que na época estava sem uma classe na sigla LGBTQIAPN+, foi tratada com verossimilhança e foi aceita pelo público, algo que raramente ocorria na época com personagens da comunidade que eram retratados desta forma.

Apesar de ter tratado sobre pessoas intersexos em novelas em 1993, a letra I só foi inserida na comunidade LGBTQIAPN+ em 1996. Neste ano teve um encontro de ativistas intersexos, no dia 26 de outubro, onde rolou um protesto contra “cirurgia” em bebês nascidos como uma genitália não definida como masculino ou feminino (VIEIRA, 2020).

Esta novela foi importante por representar pessoas intersexos, sendo a única novela da história a contar com personagens desta sigla. Esta representatividade, em analogia aos termos de Almeida (2001), desempenhou um papel crucial na educação sentimental, do público sobre pessoas desta sigla. Desta forma por ter sido mostrado as vivências em jornais, revistas, programas de Televisão sobre a personagem e sobre pessoas intersexos, foi abordada a realidade e o dia a dia destas, fazendo com que o público aceitasse esta personagem conforme o que ela era. Por isso, Buba foi responsável por começar a mudar a forma de representar os

personagens da comunidade, gerando um novo padrão de comportamento. E mudou, também, a forma de pensar da sociedade sobre este grupo ao mostrar como estas pessoas são.

Porém, é notável, nesta novela, que a personagem intersexo, apesar de representar um avanço, teve alguns aspectos errôneos, como, em analogia à Butler (2019), ter o corpo fixado conforme o pensamento social. Ou seja, a personagem foi fixada como mulher para se encaixar em um padrão pautado pelo binarismo, em que, segundo esta ideia, existiriam apenas o gênero feminino e o masculino, ignorando outras vivências existentes. Mas é compreensível ter sido feito desta forma, já que estavam em um momento de transição de um período de perseguição contra a comunidade (anos 1980) para outro com abordagem de vivências (anos 2000 e 2010). O trecho sobre o conceito de fixação dos corpos idealizado por Butler, usado em contribuição para o argumento, está descrito a seguir:

[...] e não poderia fixar corpos como simples objetos do pensamento. Além de os corpos tenderem a indicar um mundo além deles mesmos, esse movimento para além de sua delimitação, movimento do próprio limite, também pareceu ser bastante fundamental para mostrar o que os corpos “são” (Butler, 2019, p.14).

Como argumentado, a sociedade ainda estava em processo de mudança do pensamento social. Sendo assim, era compreensível esta fixação dos corpos e dos gêneros, com relação à personagem intersexo, ocorrer em um sistema pautado pelo binarismo. A abordagem, desta sigla, ocorrida desta forma, visava uma tentativa de maior aceitação da sociedade em relação à personagens da comunidade LGBTQIAPN+. Desta forma, é perceptível que nesta década, mesmo com o avanço no pensamento social, ainda existia muito preconceito e conservadorismo. Assim, apesar de algumas problemáticas que esta novela apresentou, ela foi muito importante por trazer discussões, para o público, sobre esta sigla tão invisibilizada.

3.5) Casal homoafetivo com seriedade em A Próxima Vítima

A Próxima Vítima (Rede Globo - 1995), exibida no horário das oito, escrita por Silvio de Abreu, trouxe Jefferson (Lui Mendes) e Sandro (André Gonçalves) como um casal gay discreto, sem estereótipos e por isso foi visto como revolucionário, principalmente porque ambos ficaram juntos até o fim da novela. O tema da homossexualidade dos personagens foi muito comentado pelos telespectadores, principalmente por se tratar de um casal inter-racial (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Sandro estudava direito e era amigo da mãe, Ana (Suzana Vieira). Já Jefferson também estudava direito e era da turma de Sandro. Jogava vôlei com Giulio (Eduardo Felipe), irmão de Sandro. A relação do casal, por ser de forma implícita,

ocorreu na novela através da narrativa da revelação³, ou seja, só foi dito que eles namoravam na metade da trama, quando já havia a aceitação dos personagens pelo público. Além disto, antes de se revelar um casal, Silvio de Abreu escreveu muitas cenas de amizade e companheirismo dos personagens para descrever de forma natural a relação (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). A cena no capítulo 100, em que Sandro se revela gay para sua mãe, foi vista como emblemática porque ajudou a quebrar o tabu que se tinha na época sobre o tema, já que muitas famílias não gostavam nem de comentar sobre o parente homossexual (XAVIER, [s.d.]). Apesar de não ter tido muita resistência do público na aceitação dos personagens gays, o intérprete de Sandrinho foi agredido por um grupo homofóbico, por conta do personagem, no dia 4 de janeiro de 1997 (XAVIER, [s.d.]).

Os personagens foram aceitos pela comunidade, principalmente Jefferson pelos homossexuais negros, como Luiz Wenceslau que disse: “O Jefferson é uma dupla conquista. Ele é negro e gay, sem ser estereotipado”. O Psicanalista Arnaldo Domingues, que atendia na época da novela três grupos de homossexuais, disse que a novela ajudava na reflexão e que o ‘público de novela estava se transformando” (SAMPAIO, 1995).

Esta mudança realmente estava ocorrendo, já que anteriormente, os gays aceitos eram apenas os que sofriam, os que eram caricatos, os que causavam escárnio, mas a partir do momento em que um personagem é retratado de forma séria, e sem precisar ser retirado da novela ou ter sua história modificada por ser homossexual, representava uma mudança do público na aceitação. Desta forma, *A Próxima Vítima* contribuiu em mudanças no comportamento dos telespectadores, conforme analogia com os termos de Almeida (2017):

As novelas como um produto de entretenimento, veiculando diversas visões e percepções acerca do mundo cotidiano, o que faz o público identificar-se com a forma de viver dos personagens. [...] A história é constituída de acordo com a aceitação ou não dos telespectadores, podendo influenciar nos hábitos, costumes e até na linguagem da população. (ALMEIDA, 2017, p. 11)

Em analogia aos termos de Almeida (2017), *A Próxima Vítima* contribuiu para um novo modo de pensar da sociedade sobre os homossexuais, alterando de alguma forma a identidade e a percepção social. Esta aceitação por um personagem retratado de forma séria demonstra a alteração da aceitação do público, em relação às personagens LGBTQIAPN+, que por algum tempo, devido ao conservadorismo, não aceitava nenhuma demonstração e referência à homossexualidade. Sendo assim, esta novela contribuiu para a reeducação dos costumes e das

³ Dennis Allen conceituou o termo Narrativa da Revelação na década de 1990 a partir do que ele observava em algumas novelas, que os personagens tinham sua sexualidade revelada no decorrer ou final da trama para o público, ou para os próprios personagens da narrativa.

tradições da sociedade, principalmente, no tocante, à exibição e aceitação do primeiro casal homossexual das novelas.

3.6) Sarita Vitti em Explode Coração

Explode Coração (Rede Globo – 1995), uma novela das nove, escrita por Glória Perez apresentou uma personagem caricata, em que não era determinado a qual sigla pertencia, se trans, *drag queen* ou *crossdresser*, mesmo sendo em um momento que as pessoas trans estavam se mobilizando e lutando pelo seu reconhecimento, como dito por Facchini (2011). A personagem em questão era Sarita Vitti (Florian Peixoto). Assim, Sarita era *drag queen* à noite, mas de dia usava roupas femininas. Era uma pessoa com bom caráter e sonhava em ser mãe. Apesar de ser caricata, e estar num núcleo de humor, também tinha momentos dramáticos, como quando foi obrigada a brigar com um homem para defender sua identidade de gênero (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Sarita foi criticada por grupos gays por conta da indefinição de sua sexualidade, já que na novela não se dizia a qual sigla a personagem pertencia, e Glória em depoimento disse que na época da novela, as definições entre o que é *drag*, *crossdresser* e travesti não existiam (HÁ 25 ANOS, 2020). Por outro lado, Florian Peixoto, ator que interpretou a personagem, disse que gostaria que Sarita fosse travesti, mas que acreditava que a Globo temia o conservadorismo (HÁ 25 ANOS, 2020).

Em Explode Coração foi possível perceber que, apesar do fim da censura e da existência de uma novela como Tieta, que tinha uma personagem trans interpretada por uma atriz trans, ainda havia uma indefinição de gênero na tentativa de representar esses personagens nas novelas. Reforçando, assim estigmas e estereótipos que dificultavam o entendimento do público em relação a esta sigla. Isso demonstra que a construção sobre a identidade de gênero, não ocorreu de maneira imediata, mas passou por fases de avanços e retrocessos, como descrita de forma análoga por Butler (2019):

A construção não é nem um ato único, nem um processo causal iniciado por uma pessoa e que culmina em um conjunto de efeitos fixos. A construção não apenas toma lugar no tempo, mas é em si um processo temporal que opera pela reiteração de normas; no decurso dessa reiteração, o sexo é produzido e ao mesmo tempo desestabilizado. (BUTLER, 2019, p. 31)

Conforme argumentado, em analogia à Butler (2019), a representatividade de personagens da comunidade LGBTQIAPN+, principalmente, em relação às personagens trans, passou por fases de avanços e retrocessos. Demonstrando assim, que a evolução desta representatividade não foi apenas crescente, e que muitas vezes acabava indo em caminho contrário à luta da comunidade por uma visibilidade de forma séria e fidedigna. Obtendo,

consequentemente, críticas da comunidade em relação aos personagens, o que contribuía, para que em algumas novelas subsequentes, a abordagem se tornasse positiva na forma de representá-los.

3.7) Personagem bissexual em Por Amor

Em 1997 Manoel Carlos escreveu Por Amor (Rede Globo), também para o horário das oito. Nessa novela teve um personagem bissexual. Rafael (Odilon Wagner) era marido de Virgínia (Ângela Vieira) e pai de Rodrigo (Ângelo Paes Leme) e Juliana (Larissa Queiroz). Ele era um homem bem-sucedido com uma clínica odontológica. Era reservado, sem estereótipos, amava sua família, mas tinha um amante, que só foi revelado no fim da novela. Quando Virgínia descobre que seu marido tinha um amante homem, começou a se questionar sobre seu papel como mulher. Eles se separam, e Rafael assume o relacionamento com o rapaz. Além disso, foi abordado o preconceito através do filho do casal (SANTANA, 2022).

A representação deste personagem foi importante por apresentar a bissexualidade, ampliando a visibilidade de uma identidade marcada por muitos preconceitos, contribuindo para a educação do público sobre a diversidade da comunidade LGBTQIAPN+. Além disso, a trama mostrou os desafios enfrentados por pessoas desta sigla, evidenciado pelo preconceito que o personagem sofre de seu filho. Desta forma, após se assumir, o comportamento de Rafael foi visto como sendo desviante pela esposa e pelos personagens, porém foi um desvio secreto, ou seja, ele conseguiu esconder por muito tempo sua verdadeira sexualidade da família e principalmente da esposa, mas quando foi descoberta, foi encarado como outsider, como descrito por Becker (2008):

Um tipo de caso ainda mais interessante é o desvio secreto. Aqui, um ato impróprio é cometido, mas ninguém o percebe. Observações foram feitas por estudiosos da homossexualidade, relatando que muitos homossexuais são capazes de ocultar seu desvio de companheiros não desviantes. (BECKER, 2008, p. 32 - 33)

Como argumentado, em analogia aos termos de Becker (2008), Rafael foi visto, pelos outros personagens, como desviante, por divergir da sexualidade imposta socialmente, o que fez com que ele sofresse preconceito dos outros personagens. Esta forma de descrever sobre a bissexualidade, foi crucial para iniciar um debate social sobre esta vivência e consequentemente sobre a existência de pessoas que sentem atração por ambos os gêneros. Assim, com a sensibilização dos telespectadores, devido à abordagem do sofrimento que o personagem passou, foi possível iniciar uma desconstrução do estigma presente sobre esta sigla, pouco falada, citada e desenvolvida até então.

3.8) Casal lésbico rejeitado em Torre de Babel

Uma novela bem emblemática na representação da comunidade LGBTQIAPN+ foi Torre de Babel (Rede Globo – 1998), escrita por Silvio de Abreu, para o horário das oito. A reação a essa trama mostrou que, mesmo com algumas mudanças do pensamento do público, ainda havia muito conservadorismo e que apesar do órgão da censura não existir mais, o público ainda fazia com que uma novela pudesse ser censurada. Nessa novela houve um casal de personagens lésbicas que foram mortas no enredo devido à rejeição do público.

Leila (Sílvia Pfeifer) e Rafaela (Christiane Torloni) formavam o casal lésbico. Rafaela Katz era estilista e decoradora, uma mulher sofisticada, feminina e representada como alguém que tinha bom caráter. Era bem-sucedida e promovia eventos de moda na loja de sua grife. Ela e Leila Sampaio moravam juntas e dividiam a sociedade da loja. Já Leila também era fina, elegante e sofisticada. Ambas não carregavam estereótipo algum (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). As personagens tinham alguns momentos de carícias e carinhos. Além disso, Rafaela era rejeitada pelo pai Agenor (Juca de Oliveira), um homem mau caráter, que morava na boca do lixo paulistana e expulsou a filha de casa quando descobriu que ela era lésbica com uma surra, mostrando assim a realidade de muitas pessoas LGBTQIAPN+ (SANTANA, 2022). As personagens sofreram ataques do público por serem personagens lésbicas bem-sucedidas, com um relacionamento estável e terem sido retratadas de forma séria (DANTAS, 1998). Assim, o autor fez com que personagens rejeitados pelo público, entre elas, as personagens lésbicas morressem na explosão do Shopping da família Toledo. Esta explosão foi arquitetada por José Tolentino (Tony Ramos) como forma de vingança contra a família Toledo (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Luiz Mott, ícone da comunidade LGBTQIAPN+ pensava em dar o prêmio Triângulo Rosa, concedido aos defensores da comunidade, porém, com a morte das personagens, ele deu o troféu Pau-de-Sebo, que é dado aos inimigos da comunidade (DANTAS, 1998).

Um fato evidente é que os personagens aceitos pelo público desta década não se declaravam homossexuais desde o começo da trama, essa revelação ocorria apenas no final. No entanto, no caso desta novela, Leila e Rafaela tiveram suas sexualidades abordadas desde o início, não havendo uma preparação das personagens para elas serem aceitas pelo público, mostrando que o telespectador, apesar de ter mudado a forma de pensar, passando a aceitar personagens LGBTQIAPN+, ainda não aceitava relacionamento homoafetivo descrito desde o começo. Desta forma, é possível verificar, em analogia à descrição de Foucault (1988) sobre a repressão do sexo, que a repressão enfrentada por esta novela advém de um profundo

enraizamento do tabu sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Conforme Foucault (1988) descreve, apenas uma denúncia não seria capaz de acabar com a repressão, assim sendo o fim da censura não foi suficiente para a aceitação plena das personagens lésbicas e muito menos dos casais homossexuais descritos desde o começo, sendo necessário primeiro uma aceitação do personagem para depois revelar sua sexualidade. Estes termos de Foucault (1988) sobre o caminho da libertação da repressão, em analogia ao que descrevi na argumentação, estão descritos a seguir:

Dir-me-ão que, se há tanta gente a afirmar essa repressão, é porque ela é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo. [...] É de se esperar, portanto, que os efeitos de liberação a respeito desse poder repressivo demorem a se manifestar; o fato de falar-se do sexo livremente e aceitá-lo em sua realidade é tão estranho à linguagem direta de toda uma história e, além disso, é tão hostil aos mecanismos intrínsecos do poder, que isto não pode senão marcar passo por muito tempo antes de realizar a contento a sua tarefa. (FOUCAULT, 1988, p.15).

Como argumentado, a libertação da repressão ou o fim do tabu não ocorre apenas pela denúncia ou pelo fim de um meio que institui aquilo que reprime, como a censura. Pois, o preconceito está intrínseco na sociedade, desta forma, é necessário, além de acabar com os meios repressivos, naturalizar aquilo que é reprimido, como a comunidade LGBTQIAPN+, através da educação do público, visando sensibilizá-los pela exibição das vivências destas pessoas. E isto, passou a ocorrer com a exibição, com seriedade, de personagens deste grupo. Porém, a sociedade, apesar de estar mais preparada e um pouco menos preconceituosa que outrora, ainda havia muito o que ser debatido e apresentado sobre esta comunidade, nas novelas, para que casais homossexuais fossem aceitos, plenamente, no meio social e nas produções teledramatúrgicas.

3.9) Personagens gays em Suave Veneno

Suave Veneno (Rede Globo – 1999) foi escrita por Aguinaldo Silva para o horário das oito e contou com os personagens gays Ualber (Diogo Vilela) e Edilberto (Luiz Carlos Tourinho). Eles pertenciam ao núcleo de humor. Ualber era um guru e atuava como guia espiritual de vários personagens, ele era honesto e sonhava em ter um serviço telefônico para dar suas consultas paranormais e Edilberto era seu secretário, confidente, motorista e gostava de frequentar bares noturnos no Rio de Janeiro. Ambos viviam com a mãe de Ualber, Maria do Carmo (Eva Todor), que tentava forçar o filho a se casar com uma moça e constituir família

(MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Esses personagens foram aceitos pelo público (XAVIER, [s.d.]).

Apesar dessa aceitação, o Grupo Gay da Bahia entrou com uma representação no Ministério Público e na Secretaria Nacional dos Direitos Humanos contra o autor e a emissora, alegando discriminação contra a comunidade porque os personagens eram extremamente estereotipados e sofriam agressões físicas, em forma de chacota (LEE, 1999). Outras pessoas da comunidade, entretanto, relataram que aceitavam os personagens por eles não serem vilões, como Raimundo Pereira, diretor do grupo homossexual Atobá na época da novela, disse que os personagens “são quase caricaturas, mas não ferem a imagem dos gays porque não são agressivos”. Mas diz que temem que as pessoas pensem que a comunidade LGBTQIAPN+ seja exagerada desta forma (LEE, 1999). O fundador do grupo Atobá, Paulo César disse que "mais importante do que discutir se os personagens são exagerados, é perceber o valor deles estarem na novela. Já que durante muito tempo trataram nós, gays, como se não existíssemos" (LEE, 1999). Assim, é notável que mesmo os personagens sendo estereotipados, alguns homossexuais aceitaram esta representação por serem personagens sem vilanias, já que durante muito tempo os personagens gays foram associados à criminalidade.

Esta novela faz um contraponto à Torre de Babel, pois o público aceitava personagens homossexuais retratados com estereótipos, escárnios, mas não aceitava personagens homossexuais que tivessem uma representação séria, com relações afetivas estáveis, trabalhos remunerados e uma vida estruturada. Além disso, a novela *Suave Veneno*, apresentou uma questão extremamente nociva para a representação da comunidade nas novelas, ao abordar uma pessoa homossexual sofrendo agressão em uma situação de humor, porque isto poderia incentivar a violência contra este grupo, ao exibir tal cena, como algo natural, em uma novela. Esta representação contribui com a justificativa e um reforço da violência para uma comunidade que, como descrito por Klidzio e Siqueira (2020) no seguinte trecho, sofre com esta vivência negativa:

[...] quando falamos de identidades sexuais que não sejam heteronormativas, estamos falando de vivências que estão à mercê de um olhar de aversão, sofrendo influências negativas que podem ser agressões físicas como também psicológicas (KLIDZIO; SIQUEIRA, 2020, p. 6).

Seguindo esta lógica de Klidzio e Siqueira (2020), é possível detectar que os personagens homossexuais desta novela tiveram suas histórias desenvolvidas de forma preconceituosa. Porque, apresentaram suas tramas com vivências negativas como se fossem

positivas. Desta forma, contribuiu para o retrocesso no debate sobre a comunidade, e, como argumentado, esta representação incentivava e naturalizava uma violência contra este grupo. Assim, a abordagem desta novela foi em caminho contrário à luta da comunidade LGBTQIAPN+ por uma representação mais realista nas produções teledramatúrgicas, pois este grupo lutava, para que além da exibição de vivências positivas, fossem apresentadas a violência e o estereótipo com a perversidade que são. E com a novela mostrando estes aspectos como positivos, apresentava um retrocesso nesta luta. Portanto, era necessário para contribuir com a luta desta comunidade e acabar com o preconceito, que as novelas continuassem a exibir personagens LGBTQIAPN+ apenas com a seriedade devida, a fim de educar a sociedade e mudar o pensamento social em torno desta temática.

3.10) Conclusão do Capítulo

Conforme apresentado neste capítulo, na década de 1990 (segunda fase), ocorreu uma evolução na representação e na diversidade de personagens LGBTQIAPN+, reflexo das lutas sociais por maior representatividade. No entanto, ainda persistiram alguns estereótipos, como personagens da comunidade ser atrelada ao humor. Apesar de a maioria dos personagens não ter um relacionamento nesta fase, tinham alguns casais abordados de forma mais explícita, mas a maioria só era revelado nos capítulos finais com a narrativa da revelação, devido ao conservadorismo do público. Porém, quando era revelado desde o começo, como em *Renascer* (Rede Globo), ainda não existia nenhuma demonstração de afeto e corria o risco de ser retirado devido à rejeição do público, como em *Torre de Babel* (Rede Globo). A comunidade LGBTQIAPN+ começou a manifestar sua insatisfação com algumas novelas e personagens, quando eram estereotipados ou retirados. A década de 1990, portanto, foi um período de avanço em relação à década de 1980, principalmente porque em algumas novelas foi possível provocar debates sobre a comunidade, começando a mudar a forma de pensar do público em relação aos LGBTQIAPN+, mas ainda tinha muito a avançar.

4. Terceira fase: uma abordagem com maior seriedade e algumas cenas de beijos gravadas, mas vetadas

Na segunda fase (década de 1990), embora houvesse personagens LGBTQIAPN+ representados de forma séria, ainda era minoria. Já no começo da terceira fase (década de 2000 até 2011), essa representação se tornou maioria, passando a retratar algumas vivências da comunidade LGBTQIAPN+ e a exibir algumas demonstrações de afetos, como selinho, apesar de ainda ser tabu e muitas vezes ter sido vetado beijo mais intenso. Os personagens com estereótipos, embora presentes como na década de 1990, tiveram sua quantidade reduzida em proporção à quantidade de novelas. Ao contrário da década de 1990, em que a maioria dos casais LGBTQIAPN+ representados com seriedade apenas foram aceitos pela narrativa da revelação nos capítulos finais, na década de 2000, os casais foram aceitos mesmo sendo apresentados desde o começo ou metade da trama, como Clara e Rafaela de *Mulheres Apaixonadas* (Rede Globo). Como o público já conhecia a sexualidade dos personagens, a narrativa da revelação foi usada apenas entre os personagens da novela.

4.1) Personagens com estereótipos

No começo da terceira fase, alguns estereótipos ainda persistiam, principalmente no horário das sete, como a representação afetada e submissa de personagens homossexuais, como Samovar em *A Lua Me Disse* (Rede Globo). Nesta década, permaneceu outro tipo de estereótipo, que era uma personagem ser retratada com indefinição de gênero quando tentavam representar uma personagem trans. No fim da década, apesar de ser abordado com mais seriedade, as personagens trans mulheres eram interpretadas por homens, o que não dava uma veracidade, um exemplo disto foi *Aquele Beijo* (Rede Globo). Outro estereótipo que apareceu foi a abordagem de cura gay em *A Favorita* (Rede Globo), que contradiz à luta LGBTQIAPN+ e mostra para o público como se esta situação errônea fosse possível de ocorrer. Por fim, em *Duas Caras* (Rede Globo), a abordagem do personagem bissexual foi abordada de forma equivocada, como se esta sexualidade fosse perdida e confusa.

4.1.1) Dona Roma e Samovar em A Lua me Disse

Em 2005, no horário das sete, foi exibida *A Lua me Disse* (Rede Globo), escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa. Nela, havia o casal Samovar (Cássio Scapin) e Valdo (Hugo Gross), e Dona Roma (Miguel Magno), personagem como outros tantos já haviam aparecido que tinha uma indefinição de gênero. Se pegarmos como exemplo a novela *As Filhas*

da Mãe, em que a personagem trans não apenas apresentava sua identidade de gênero definida como possuía nome social em sua documentação, esta nova novela aparecia como um retrocesso.

Os moradores do bairro Beco da Baiuca, onde Dona Roma tinha uma pensão, não demonstravam preconceito contra ela, que era amiga de todos e conselheira de vários personagens. No fim da novela, Dona Roma adota Rominha (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Já Samovar não trabalhava e tinha vários estereótipos, além de adorar uma fofoca e ser afetado, era amigo de Geórgia por interesse, porque quando ela bebia dava presentes para ele. Durante a novela Samovar apaixonou-se por Valdo e vivia o perseguindo, no fim da trama os dois ficam juntos e viajam para Paris (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Devido ao estereótipo que os três personagens apresentaram, o Grupo Gay da Bahia iniciou uma campanha para processar Miguel Falabella e a Rede Globo por atrapalharem a luta da comunidade e faltar com respeito ao mostrar uma realidade diferente de como estas pessoas são (MOTT, 2005).

Desta forma, foi notável que, apesar de algumas evoluções ocorridas na representação da comunidade, ainda permaneciam alguns estereótipos. Personagens como Samovar, retratados como interesseiro, vagabundo e fofoqueiro, perpetuavam representações negativas dos homossexuais. Além disso, a recorrente indefinição de gênero das personagens ditas como trans representava negativamente a comunidade. Estes estereótipos não só reforçavam os estigmas em torno deste grupo, mas, infelizmente, também não contribuíam para uma conscientização da sociedade sobre a comunidade LGBTQIAPN+, afetando negativamente a autoestima de pessoas pertencentes a este grupo ao não se verem representados nestes personagens por sua representação errônea como demonstrado no trecho do portal de notícias online UNICEUB:

Uma representação na mídia pode afetar de forma negativa ou positiva um indivíduo, especialmente se tratando de minorias que possuem um número limitado de modelos na grande mídia. De acordo com a psicóloga Carolina Camargo, as representações midiáticas podem afetar a autoestima e autoconfiança. “Se elas costumam reforçar narrativas baseadas em estereótipos e preconceitos, a pessoa pode internalizá-las, causando grande sofrimento psíquico”. Essa internalização de preconceitos pode fazer com que essa população sofra mais com casos de depressão, ansiedade e, em última instância, tentativas de suicídio (VELLOSO, 2018).

Com base nesta afirmação da psicóloga Carolina Camargo para o portal de notícias online UNICEUB, escrita por Velloso (2018), é possível detectar o malefício que há em uma representação negativa sobre a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente na época em que

esta novela foi exibida. Pois, além das pessoas deste grupo terem dificuldades de se assumirem por não se autorreconhecerem nas produções teledramatúrgicas e pelo preconceito social enraizado na sociedade, contribuído por este tipo de representação, estas pessoas também sofrem com problemas psíquicos ocasionados por estes fatores. Portanto, tendo isto em perspectiva, seria essencial que a representação destes personagens fosse tratada apenas com seriedade e verossimilhança para que assim, as pessoas se sintam representadas, entendam sobre as suas vivências e sentimentos e consigam se aceitar e se assumir. Além disso, é necessário haver um retrato mais fidedigno da comunidade, para obter cada vez mais, aceitação e entendimento da sociedade sobre este grupo.

4.1.2) Personagem bissexual em Duas Caras

Duas Caras (Rede Globo – 2007), de Aguinaldo Silva no horário das oito, também mostrou um retrocesso, já que o personagem Bernardinho (Thiago Mendonça) era um personagem representado como um homem gay, mas que tinha relações afetivo-sexuais com homens e mulheres. Se a trama estivesse aberta para uma discussão que levasse em conta as diferentes formas de identidade de gênero, o personagem poderia ter sido apresentado como bissexual, porém foi retratado como um gay que se envolvia também com mulheres. Essa forma de desenvolver o personagem recai sobre uma definição do senso comum em torno de pessoas bissexuais como confusas e perdidas, apagando a identidade de quem se envolve com diferentes gêneros.

Bernardinho pertencia ao núcleo cômico. Ele era um ótimo cozinheiro, muito querido na comunidade Portelinha e vivia com o pai Bernardo (Nuno Leal Maia), sua madrasta, Amara (Mara Manzan), e seus irmãos, João Batista (Júlio Rocha) e Benoliel (Armando Babaioff) (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). A madrasta de Bernardinho o odiava e queria o ver sofrendo, assim armou para que ele fosse flagrado com Carlão (Lugui Palhares), irmão desta. Quando aconteceu o flagra, Bernardinho acabou sendo expulso de casa pelo pai. Após esta situação, o personagem conseguiu abrir um restaurante com ajuda de Juvenal Antena (Antonio Fagundes), líder da comunidade, e foi morar com Dália (Leona Cavalli) e Heraldo (Alexandre Slaviero), representados na trama como heterossexuais. Os três formaram uma espécie de “trisal”, já que compartilhavam a mesma cama. Bernardinho se tornou o provedor da casa, após começar a ganhar dinheiro como cozinheiro (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Em determinado momento da história, Carlão retornou com a intenção de dar um golpe em Bernardinho, que inicialmente resistiu, mas com o tempo acabou cedendo e perdeu todo o

dinheiro que possuía (SANTANA, 2022). No fim da história, Carlão sofreu um acidente e apenas Bernardinho permaneceu ao seu lado. Este gesto fez com que Carlão se redimisse e assim, os dois ficaram juntos no final da novela (SANTANA, 2022). Duas Caras teve um beijo idealizado por Aguinaldo Silva, que seria feito no casamento de Carlão e Bernardinho, porém este beijo nem chegou a ser gravado (VETADA GRAVAÇÃO, 2008).

É notável como esta novela exemplifica com o veto do beijo, como nesta década, apesar da questão do afeto ser aceita, a presença do beijo ainda era considerada um tabu. Isso reforçava o preconceito ao considerar que alguns tipos de afetos homossexuais deveriam ser escondidos e seriam menos dignos de serem exibidos. A resistência à exibição destas cenas mostra uma resistência à aceitação e à inclusão plena da comunidade.

Além da resistência ao beijo, esta novela também perpetuou, como já citado, um estereótipo em relação à bissexualidade, ao representar um personagem que era bissexual, descrito como homossexual, demonstrando, de forma errônea, que o personagem teria uma sexualidade perdida. Invisibilizando assim, a luta desta sigla por uma representação séria. Este tipo de abordagem, por reforçar desinformações, fez com que o público não compreendesse o que é ser bissexual, dificultando assim o reconhecimento pleno da bissexualidade na sociedade. Um exemplo de como isto impacta na sociedade e pessoas reais, ocorreu anos depois no BBB 21, conforme descrito por Priscilla Peixoto na notícia “A persistente invalidação da bissexualidade pela sociedade brasileira” da Revista Cenarium em 8 de fevereiro de 2021. No reality, Lucas Penteado teve sua sexualidade invisibilizada após beijar Gil do Vigor. Ele, ao contrário do personagem da novela era visto como heterossexual, e após beijar alguém do mesmo gênero e se “declarar bissexual foi apontado, por participantes do programa, como parte do jogo e invalidada por não se parecer um bi”. Desta forma, é notável, que a novela com a sexualidade de Bernardinho demonstrada como perdida ou como homossexual não contribuiu para quebrar o preconceito em torno desta sigla tão invisibilizada e estigmatizada.

4.1.3) O Preconceito da cura-gay em A Favorita

Em 2008, logo após Duas Caras, no horário das oito da Rede Globo, foi exibida A Favorita de João Emanuel Carneiro que contou com um dos maiores retrocessos em relação à personagens da comunidade, pois no fim da novela trouxe um ponto contra a luta pelos direitos

das pessoas LGBTQIAPN+, a chamada “cura gay”⁴, pois o personagem dito como gay deixa de ser gay no fim.

Orlandinho (Iran Malfitano) era dito como gay e tinha o estereótipo de afetação, ele passa boa parte da novela sem coragem para assumir sua sexualidade para sua avó e tentava ficar com Halley (Cauã Reymond), que era heterossexual. O personagem gay, em dado momento da história, se casa com Maria do Céu (Deborah Secco) para esconder sua sexualidade. Mas ao longo da novela, Orlandinho se apaixona por ela (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Além de Orlandinho, essa novela teve outro personagem homossexual, Stela (Paula Burlamaqui – heterossexual), que era uma mulher com bom caráter e mudou-se para a cidade fictícia Triunfo, onde abriu um restaurante. No começo, sua sexualidade foi abordada como um grande segredo (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

A mudança de orientação sexual de Orlandinho foi criticada pela comunidade LGBTQIAPN+. Marcelo Cerqueira, presidente do Grupo Gay da Bahia, considerava que a novela não estava tratando o assunto com seriedade e que seria melhor se o personagem se revelasse bissexual. Segundo Loren Alexander, o presidente do Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT) de Madureira, esta abordagem poderia reforçar a ideia errônea de que homossexualidade seria uma “doença”, possível de ser revertida com uma relação heterossexual (CARVALHO, 2008).

Esta abordagem de mudança de orientação sexual de um personagem era compreensível na primeira fase dos personagens LGBTQIAPN+ (década de 1980), devido ao contexto da ditadura e da censura, e porque a luta por representatividade séria estava começando. No entanto, em 2008 foi inadmissível esta situação, pois reforçava um estigma, num período que contava com vários avanços na representatividade e na luta da comunidade. Desta forma, ao mostrar uma “cura gay”, contribuiu, de forma errônea, para a perpetuação de preconceitos e tabus em torno da homossexualidade, não contribuindo para a educação do telespectador sobre a comunidade. Além de induzir o público a pensar erroneamente que ser gay seria apenas uma fase, e que assim teria como deixar de ser, quando, na verdade, isso resulta em pessoas se esconderem e serem infelizes para tentar agradar aos outros. Este aspecto de “cura gay” como

⁴ Segundo Pedro Paulo Bicalho, presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP) “cura gay” ou terapia de reversão á heterossexualidade são práticas de tortura e causa muitos danos à saúde e até o suicídio”. Como esta prática não tem respaldo científico, e sim baseada em fundamentalismo religioso ela é proibida pelo CFP desde 1999. Apesar de ser chamada de “cura gay”, esta prática atinge a toda a comunidade LGBTQIAPN+ (BOEHM, 2023).

foi descrito na novela, estava numa posição de encobrimento tal qual a analogia de Goffman (1981), representada no trecho a seguir:

[...] os problemas daqueles que fazem esforços conjuntos e organizados para passar despercebidos são os problemas que um grande número de pessoas enfrentará mais cedo ou mais tarde. Devido às gratificações trazidas pelo fato de ser “normal”, quase todos os que estão numa posição em que o encobrimento é necessário, tentarão fazê-lo em alguma ocasião (GOFFMAN, 1981, p.66).

Como argumentado, esta questão da “cura gay” é algo prejudicial e inadmissível de ser apresentado nas novelas, pois além de reforçar um tabu e prejudicar a luta da comunidade por uma representatividade com seriedade, ela demonstra como se este aspecto que traz tanto sofrimento psíquico fosse algo possível de ocorrer. Desta forma, as pessoas conservadoras que fazem uso deste sistema, acreditam que seria possível a pessoa deixar de ser quem é, apenas com torturas. Porém, isto não ocorre, já que uma pessoa ser LGBTQIAPN+ é mais do que um estado ou uma opção (como muitos insistem em dizer), é algo intrínseco ao ser, é algo natural. Desta forma, apesar dos conservadores pensarem que o encobrimento fará com que a pessoa seja feliz, devido à aceitação social, o máximo que este “tratamento” por meio de torturas pode ocasionar é uma infelicidade e um sentimento de exclusão, já que as pessoas que passam por este sistema, não se aceitam devido à pressão social. Portanto, mais do que deixar de exibir personagens com estereótipos, é extremamente importante que não se exiba a problemática “cura-gay”, como se fosse algo possível, devido à nocividade desta questão para a autoaceitação de pessoas da comunidade e para a compreensão social do que é ser uma pessoa pertencente à comunidade.

4.1.4) Transexual em Aquele Beijo

Em 2011 foi exibida *Aquele Beijo* (Rede Globo), escrita por Miguel Falabella para o horário das sete, trazia a transexual Ana Girafa (Luís Salém). Ela era filha rejeitada de Maruscka (Marília Pera), que aos seis meses de vida foi entregue à adoção devido à ganância de sua mãe, em querer se casar com Alberto (Herson Capri). Ana Girafa era dona de um salão de beleza e fazia shows de dublagem. Ela deu abrigo à sua mãe quando Maruscka se descobriu falida. No final da novela, Ana Girafa termina fazendo sucesso com uma fórmula alisadora de cabelo e sua mãe se muda para Londres para morar com um milionário (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

A personagem transexual foi bem aceita pelo público, principalmente porque estava num núcleo de humor. Além disto, o intérprete da personagem disse que o romance que ela teve foi possível graças à mudança de mentalidade do público, o ator afirmou também que não

passou por nenhum preconceito durante a exibição da novela (LUATO, 2011). No final da trama, a Globo foi criticada por não fazer a personagem Ana Girafa ficar com um par romântico (GLOBO IMPEDE, 2012).

A crítica que esta novela recebeu representa um avanço significativo na representatividade de personagens trans, pois houve um período em que personagens desta sigla eram rejeitados pelo público. No entanto, esta personagem, além de ser aceita, ainda foi clamada, pelo público, por representações de romance, algo inimaginável até os anos 1990. Porém, com um final desta forma, a Globo perdeu uma grande oportunidade de abordar com profundidade o relacionamento de uma pessoa trans, e desmitificar o tabu que existe em torno de relacionamento com pessoas desta sigla, pois a sociedade, principalmente homem cis, fetichiza-as, apenas notando-as como desejo sexual, mas tendo vergonha de apresentar para o círculo social. Este estigma, muito presente na vida de pessoas trans, foi presenciado por Diana Almeida, uma historiadora, como relatado na notícia “Jovens trans relatam dificuldades em estabelecer relacionamentos amorosos” do site Queer. Ela relatou: “Muitos homens aceitam sair comigo às escondidas, me procuram para relações sexuais, mas jamais com interesse em me assumir”.

4.2) Personagens com seriedade

No início da terceira fase aumentou o número de abordagens da comunidade LGBTQIAPN+ com seriedade. Este tipo de abordagem era mais comum no horário nobre, tendo, porém, algumas exceções em outros horários como Tititi (Rede Globo) e As Filhas da Mãe (Rede Globo). Nesta década, foram retratadas várias vivências da comunidade, principalmente no horário das oito, como preconceito familiar, adoção homoparental e o retrato da violência física. Um aspecto importante e diferente de décadas anteriores foi a abordagem da transexualidade em As Filhas da Mãe, tendo uma personagem com participação fixa que foi abordada como transexual, sem ser confundida com *drag queen* ou *crossdresser*.

4.2.1) Ramona em As Filhas da Mãe

Em 2001, teve a novela As Filhas da Mãe, de Silvio de Abreu no horário das sete da Rede Globo. Na qual, teve a primeira personagem transexual, com papel fixo, abordada realmente como transexual, sem ser descrita como uma personagem que transitava entre *drag queen*, transexual e *crossdresser*. Esta personagem era Ramona (Claudia Raia), uma das coprotagonistas.

Ramona era a filha mais velha de Lulu (Fernanda Montenegro) e Fausto Cavalcante (Francisco Cuoco), ela era irmã de Tatiana (Andréa Beltrão) e Alessandra (Bete Coelho). Após o desaparecimento do pai, ela volta de Paris, onde tinha feito a cirurgia de redesignação de sexo, em busca do sonho de ser estilista (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Algo diferente do que havia sido feito até então foi que Ramona tinha seus documentos com o nome no qual se identificava (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Depois de um tempo que ela volta, ela começa a namorar Leonardo Brandão (Alexandre Borges), de início ele não sabe que ela é trans, porém quando descobre, fica em conflito por se apaixonar por uma pessoa transexual (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Após alguns conflitos internos de Leonardo, os dois ficam juntos. Na última cena, Leonardo diz que a ama, mas que sente pena por não poder ter um casamento de “verdade”. Após isto, Ramona se declara e os dois se beijam (PIRES, 2020). Na trama tem personagens que tratam a personagem no masculino e até a chamam de aberração, como sua irmã Tatiana, mas também tem personagens, que a respeitam como sua mãe Lulu (PIRES, 2020). A personagem foi bem aceita pelo público, tanto que Claudia Raia ficou admirada com o sucesso da personagem (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). O público também aceitou o romance de Ramona e Leonardo. Porém, mesmo sem o órgão federal de censura, houve uma tentativa de censura por parte do ministério público, visando vetar a exibição de Ramona no horário das 19h (Xavier, [s.d.]).

Esta novela, apesar de ser notável uma mudança em relação às personagens trans anteriores, como a personagem ter seus documentos com nome feminino, ainda havia alguns estereótipos e preconceitos contra a personagem. Porém, apesar dos estereótipos presentes, a personagem foi importante por apresentar para o público algumas vivências e preconceitos enfrentados por pessoas desta sigla, contribuindo para um enriquecimento da abordagem desta comunidade, frequentemente estigmatizada e perseguida pela sociedade. A presença de uma personagem trans com a identidade de gênero definida e reconhecida trouxe uma representação com verossimilhança, ao contrário de outras novelas que apresentava esta sigla. Em analogia à Butler (2019), é perceptível que esta mudança na representação deixou de impor uma expectativa imposta sobre a transexualidade, até então, em que trans seriam associados a *crossdresser*. O trecho de Butler (2019) que se refere à expectativa da sexualidade imposta socialmente está descrito a seguir:

A prática pela qual ocorre a generificação, a corporificação de normas, é uma prática obrigatória, uma produção forçada, mas não por isso totalmente determinante. Na medida em que o gênero é uma atribuição, trata-se de uma atribuição que nunca é plenamente mantida de acordo com a expectativa, já que as pessoas a quem essas atribuições se dirigem nunca habitam completamente o ideal a que são obrigados a

se assemelhar. Além disso, essa incorporação é um processo reiterado. E a repetição poderia ser construída precisamente como aquilo que põe em causa o conceito de um domínio voluntarista designado pelo sujeito na linguagem (BUTLER, 2019, p. 378 – 379).

Em analogia à Butler (2019), é possível detectar que a novela contribuiu para o público começar a entender sobre a subversão de gênero que as pessoas trans passam, e o sofrimento que elas enfrentam, de familiares preconceituosos, por não se aceitarem e não se entenderem como pertencentes ao gênero biologicamente imposto. Mas além disto, esta produção teledramatúrgica auxiliou no debate social sobre a transexualidade e no autorreconhecimento de pessoas desta sigla, que muitas vezes não se reconheciam na televisão devido à confusão que ocorria entre *crossdresser* e transexuais. Portanto, é notável que esta novela foi de grande importância para a comunidade, porque pela primeira vez, foi abordada uma personagem transexual, com seriedade, mostrando seus direitos, em um núcleo principal. Contribuindo assim, para um enriquecimento do debate social sobre esta sigla, ainda muito marginalizada e violentada.

4.2.2) Casais homoafetivos jovens: Mulheres Apaixonadas, Senhora do Destino e América

Em 2003, foi exibida no horário das oito Mulheres Apaixonadas (Rede Globo), de Manoel Carlos, com o casal lésbico Clara (Alinne Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli). Este casal foi um dos primeiros casais homossexuais retratados desde o início sem estereótipos a ser bem aceito pelo público.

A novela foi didática ao abordar a homossexualidade de forma análoga à realidade, bem como discutir em várias cenas sobre o preconceito que sofriam e a relação homossexual das duas. Este didatismo fez com que esta pauta fosse discutida pelo público da época (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Clara era aluna da escola Ribeiro Alves. Andava sempre com Rafaela, mas sua mãe, Margareth (Laura Lustosa), não aceitava o relacionamento delas, tentando fazer uso da “cura” gay⁵ ao tentar levar a filha para uma clínica na Suíça (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). No fim da trama, Margareth passa a aceitar a filha, porém não queria demonstração pública de afeto (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Esta mudança da personagem representava a mudança do público, que pela primeira vez, havia aceitado o relacionamento de duas personagens homossexuais representadas desde o começo da trama, mas não queria que as duas se

⁵ Segundo Pedro Paulo Bicalho, presidente do Conselho Federal de Psicologia (CFP) “cura gay” ou terapia de reversão á heterossexualidade são práticas de tortura e causa muitos danos à saúde e até o suicídio”. Como esta prática não tem respaldo científico, e sim baseada em fundamentalismo religioso ela é proibida pelo CFP desde 1999. Apesar de ser chamada de “cura gay”, esta prática atinge a toda a comunidade LGBTQIAPN+ (BOEHM, 2023).

beijassem. Porém, o autor Manoel Carlos manteve no último capítulo um selinho entre as duas numa peça de teatro de Romeu e Julieta, em que ambas faziam os papéis principais (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*).

A forma como a mãe de Clara tratava a homossexualidade da filha fez com que várias mães passassem a entender e aceitar seus filhos homossexuais. Já, para o autor, Manoel Carlos, o que assustava as pessoas era a forma estereotipada em que muitas novelas retratavam os homossexuais (Santana, 2022), o que tentou mudar com as personagens de *Mulheres Apaixonadas*. Desta forma, é notável que para ter havido uma maior aceitação das pessoas em relação à comunidade foi necessário ter uma representação didática dos personagens. Algo crucial também desta novela foi a aceitação não apenas de personagens homossexuais, mas de um casal homossexual representado de forma séria desde o começo, algo que não ocorria até então.

Em 2004, outra novela abordou a homossexualidade, *Senhora do Destino* (Rede Globo), de Aguinaldo Silva, no horário das oito. Nesta novela havia Jennifer (Bárbara Borges) e Eleonora (Mylla Christie). Jennifer é filha de Giovani (José Wilker) e irmã de João Emanuel (Heitor Martinez). É estudiosa e reservada. Era insegura quanto à sua sexualidade. Já Eleonora é filha de Sebastião (Nelson Xavier) e Janice (Mara Manzan). Cursa o último ano de medicina e faz estágio. É segura e bem resolvida quanto à sua sexualidade. Nunca havia namorado até conhecer Jennifer (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Quando começam a namorar, elas enfrentam resistência dos familiares, de formas distintas. De um lado, a família de Eleonora era mais conservadora e o pai tinha valores mais patriarcais. A família de Jennifer, por outro lado, a aceitava melhor, porém seu irmão não aceitava ter uma irmã lésbica (SANTANA, 2022). No fim da novela, elas são aceitas pela família e trazem um assunto inédito nas novelas, a adoção de um filho por um casal gay, pois ao final da novela adotam uma criança que havia sido abandonada na frente do hospital em que Eleonora trabalha. Este assunto da adoção gerou um grande debate entre o público da novela (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Além da adoção, a novela mostrou de forma subentendida que havia rolado uma cena de sexo (SANTANA, 2022), representando um avanço.

Esta novela, assim como *Mulheres Apaixonadas*, teve um selinho, mas este selinho foi sem querer. Isto ocorreu após alguns encontros de Leonora e Jenifer, quando foram se despedir, com a intenção de beijar no rosto, acabaram se beijando na boca. Luiz Mott, ex-presidente do grupo Gay da Bahia, disse que o beijo demorou para ocorrer, e que as novelas andavam mais

devagar que os avanços do país (NOVELA TERÁ, 2004). Mas o que ocorria era um medo de um conservadorismo que existia em 2004.

A abordagem do casal lésbico nesta novela foi crucial por retratar uma vivência homoafetiva inédita nas novelas: a adoção homoparental. Essa representação foi fundamental para mostrar para o público, que a família homoafetiva também deveria ser aceita e respeitada. Desta forma, esta novela foi de suma importância por representar esta vivência.

Em 2005, foi exibida América (Rede Globo) no horário das oito, escrito por Glória Perez. Nesta novela havia um casal formado por Júnior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro). Júnior se sentia oprimido devido à pressão da mãe Neuta (Eliane Giardini), uma mulher conservadora, não conseguindo revelar sua verdadeira orientação sexual. Como consequência, se casa com Ellis (Sílvia Buarque) e assume o filho que ela teve com outro homem. Por outro lado, Zeca era um peão contratado por Neuta para cuidar dos bois da fazenda e era mais resolvido quanto à sua sexualidade. Quando ele chega à fazenda, Júnior se apaixona, mas tenta lutar contra seu sentimento para não desapontar a mãe. Porém, Neuta desconfiada da relação, demite o peão, levando Júnior a se assumir. No final, ela se arrepende e aceita a relação de Júnior e Zeca. Assim, o casal fica junto (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

No último capítulo, teve uma grande repercussão sobre o beijo gay que seria exibido, fazendo com que a novela chegasse a 66 pontos de audiência e 82% de share (porcentagem de televisões ligadas que estavam sintonizadas na novela). Essa foi a última vez que uma novela atingiu mais que 60 pontos de audiência. Porém, este beijo foi vetado pela Globo, o que frustrou várias pessoas já que a cena havia até sido gravada (XAVIER, [s.d.]). Tal frustração pôde ser vista no protesto, em que 300 pessoas homossexuais estenderam a bandeira do arco-íris na frente do Congresso Nacional e fizeram um beijaço. Para militantes da comunidade, a não exibição do beijo reforçava um tabu em torno do amor entre pessoas do mesmo sexo (VELOSO, 2005).

É notável, assim, a importância destas três novelas para uma compreensão dos sofrimentos e da realidade de muitos casais homoafetivos, pois apresentaram três realidades diferentes. A novela Mulheres Apaixonadas mostra o amor entre duas mulheres na época da escola, ou seja, na adolescência. A novela Senhora do Destino mostrou uma descoberta e aceitação na época da faculdade, ou seja, na juventude. Por fim, a novela América mostrou uma descoberta da sexualidade em um espaço rural, que é mais conservador. O que estas

novelas mostram também é uma analogia de suas tramas com a realidade. Olhando pela perspectiva da teoria de Durkheim (1970), esta analogia é uma comparação, e esta comparação é de forma verossímil.

A verossimilhança com o cotidiano de pessoas da comunidade era algo que acontecia pouco até então, já que muitas das novelas até final da década de 1990 tinham personagens LGBTQIAPN+ com estereótipos. Mas ao fazer uma analogia com a realidade dessas pessoas, as três novelas em questão trouxeram para o debate pautas fundamentais para o movimento, como a questão do sofrimento em relação ao preconceito dos próprios pais. Além disso, como Durkheim (1970) diz, essa analogia que serve como comparação é feita para tornar as coisas inteligíveis, e o didatismo no tema da homossexualidade nestas três novelas fez com que o público entendesse a vivência destas pessoas e torcessem para os personagens. Esse impacto pode ser visto na aceitação de muitos pais de homossexuais, além de muitas pessoas da comunidade passarem a se entenderem e se aceitarem, como mostrado na citação de SANTANA, 2022 e DIAS, 2023. Esta relação entre a representação como forma de percepção da realidade é descrita no seguinte trecho:

Apesar da analogia não ser um método de demonstração, é, contudo, um processo de ilustração e de verificação. Em suma, a analogia é uma forma de comparação e a comparação é o único meio prático de que dispomos para tornar as coisas inteligíveis. A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações. (DURKHEIM, 1970, p.13).

Como demonstrado, a analogia com a realidade, tal, qual Durkheim (1970) descreve, é observada em algumas novelas, mas principalmente em *Mulheres Apaixonadas*, *Senhora do Destino* e *América* que foram de extrema importância no debate social, porque mostraram, em três esferas sociais diferentes, várias vivências dos homossexuais na juventude. Portanto, esta abordagem nas três novelas foi de suma importância devido ao avanço nos debates e na aceitação social, que a comunidade obteve, a partir delas.

4.2.3) Personagens homossexuais em *Tititi*

Em 2010, no horário das sete da Rede Globo, houve uma abordagem diferente da que se costumava ter nesse turno, que sempre exibia personagens LGBTQIAPN+ caricatos e pertencentes aos núcleos de humor. *TITITI*, escrita por Maria Adelaide Amaral e Vicente Villari, trouxe personagens que foram abordados com seriedade. Sendo esta, até sua época de exibição, a novela com mais personagens homossexuais. Os personagens da comunidade LGBTQIAPN+ eram o casal Osmar (Gustavo Leão) e Julinho (André Arteché), e Thales (Armando Babaioff), com quem tempos depois da morte de Osmar, Julinho se envolve. Em

outro núcleo, havia ainda Lourdes (Maria Carol Rabello) que era lésbica e estudava administração e Adriano (Rafael Zulu) que era gay com estereótipos de afetação.

A novela apresenta Julinho, um cabeleireiro bom caráter, que morava em Belo Horizonte com seu namorado Osmar, filho de Gustavo Sampaio (Leopoldo Pacheco), que não aceitava a orientação sexual do filho. Com a doença de Bruna (Giulia Gam), mãe de Osmar, Gustavo pede para seu filho voltar para o Rio de Janeiro. Assim, Osmar viaja com seu namorado e sua amiga Marcela (Ísis Valverde). Porém, nesta viagem ocorre um acidente e Osmar morre (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Gustavo, na tentativa de esconder de Bruna, a verdadeira orientação sexual do filho, pede para Marcela fingir ser namorada dele. Ela aceita esta farsa com o apoio de Julinho, preocupado com a rejeição da família do amado (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). Porém, ele sofre por esconder a verdade, e devido à morte de Osmar, mas passa a frequentar a casa de Gustavo como amigo de Marcela, ganhando a simpatia de Bruna. Quando Bruna descobre a verdade o rejeita, mas no fim ela aceita a orientação sexual do rapaz. Julinho, após superar o luto, conhece Thales, um rapaz do litoral, com quem fica no fim da novela (MEMÓRIA GLOBO, *[s.d.]*). A novela foi delicada ao abordar a história dos homossexuais deste núcleo, pois mostra como que há gays que são excluídos da família por ser quem são. Além disto, mostra o sofrimento de Julinho com a morte de seu amado, abordando de forma séria o amor entre dois homens.

Os personagens gays da novela foram aceitos. Segundo Júlio Moreira, presidente da ONG Arco-Íris, do Rio de Janeiro, essa abordagem contribuiu para o debate do público em torno da homossexualidade (SOUZA, 2011). Armando Babaioff disse que o personagem fez com que vários jovens pudessem discutir sobre suas sexualidades com a família. Ele comentou ainda que esta foi a primeira vez que entendeu o impacto das novelas na educação das pessoas (ARMANDO BABAIOFF, 2021).

Esta novela foi de suma importância, por tratar a história de personagens homossexuais em um núcleo principal, e não apenas em um núcleo secundário, como fizeram até então. Com sensibilidade, a trama abordou o sofrimento que estas pessoas passam ao serem rejeitadas pela família por serem quem são. A exclusão de Osmar e Julinho pela família reflete a realidade de muitas pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, diferindo do que Foucault (1984) descreveu sobre o herói virtuoso, que renuncia ao desejo, prazer e afeto, como historicamente imposto pelos conservadores aos homossexuais. Assim, esta inclinação dos personagens da novela em viver de acordo com seus afetos e desejos foi o que levou a serem excluídos, por serem vistos

como errados pelos familiares e pela sociedade. Este conceito de herói virtuoso citado de forma análoga na argumentação, está descrito no seguinte trecho:

O herói virtuoso que é capaz de se desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair, é uma figura familiar ao cristianismo, como foi corrente a ideia de que essa renúncia é capaz de dar acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor (FOUCAULT, 1984, p. 21).

Como argumentado, a rejeição e a exclusão dos personagens Julinho e Osmar pelos seus familiares ocorreram devido às aceitações de suas próprias orientações sexuais, indo em caminho contrário ao herói virtuoso, descrito por Foucault (1984), que reprime esta sexualidade para fazer a vontade da sociedade. Esta vivência de rejeição por aceitarem sua sexualidade representa a realidade de muitos LGBTQIAPN+, que, devido a isto, também enfrenta outro dilema, o processo árduo de autoaceitação devido à pressão familiar e social. Porém, com a exibição, em produções teledramatúrgicas, de personagens enfrentando estes dilemas, contribui, através da sensibilização, para que o público que assiste consiga aceitar seus filhos e que as pessoas homossexuais consigam se aceitar devido à identificação. Portanto, o sofrimento e os dilemas enfrentados pelos personagens nesta novela foram de suma importância para fazer o público se sensibilizar e refletir sobre os preconceitos e estigmas impostos à comunidade LGBTQIAPN+ e mudar a forma de pensar.

4.2.4) Insensato Coração: a novela com maior quantidade de personagens homossexuais da história

Em 2011, foi exibida a novela com maior quantidade de personagens homossexuais da história. Esta novela, que se chamava Insensato Coração, era escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares para o horário das nove⁶ da Rede Globo. Na novela havia um quiosque, em que Sueli (Louise Cardoso) era dona, considerado um *point gay*, assim a maioria dos personagens gays da novela se encontravam neste lugar. A parte da trama que ficou conhecida como núcleo gay, era composto por Xicão (Wendel Bendelack) amigo de Sueli e que passa a ajudá-la no quiosque; o promotor Roni (Leonardo Miggiolin); Nelson (Edson Fieschi), advogado da principal empresa da novela; o professor de Direito Hugo (Marcos Damigo); e Eduardo (Rodrigo Andrade), filho de Sueli. Ainda havia na novela Gilvan (Miguel Roncato) que também é gay e Araci (Cristiana Oliveira) que é lésbica. O filho de Sueli, Eduardo, se revelou gay apenas no decorrer da novela. Mas no início, para esconder sua sexualidade, namorava Paula Cortez (Tainá Müller), e tempos depois se apaixonou por Hugo, com quem

⁶ Mudou-se a nomenclatura, já que havia sido alterado o horário de exibição das oito para as nove.

fica no final da novela (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Sueli, quando descobre que seu filho é gay, sofre por um tempo, mas logo aceita a orientação sexual do filho e vira uma defensora da luta dos homossexuais (XAVIER, [s.d.]). Sueli criou Eduardo e sempre escondeu a identidade do pai dele, o jornalista Kléber (Cássio Gabus Mendes), um homem machista e homofóbico. Kleber no início rejeita o filho, mas com o tempo passa a aceitar a sexualidade deste. No final, passa a escrever sobre a violência e a discriminação sofrida por homossexuais (SANTANA, 2022).

O casal Hugo e Eduardo sofreu censura por parte da Rede Globo, que impediu que várias cenas entre o casal fossem exibidas, contando com uma diminuição nas cenas de afeto entre os dois, inclusive teve um beijo cortado (XAVIER, [s.d.]). Quando isto passou a acontecer, gerou protestos da comunidade. A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) emitiu um ofício para exigir a liberdade artística dos autores e para que Eduardo e Hugo tivesse mais demonstrações de afeto (ZYLBERKAN, 2011).

O assassinato do personagem Gilvan, um menino rejeitado pela família por ser homossexual e que foi espancado por *pit boys*, teve uma abordagem bem importante para sensibilizar o público (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). No fim da novela, o líder do grupo que cometeu este crime de ódio, Vinicius, foi preso na hora de seu casamento, quando ainda reafirmou seu preconceito ao chamar os homossexuais de “raça nojenta” (Santana, 2022). Isto foi crucial por mostrar o que muitos LGBTQIAPN+ passam cotidianamente simplesmente por serem quem são.

Roni foi outro personagem com destaque, que ao contrário dos demais personagens, tinha vários estereótipos e trejeitos de afetação. Ele era cúmplice das confusões de sua amiga, Natalie, e ia com ela à festa da Gamboa. Em uma das vezes em que foi nesta festa foi perseguido pela gangue de Vinicius, até que conseguiu se salvar entrando em um táxi (SANTANA, 2022). Roni, por ser um personagem de humor, foi bem aceito pelo público. O ator que o interpretou disse que teve aceitação não apenas da comunidade, mas de idosos, de homens, e de crianças (LEONARDO MIGGIORIN, 2011). Por ser um personagem com afetação, Leonardo Miggiarin se preocupou em fazer da forma mais verossímil possível (LEONARDO MIGGIORIN, 2011). Outra personagem com estereótipos foi Araci, ela liderava um grupo de detentas e aterrorizou a vida de Norma (Glória Pires) na prisão por tentar ficar com ela. Assim, este assédio era muitas vezes de forma violenta. Desta forma, Norma, para se defender, matou Araci na penitenciária (SANTANA, 2022).

Além de Roni, a comunidade também aprovou as abordagens dos outros personagens gays. Assim a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) divulgou uma carta, assinada pelo presidente Toni Reis, elogiando a novela por abordar diferentes formas de pessoas homossexuais, não se prendendo apenas aos trejeitos e em mostrar a dificuldade que as pessoas têm em aceitar a orientação sexual, mas mostrando desde o desconforto até as formas violentas (COUTINHO, 2011).

Nesta novela, a homossexualidade foi apresentada com uma diversidade de personagens. Desta forma, ampliou para o público sobre os vários tipos de vivências homossexuais, demonstrando, assim, que existem várias formas de ser e estar no mundo dentro desta comunidade. E mais que compreender, foi possível que o telespectador se sensibilizasse com os sofrimentos que a comunidade passa, como preconceitos familiares, vivido pelo personagem Eduardo, e violências físicas, representado pelo assassinato do personagem Gilvan. Essa representação da violência, num país em que mais mata pessoas LGBTQIAPN+, foi importante por fazer o público refletir quanto a esta questão. Desta forma, como descrito por Almeida (2017), no trecho a seguir, esta novela abordou a vivência cotidiana:

As novelas tornam-se um instrumento de criação de realidade, ou seja, caminham cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é representado pela novela. Sendo assim, a visão cotidiana transpassada pela imagem e discurso das novelas, refletem uma realidade vivida no mundo social a ponto das pessoas se identificarem com situações e personagens das tramas. (ALMEIDA, 2017, p. 14).

Como descrito por Almeida (2017), as novelas representam a realidade social e o cotidiano. Neste sentido, *Insensato Coração*, mais do que abordar sobre a homossexualidade, apresentou a diversidade de pessoas e vivências que há neste grupo, permitindo que mais pessoas, do que em novelas anteriores, se reconhecessem. Foi possível, também, que o público percebesse que as pessoas homossexuais são tão diversas, quanto as heterossexuais. Com isto, não sendo pertencente a um único ideal. Portanto, *Insensato Coração*, sendo a novela com maior número de personagens homossexuais da história, contribuiu para o reconhecimento social da diversidade na comunidade.

4.3) Conclusão do Capítulo

Conforme apresentado neste capítulo, entre os anos de 2000 e 2011 (começo da terceira fase) ocorreu uma evolução na representação e na aceitação dos personagens da comunidade LGBTQIAPN+. Durante esse período, casais LGBTQIAPN+ começaram a ser aceitos desde o começo ou metade da trama, sem necessidade da narrativa da revelação para o público. Além disso, passaram a ser retratadas mais vivências da comunidade, como a adoção homoparental

em *Senhora do Destino* (Rede Globo) e a presença de alguns selinhos. No entanto, o beijo mais intenso entre personagens do mesmo sexo ainda era um tabu, tendo sido vetado de várias novelas devido ao conservadorismo do público e da sociedade. Contudo, mesmo com os avanços, ainda existiam alguns estereótipos, como os personagens da comunidade serem atrelados ao humor, como em *A Lua me Disse* (Rede Globo), ou como a problemática da “cura gay” em *A Favorita* (Rede Globo), que iam em contrariedade à luta da comunidade.

5. Ainda na terceira fase, mas em outra década: carícias, beijo intenso, casamento e sexo homossexual

Na primeira parte da terceira fase (2000 a 2011), apesar de minoria, ainda havia personagens com estereótipos e sem retratar nenhuma vivência da comunidade LGBTQIAPN+. Porém, na continuação da terceira fase (2011 a 2019), os poucos personagens com estereótipos que tinham, retratavam as vivências deste grupo. Um exemplo é a *crossdresser* Xana (Aílton Graça) em Império (Rede Globo), que abordou a questão da adoção por pessoas da comunidade. Já as representações com seriedade se expandiram para todos os horários, até mesmo em novelas juvenis, como Malhação (Rede Globo). Ocorreu finalmente o beijo homossexual mais intenso nas novelas. Contudo, em algumas, os beijos ainda eram vetados, por conta do medo da rejeição do público. No entanto, muitas destas novelas, mesmo com o veto ao longo da história, exibiam o beijo no último capítulo, o que representava um avanço em relação à década anterior. No final da década, os beijos passaram a ser percebidos com mais naturalidade. Nesta fase, foi exibida, também, uma relação sexual homoafetiva em Liberdade Liberdade (Rede Globo). E personagens e casais homossexuais idosos em novelas como Babilônia (Rede Globo) e Sete Vidas (Rede Globo).

5.1) Personagens com estereótipos

Na continuação da terceira fase, houve uma diminuição na presença de personagens com estereótipos. Porém, ainda permaneceram alguns personagens afetados, como Téo Pereira (Paulo Betti) em Império (Rede Globo - 2014), que vivia das notícias de seu blog de fofocas, no qual contava com a ajuda de sua assistente Érika (Letícia Birkheuer) (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Outro estereótipo que permaneceu foi os personagens trans ou *crossdressers* serem interpretados por homens, como a cabeleireira e pensionista Xana Summer (Aílton Graça) em Império, e Breno que se veste de Valquíria (Otávio Muller) em A Regra do Jogo (Rede Globo - 2015). Este último personagem começou a se vestir de mulher para sustentar a esposa Dalila (Alexandre Richter) e os filhos Kim (Felipe Roque) e Luana (Giovanna Lancelotti), após perder o emprego (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Apesar de serem abordados com estereótipos, esses personagens passaram a retratar vivências da comunidade, embora nem sempre de maneira adequada, assim como ocorreu com Duda (Giselle Batista) de A Regra do Jogo, em que na tentativa de ter um filho com Úrsula (Júlia Rabelo) e estarem sem dinheiro para a inseminação artificial, trai a esposa com o irmão de sua namorada, Vavá (Marcello Novaes) (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Porém, ao contrário destas, teve personagens com estereótipos que tiveram

vivências retratadas com seriedade, como Xana, que em dado momento da história tenta adotar Luciano (Yago Machado), porém enfrenta preconceito por ser *crossdresser*, assim conta com a ajuda de sua amiga Naná (Viviane Araújo). Conseguindo no fim da novela, a guarda da criança (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Esses personagens, apesar de terem estereótipos, foram aceitos pela sociedade, como na novela A Regra do Jogo, em que a atriz Júlia Rabello relatou que recebeu mensagens de telespectadores dizendo que aprovou a personagem e o casal lésbico (LESSA, 2015). Além disso, houve abordagem com estereótipos, que causou mudanças sociais, como revelado por Ailton Graça, em que um de seus alunos de arte, após ter ficado vinte anos sem conversar com seu pai devido à sua sexualidade, foi acolhido pelo seu progenitor após a cena emocionante em que a mãe de Luciano pede para a personagem Xana adotar seu filho (AILTON GRAÇA, 2014). Este personagem, além de ter ocasionado este momento crucial na sociedade, também foi aceito pelo público LGBTQIAPN+, o que rendeu a Ailton uma homenagem no Concurso Talentos de Dublagem, no qual se premia o melhor transformista do ano (AILTON GRAÇA, 2014). Porém, a abordagem estereotipada de outros personagens encontrou críticas, como na novela A Regra do Jogo, a personagem Valquíria foi acusada de uma representação feita com ironia e descaso, resultando em uma nota de repúdio contra esta novela pela comunidade LGBTQIAPN+ (GLOBO É CRITICADA, 2016).

É notável que, nesta década, até mesmo as novelas com personagens estereotipados tiveram algum avanço na aceitação e representatividade de vivências, como Xana Summer, que mostrou todo o processo de adoção e preconceito que pessoas LGBTQIAPN+ sofrem neste sistema. Sensibilizando, assim, o público quanto a esta pauta tão crucial para a comunidade. Porém, houve outras representações que abordaram de forma errônea algumas vivências, como a forma de se obter um filho, na novela A Regra do Jogo, através de uma traição, perdendo a chance de abordar com seriedade, destacando as dificuldades e preconceitos que casais homossexuais sofrem de familiares neste sistema e o preconceito que sofrem após conseguir esta guarda. Este preconceito sofrido neste processo foi vivido por Marcos Leonardo, um cientista político homossexual, segundo a notícia “Casais homoafetivos que adotaram filhos contam como lidam com o preconceito”, no qual ele revelou ter recebido críticas de familiares, e até da própria mãe, que questionou como ele explicaria para a criança a presença de dois pais. Então, é notável que novelas como A Regra do Jogo reforçam a permanência deste olhar enviesado sobre a comunidade ao retratar esta vivência sem seriedade.

5.2) Personagens com seriedade

Na continuação da terceira fase, foram representadas várias vivências da comunidade LGBTQIAPN+ em todos os horários de exibição de novelas, como o casamento homoafetivo que apareceu no horário das nove em *Em Família* (Rede Globo), e no horário das seis em *Órfãos da Terra* (Rede Globo). O beijo homossexual mais intenso começou a ser exibido pelo SBT com *Amor e Revolução* e depois passou a ser exibido no horário das nove da Rede Globo com *Amor à Vida*. Este tipo de cena também passou a ser exibida no horário das seis e das sete, respectivamente com *Orgulho e Paixão* e *Bom Sucesso*. Outra característica marcante desta década foi a abordagem de personagens da comunidade idosos, como vistos em *Sete Vidas* e *Babilônia*. Por fim, a transexualidade foi abordada de forma didática em *A Força do Querer* (Rede Globo), mostrando as vivências e sofrimentos que estas pessoas passam. Tendo conseqüentemente, devido à maior aceitação do público, atrizes e atores trans interpretando personagens trans em papéis fixos, como em *A Dona do Pedaço* (Rede Globo), visto que, até então, os personagens desta sigla, interpretados por transexuais, faziam apenas participação especial ou papéis menores.

5.2.1) Beijo homoafetivo aceito

Os beijos mais intensos começaram a ser aceitos a partir de *Amor e Revolução* (SBT – 2011), através do casal Marina (Giselle Tigre) e Marcela (Luciana Vendramini). No capítulo em que o beijo foi exibido, a novela alcançou 6 pontos de audiência, obtendo seu recorde devido ao ineditismo deste tipo de afeto nas novelas (BEIJO GAY, 2011). Dois anos depois, foi exibida *Amor a Vida*, escrita por Walcyr Carrasco para o horário das nove da Rede Globo, sendo esta a primeira novela de grande audiência a exibir este tipo de afeto com o casal Félix (Mateus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), que atingiu seu recorde com 48 pontos no Ibope (COM BEIJO, 2014). Apesar dos beijos serem aceitos e repercutidos, ainda havia um tabu, principalmente no início da década. Assim, o beijo entre o casal Jeová (Lui Mendes) e Chico (Carlos Artur Thiré) em *Amor e Revolução*, e entre Leonardo (Kleber Toledo) e Cláudio (José Mayer) em *Império* (Rede Globo - 2014) foram vetados durante a exibição destas novelas (XAVIER, [s.d.]; CASTRO, 2014b). Porém, este último teve um beijo exibido no capítulo final, gerando repercussão no *Twitter*, devido à surpresa (NUNES, 2015). A maioria das novelas desta década tiveram beijos exibidos apenas no último capítulo. Desta forma, ocorreu com *Orgulho e Paixão* (Rede Globo – 2018), onde foi exibido pela primeira vez este tipo de cena no horário das seis entre os personagens Luccino (Juliano Laham) e Otávio (Pedro Henrique Muller) (MOREIRA, 2023). Em *Malhação - Viva a Diferença* (Rede Globo - 2017), o beijo não foi exibido no último capítulo, mas na reta final, após Lica (Manoela Aliperti) e

Samantha (Giovanna Grigio) se declararem sobre os seus sentimentos (BEIJO LÉSBICO, 2018). Por fim, foi exibida Bom Sucesso (Rede Globo – 2019) às sete, no qual teve um beijo homoafetivo mostrado sem sensacionalismo e no primeiro mês da novela. Este beijo ocorreu entre William (Diego Montez) e Pablo (Rafael Infante) (MOREIRA, 2023). O beijo sendo exibido desta forma, representou uma naturalização desta cena de afeto.

Estas novelas, que marcaram pela presença do beijo homoafetivo mais intenso, tiveram outras vivências abordadas, sendo a principal, o preconceito familiar em torno da sexualidade dos personagens. Assim, como Félix de Amor a Vida, que foi rejeitado pelo pai, César (Antônio Fagundes), sendo obrigado a se casar com uma mulher e a ter um filho (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Outro que sofreu preconceito foi Cláudio, em Império, que foi rejeitado pelo filho, quando este descobre sua sexualidade, e Luccino, de Orgulho e Paixão, que foi expulso de casa pelo pai, quando foi flagrado com Otávio (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Porém, na reta final, esses foram acolhidos pelos familiares, tendo um final feliz (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Além da rejeição familiar, tiveram personagens com medo de revelar sua sexualidade, como Pablo em Bom Sucesso que por ser um ator famoso namorava William às escondidas, e Félix em Amor a Vida que no começo da trama tinha um caso com Anjinho (Lucas Malvacini) (Xavier, [s.d.]; MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Também foram abordadas as vivências da barriga de aluguel e da adoção através do casal Niko e Eron (Marcello Antony) em Amor a Vida, que adotaram Jaiminiho (Kayky Gonzaga) e tiveram um filho por inseminação artificial com a ajuda de Amarilys (Danielle Winits). Porém, esta, fez várias armadilhas, sendo uma delas não entregar a criança para o casal. Ocorrendo, assim, uma briga judicial pela guarda, o que culminou no reconhecimento de Niko como pai no final da novela (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Por fim, foi exibida uma cena de violência contra Gabriel (Luis Galves) em Malhação - Viva a Diferença. Na cena, ele e Felipe (Gabriel Calamari), um personagem homossexual, são agredidos por Rafael (Marcelo Arnal) até ficarem desorientados (TELES, 2018).

Nestas novelas, o beijo foi repercutido no *Twitter*. Mas além do beijo, teve personagens que foram aceitos pela história apresentada, como o casal homoafetivo Marcela e Marina, que apesar de ter gerado polêmica, 82% das pessoas que votaram na enquete sobre como queriam que fosse o final da novela foram a favor do final feliz com as duas juntas. Porém, contrariando o público, isto não aconteceu (FERNANDES, 2012). Além delas, pela primeira vez, devido à popularização de Felix, o público torceu para um protagonista se relacionar com alguém do mesmo gênero (XAVIER, [s.d.]). Desta forma, foi levantada uma torcida para que o casal Félix e Niko se beijassem, estando em alta no *Twitter* a *hashtag* “#beija logo” (GAYS DE, 2014).

Além da manifestação a favor dos beijos e dos casais, o público também se manifestou no *Twitter* contra a agressão que Gabriel e Felipe sofreram em *Malhação - Viva a Diferença* (TELES, 2018).

Apesar da aprovação pelo público destas histórias, houve também uma parcela dos telespectadores que rejeitaram estes personagens, como na *Malhação - Viva a Diferença*, o autor Cao Hamburger foi xingado por conta da atriz Giovanna Grigio ter feito um beijo lésbico. Esta crítica ocorreu porque o público considerava que ela tinha um ar angelical devido à atriz ter feito Mili na novela infantil *Chiquititas* (SBT - 2013) (RICO, 2018). Além, desta, o ator Juliano Laham, intérprete de Luccino revelou ter perdido seguidores e recebido comentários preconceituosos no Instagram (MOURA, 2018). Mesmo com os comentários preconceituosos, ele disse que a abordagem teve mais aspectos positivos do que negativos. Um dos aspectos positivos foi a aproximação de pessoas homossexuais com a família, ocorrido com a ajuda da novela, já que muitos familiares viram a relação com normalidade (LOPES, 2018).

A comunidade LGBTQIAPN+ também aprovou várias abordagens, assim sendo, José Mayer, devido ao personagem Cláudio de Império, ganhou o prêmio Triângulo Rosa, concedido a quem contribui com as causas da comunidade (PEREIRA, 2015). Além dele, Félix de Amor a Vida também foi aceito pelo público homossexual. Assim, a vice-presidente do grupo Arco-Íris, Marcelle Esteves, disse que a novela foi pauta em reuniões e palestras devido à união homoafetiva e à adoção por casais homossexuais e acreditava que a novela fez com que pessoas mais preconceituosas se tornassem mais tolerantes (ISENSEE, 2014). Desta forma, Félix e Niko foram homenageados pelo Grupo Gay da Bahia (COUTINHO, 2014). Além destas novelas, que representaram um público mais adulto, a novela juvenil *Malhação* com o beijo e a pauta da homossexualidade foi crucial por mostrar a representatividade de LGBTQIAPN+ adolescentes. Assim, a psicóloga Renata Feldman acredita que a cena do beijo entre Lica e Samantha promoveu um debate sobre a comunidade e esta representatividade, segundo ela, gera um sentimento de pertencimento (MALTA, 2018).

As abordagens das cenas de beijo intenso nestas novelas e a forma como foram aceitas mostraram uma mudança na aceitação do público, pois houve uma época em que personagens homossexuais apenas eram rejeitados, mas em algumas novelas que o beijo homoafetivo foi exibido, além dos personagens e desta demonstração de afeto ser aceita, o público torceu para que ela acontecesse. Assim, o didatismo que estas histórias tiveram na abordagem de suas vivências foi o que fez o público torcer por estas cenas de afetos e contribuiu para quebrar o tabu em torno desta temática. Desta forma, estas novelas, tendo um apelo popular e com o

didatismo presente, exerceram um grande impacto no público, que fez com que a maioria das pessoas aceitassem estes personagens e, mais que isto, compreendessem a homossexualidade, formando a opinião com menos preconceitos em torno deste tema. Assim, estas novelas, com o didatismo e as vivências, exerceram efeitos sociais de mobilização no público, gerando debates sobre o tema. Esta abordagem de como uma novela gera impacto e tem o poder de exercer efeitos de mobilização é descrita a seguir:

Na sociedade pós-moderna, uma novela bem aceita pelo público exerce um impacto na mídia, pois esta funciona como um canal de afirmação e divulgação de formação ideológica. Com o seu poder simbólico na sociedade, ela não é só um meio de comunicação, mas também formadora de opinião. Desse modo, as novelas espelham situações e personagens da realidade cotidiana para que as pessoas se identifiquem. As novelas fazem uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização sobre acontecimentos ou grupos. (ALMEIDA, 2017, P. 14)

Como demonstrado, as novelas são importantes devido à reflexão social que ela traz. Possibilitando assim, como descrito por Almeida (2017), que esta produção teledramatúrgica contribua para a formação da opinião do público através da representação de situações cotidianas. Portanto, a exibição do beijo mais intenso, que foi sendo construída ao longo do tempo em várias novelas desta década, foi de suma importância para a representação desta demonstração de afeto presente na vida das pessoas LGBTQIAPN+. E com isto, foi possível que o tabu em torno da exibição deste tipo de vivência fosse quebrado gradualmente, até alcançar uma grande aceitação em Bom Sucesso.

5.2.2) Casamento homoafetivo

Nesta fase, foram exibidos nas novelas alguns direitos conquistados nesta década, como o casamento homoafetivo, que segundo Vieira, na notícia “A luta nunca termina” foi legalizado em 2011 pela jurisprudência do STF. A primeira novela a retratar isto foi Em Família (Rede Globo – 2014), escrita por Manoel Carlos para o horário das nove. Desta forma, em frente a uma juíza, Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller), que estavam com vestidos iguais, trocaram juras de amor e se beijaram ao som da música tema do casal (MOREIRA, 2014). Cinco anos depois, foi exibido este direito na novela das seis, Órfãos da Terra (Rede Globo – 2019), onde Camila (Anaju Dorigon) e Valéria (Bia Arantes) se casaram ao entardecer. Após a cerimônia, elas se beijaram (ÓRFÃOS DA, 2019).

As reações do público às duas novelas foram divergentes quanto à construção do amor entre as personagens. Assim, na novela Em Família, o casal lésbico foi criticado, pois Clara era bissexual, casada com Cadu (Reynaldo Gianecchini) e mãe de Ivan (Vitor Figueiredo). Desta forma, inicialmente, segundo um grupo de discussão (onde o público revela o que está

gostando ou não da novela), o casal homoafetivo enfrentou resistência, porque Cadu estava com uma doença no coração. Assim, para agradar ao público, Clara se reconciliou com ele (CASTRO, 2014a). Num segundo grupo de discussão, após o rapaz se envolver com outra pessoa, o casal formado por Clara e Marina passou a ser aceito, porém, o público não queria ver beijo entre as duas (CASTRO, 2014c). Por outro lado, em Órfãos da Terra, a aceitação das personagens da comunidade foi maior. Apesar de elas serem vilãs, o público foi contra o veto do beijo ocorrido no pedido de casamento das duas. Desta forma, a expressão “Vamila sem censura” foi parar nos *Trending Topics* do *Twitter* (DIAS, 2019b). Nesta mesma rede social, quando foi exibido o casamento das duas, o público comemorou (ÓRFÃOS DA, 2019).

Além dos telespectadores em geral, o público homoafetivo também comentou sobre os personagens de *Em Família*, criticando o casal Clara e Marina, por ser exibido de forma subtendida, devido à rejeição inicial do público ao casal. Para defensores da comunidade, a relação entre as duas representava um retrocesso em comparação à *Amor à Vida* (sua antecessora no horário das nove). Para o Grupo Dignidade, o namoro subtendido não ajudava a quebrar o tabu em torno da homossexualidade (PACHECO; PEREIRA, 2014). Porém, como tempos depois, a novela mudou sua abordagem passando a exibir o casamento, o público LGBTQIAPN+ comemorou a exibição deste direito. Assim sendo, algumas pessoas que assistiram às cenas num bar gay deram seus comentários. Segundo Andressa Moraes, “O casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foi liberado há pouco tempo. Era importante ter isso na novela para as pessoas saberem que existe”. Edson Fernandes acredita que se a cena fosse exibida dez anos antes causaria polêmica, mas sendo exibida em 2014, o público estava mais preparado (ORTEGA, 2014).

A representação do casamento homoafetivo nas novelas retrata um direito que durante muito tempo foi aspiração da comunidade LGBTQIAPN+. Desta forma, esta abordagem ter sido exibida logo que este direito foi conquistado foi de suma importância para apresentar o cotidiano que muitas pessoas da comunidade começavam a presenciar. E mais que isto, estas novelas representaram o sonho destas pessoas de forma didática, o que contribuía para quebrar o preconceito em torno desta temática, favorecendo que o público ao assistir estas novelas compreendesse a importância deste direito e como ele favorece a construção social da comunidade. Por outro lado, o público LGBTQIAPN+, como análogo ao que é descrito por Almeida (2017), se sentiu representado nos personagens através das novelas e, mais que isto, entendeu através destas abordagens que tem os mesmos direitos que pessoas heterossexuais e

cis. A forma como a novela exprime os direitos e desejos que personagens LGBTQIAPN+ têm, está escrita em analogia com o trecho a seguir:

Pelo fato da telenovela influenciar o cotidiano do telespectador, transmitindo aspirações mais escondidas das pessoas por meio dos personagens, é possível viver alguns sonhos. A plateia vendo a possibilidade de realizar esse sonho se projeta em um determinado personagem da história, comparando-se com ele em situações parecidas ou que deseja viver. (ALMEIDA, 2017, p.15)

Como argumentado, em analogia à Almeida (2017), o público que assiste às produções teledramatúrgicas, principalmente as novelas, ao ver determinada vivência, se sente representado e aspira à possibilidade de realizar um sonho, como o do casamento. Devido a isto, estas novelas, principalmente *Em Família*, foram importantes por mostrarem para a comunidade que finalmente, após anos de luta, eles podiam realizar este sonho. Portanto, as novelas foram e são importantes por exibirem as vivências e aspirações da sociedade e, com isto, demonstrarem para o público LGBTQIAPN+ e para o público em geral os direitos desta comunidade e a possibilidade de eles serem exercidos.

5.2.3) Sexo homossexual

Nesta década, apareceu outro tipo de afeto, o sexo homossexual. Esta cena foi exibida na novela *Liberdade Liberdade* (Rede Globo – 2016), na faixa das onze da noite, e protagonizada por André (Caio Blat) e Tolentino (Ricardo Pereira). Esta novela, que foi ambientada na época da Inconfidência Mineira, uma época marcada por grande conservadorismo, teve um final triste para os personagens homossexuais. Pois ambos foram assassinados. Desta forma, Tolentino, por ciúmes de André com um amigo, o denunciou por sodomia, já que na época ser homossexual era motivo de punição, e assim, o rapaz foi enforcado. Tolentino, por sua vez, foi executado pela irmã de André, por vingança (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Esta realidade triste exibida na novela, infelizmente, representava o preconceito que pessoas da comunidade passavam naquela época. E, por mais que a sociedade tenha melhorado na aceitação das pessoas LGBTQIAPN+ e dos afetos destes, ainda havia e há um grande preconceito em torno deste grupo. Desta forma, alguns conservadores veicularam na internet uma imagem de protesto contra a cena de sexo antes dela ser exibida. Gerando assim, um debate, pois houve pessoas contra e pessoas a favor deste protesto (REDAÇÃO NT, 2016). Apesar da divisão entre quem aprovou e desaprovou a cena, a novela se manteve em primeiro lugar nos *Trending Topics* do *Twitter* durante a exibição do capítulo (CENA DE, 2016), fazendo assim com que atingisse seu recorde de audiência neste dia da semana, com 23 pontos no Rio de Janeiro e 17 pontos em São Paulo (ASTUTO, 2016). Por fim, ícones da

comunidade LGBTQIAPN+ aprovaram as cenas, como Daniela Mercury, Rogéria e outros nomes (CARAUTA, 2016).

Mário Teixeira e Márcia Prates tiveram a coragem de ousar ao exibir em *Liberdade* o primeiro ato sexual homoafetivo das novelas brasileiras. A trama mostrou como era mais árdua a vivência das pessoas homossexuais naquela época, já que sofriam punição simplesmente por ser quem eram. Apesar do avanço do pensamento social, esta perseguição ainda ocorria e foi espelhada na tentativa de boicote que a novela passou. Porém, algo a se comemorar, é que apesar de ainda haver conservadorismo, muito se avançou, em representações e aceitações sociais, como desenvolvido neste trabalho. É notável, assim, em analogia ao que foi dito por Almeida (2017), que as novelas adaptaram suas histórias para as vivências que pessoas reais da comunidade passam, como o retrato do sexo homossexual e as violências que este grupo sofria e ainda sofre:

[...] as novelas espelham situações e personagens da realidade cotidiana para que as pessoas se identifiquem, pois convidam a dramatização posada em cena com imagens, produzindo assim, uma mescla do real e da ficção. As novelas fazem uma construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização sobre acontecimentos ou grupos (ALMEIDA, 2017, p. 14).

Em analogia à Almeida (2017) e como mostrado neste trabalho, é possível verificar como as novelas representam aspectos sociais e criam mobilizações (tanto positivas quanto negativas) em torno do tema apresentado. Desta forma, pode-se verificar que a única abordagem do sexo homossexual em novelas sofreu perseguição e represálias, gerando uma mobilização negativa. Com isto, é perceptível que algumas abordagens da realidade cotidiana da comunidade ainda sofrem perseguições, assim como ocorreu com a questão do beijo homoafetivo, que foi vetada por muito tempo devido ao tabu em torno desta temática. Os conservadores também tentaram fazer isto com a cena de sexo gay, porém, apesar desta demonstração de afeto ser ainda mais perseguida, os autores resistiram e conseguiram exibi-la. Contudo, apesar do avanço social na aceitação de algumas vivências da comunidade, ainda há outros aspectos que precisavam avançar, como a quebra do tabu em relação às cenas de sexo homossexual.

5.2.4) Idosos LGBTQIAPN+

Nesta fase começaram a aparecer personagens idosos LGBTQIAPN+ nas novelas. Porém, se, apesar do avanço, muitos jovens da comunidade ainda sofrem preconceitos, a situação é ainda mais grave com idosos, marcado por dois tabus: a idade e a sexualidade. Desta forma, quando foi exibido um beijo lésbico entre as idosas Estela (Nathalia Timberg) e Teresa

(Fernanda Montenegro) no primeiro capítulo de Babilônia (Rede Globo – 2015), esta novela das nove sofreu boicote e repúdio da Frente Parlamentar Evangélica (ERNESTO, 2015). Este preconceito também foi retratado no enredo da novela com Aderbal (Marcos Palmeira), que não aprovava o relacionamento de sua filha com o neto de Estela, por ter sido criado por duas mães. Além desta novela, o preconceito também foi exibido na novela Sete Vidas (Rede Globo – 2015), com a bissexual Esther (Regina Duarte), viúva de Vivian (sem atriz, apenas citada na novela). Esta, tinha uma nora que escondia dos filhos o fato de seu marido, Luís (Thiago Rodrigues), ter sido criado por duas mulheres (BRAVO, 2014) (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]). Por fim, foi retratada uma personagem transexual em Babilônia, Úrsula Andressa (Rogéria), veterana estrela do *show business*, mãe de Osvaldo (Werner Schünemann) e avó de Gabi (Kizi Vaz) (MEMÓRIA GLOBO, [s.d.]).

Devido ao preconceito dos evangélicos contra a novela Babilônia, um grupo homossexual promoveu um beijaço em frente à Câmara de Vereadores de Feira de Santana (GRUPO DE, 2015). E além de ser contrário à nota de repúdio, a comunidade comemorou a cena de afeto. Segundo Joana Ziller, pesquisadora do Núcleo de Cidadania e Direitos LGBT, “o beijo por ser feito por duas senhoras ajuda a desconstruir dogmas, porque quebra a fetichização do beijo” (KIEFER; MACEDO, 2015). Por fim, a cena foi uma das mais comentadas na internet na época de exibição, ficando por mais de 12 horas no *Trending Topics* do *Twitter* (GLOSS, 2015). Porém, apesar da aceitação da temática, parte do público revelou em um grupo de discussão que não queria ver cenas de carícias entre as duas (GUIDORIZZI, 2015). Mas ainda assim, no último capítulo, as personagens se beijaram, fazendo com que houvesse outra repercussão no *Twitter* (BEIJOS GAYS, 2015). A personagem lésbica de Sete Vidas não teve nenhuma rejeição (REGINA DUARTE, 2015), mostrando assim que esta personagem, por ser retratada sem afeto, foi mais fácil a aceitação, demonstrando que o público não aceitava as personagens idosas e lésbicas terem afetos.

As novelas apresentaram as personagens lésbicas sofrendo preconceito dos conservadores dentro e fora da trama por conta dos estigmas de serem lésbicas e idosas. Assim, há uma identidade social (Goffman, 1981) imposta, em que os idosos, por terem mais idade, são vistos como não podendo ter afetos e muito menos serem da comunidade LGBTQIAPN+, pois são percebidos pelos conservadores como pessoas sem desejo e moralmente corretos, ao contrário do que estes descrevem das pessoas LGBTQIAPN+. Com isto, os preconceituosos se chocam, por verem que ambas as vivências podem estar numa mesma pessoa, e assim veem idosos LGBTQIAPN+ como uma pessoa errada por serem diferentes do que foi imposto

socialmente a eles. Porém, esta visão é errônea, porque se até os anos 2000/2010 não se falava sobre idosos na comunidade, é porque eles tinham medo de se assumir devido a um conservadorismo que era ainda maior na sua juventude. Mas, com as exposições de pessoas e personagens LGBTQIAPN+ se assumindo e não sofrendo represálias, estes passaram a ter coragem, algo que é impensável para os conservadores que além de não querer a existência de pessoas LGBTQIAPN+, não querem que a imagem ilibada de idosos sejam tocadas pela comunidade. E assim, impõe represálias a estes, assim como fizeram com Babilônia. Desta forma, quando é quebrada a identidade social imposta pelos conservadores aos idosos, eles passam a perceber estes como pessoas erradas e diferentes do que deveriam ser segundo a imposição social. Este termo de identidade social é descrito em analogia a Goffman (1981), segundo o trecho a seguir:

[...] Quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social". Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências. [...] Assim, as exigências que fazemos poderiam ser denominadas de demandas feitas "efetivamente". A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma (GOFFMAN, 1981, p. 5 – 6).

Como argumentado, em analogia à Goffman (1981), as pessoas LGBTQIAPN+ idosas são vistas como moralmente erradas pelos conservadores, devido a dois tabus presentes em suas vivências: a sexualidade e a idade. A partir disto, estas personagens sofreram preconceitos por quebrarem a identidade social imposta a elas pelos conservadores, de que idosos por terem uma imagem ilibada não poderiam ser LGBTQIAPN+. Porém, como descrito na argumentação, este pensamento conservador é errado, já que, durante muito tempo, estes idosos tiveram medo de se assumirem devido à época de perseguição contra a comunidade em que viveram. Portanto, apesar da rejeição que estes personagens tiveram, seja pelo público ou pelos outros personagens, suas abordagens foram importantes por iniciar um debate sobre este tema, e contribuir para que mais idosos tivessem coragem de se assumir, devido à naturalidade, em que esta vivência foi abordada.

5.2.5) Personagens Transexuais e *Drag Queens*

Por fim, nesta década que abordou várias siglas com seriedade, houve uma, a transexual, que teve a representação de todas as complexidades e vivências através do personagem Ivan (Carol Duarte) em *A Força do Querer* (Rede Globo – 2017). Nesta novela foi mostrado o sofrimento que pessoas desta sigla passam em não se sentirem pertencentes ao gênero

biológico, a descoberta de que poderia ser trans junto com o público e sua transição. Além disso, mostrou o preconceito que sofria advindo da família e da sociedade. Tendo, conseqüentemente, devido à aceitação desta representatividade pelo telespectador, personagens transexuais fixos interpretados por atores e atrizes trans, a partir de *A Dona do Pedaço* (Rede Globo – 2019) com Britney (Glamour Garcia) e *Bom Sucesso* (Rede Globo – 2019) com Michelly (Gabrielle Joie). Apesar desta representatividade com veracidade, houve um personagem, Nonato (Silvero Pereira) em *A Força do Querer*, que era dito como travesti, porém como era apresentado, tendo um trabalho de motorista de dia e fazendo performances a noite, como Elis Miranda, se assemelhava a características de *drag queen*. Esta sigla, apesar de não aparecer com a nomenclatura correta nesta novela, apareceu com a seriedade devida em um núcleo de *drags* em *Pega Pega* (Rede Globo – 2017), que continham as personagens Rubia (Gabriel Sanches), Kika (Nando Brandão) e Rouge (Alessandro Brandão). Na trama, foi representado que estas pessoas se vestem com roupas femininas e se maquiavam de forma exagerada, mas que também têm uma vida e outros trabalhos sem a arte *drag*.

Estas novelas, que tiveram as duas siglas que mais são violentadas no país, contribuíram com a redução do preconceito com a abordagem de algumas vivências. Iniciando com *A Força do Querer*, que abordou a personagem Ivana (e depois da transição Ivan), criada com grande feminilidade por sua mãe, mas por não se encaixar neste padrão cis-normativo, ao se olhar no espelho não se identificava. Passando, assim, por um processo até se descobrir trans, com a ajuda de Tarso Brant, modelo transexual, que fez uma participação na novela (XAVIER, [s.d.]). Após este encontro, e a personagem realizar uma pesquisa sobre diversas vivências trans na internet, começou um processo de mudança de sexo, recorrendo a dois direitos conquistados por esta comunidade em 2016, primeiro, da testosterona, que passou a ser fornecido gratuitamente pelo SUS, e o outro foi o uso do nome social, Ivan (XAVIER, [s.d.]; VIEIRA, 2020). Outra vivência que o personagem teve, representando um ineditismo na abordagem desta sigla, foi a gravidez de um homem trans, porém, ele sofre uma violência nas ruas e perde a criança (SANTANA, 2022). Por fim, esta novela apresentou a distinção entre gênero e sexualidade quando Ivan, que passava por atendimento psicológico para se entender, revelou estar confuso com seus sentimentos por estar apaixonado por Cláudio (Gabriel Stauffer), mas ser homem trans. Desta forma, a psicóloga revela de forma didática que gênero e orientação sexual são aspectos diferentes (QUERINO, 2017).

Bom Sucesso e *A Dona do Pedaço*, outras novelas desta análise, também mostraram uma vivência através da transfobia num ambiente escolar e num ambiente empresarial,

respectivamente. Assim, em dado momento, Michelly e Britney foram proibidas de usar o banheiro feminino. Porém, mesmo com esta proibição, as personagens lutaram por respeito e fizeram uso de seus direitos (CARLOS, 2019; SANTANA, 2022). Michelly, ainda sofreu outros preconceitos, sendo chamada de garoto e sofrendo humilhações por seu nome na chamada estar no masculino (CARLOS, 2019). Britney, além da proibição do banheiro, era obrigada por Fabiana (Nathália Dill) a usar trajes masculinos na fábrica onde trabalhava. Porém, a personagem trans lutou pelo seu direito e não cedeu às pressões da vilã, até obter um mínimo de respeito. Além disto, ela também foi rejeitada pelo namorado, Abel (Pedro Carvalho), quando este descobriu que ela era trans, mas no fim, ele aceitou-a e ocorreu o primeiro casamento trans de uma novela (SANTANA, 2022), representando assim outra vivência.

Nestas novelas tiveram cenas que foram um marco para a representatividade da comunidade. Desta forma foi amplamente comemorada, como a cena em que Ivan se revela trans para os familiares, igualando o recorde de audiência da novela e sendo repercutida nas redes sociais, com 107 mil depoimentos, um aumento de 206% em relação à terça-feira anterior, dia da semana em que a cena foi exibida (FORATO, 2017). Outra cena tão emblemática comemorada no *Twitter*, foi o casamento e o beijo em *A Dona do Pedaço* (TRANSSEXUAL DÁ, 2019).

Nas três novelas, o debate da comunidade foi crucial para a aceitação das pessoas trans e *drags* pelos familiares. Assim, Gabriel Sanchez, intérprete de Rúbia, comemorou a normalidade com a qual a temática *drag queen* foi tratada. Ele, que trabalha de *drag* fora da ficção, disse ser importante tratar sobre este tema (XAVIER, 2017). E ainda revelou que, por conta da personagem, uma senhora agradeceu por conseguir entender o filho (DUARTE, 2021). A atriz Glamour Garcia, intérprete da personagem transexual Britney revelou que a abordagem de sua personagem foi muito importante, pois muitas famílias passaram a aceitar a transexualidade de seus filhos, assim havendo uma maior sensibilização sobre as pessoas desta sigla (DIAS, 2019a). Por fim, a construção gradual na abordagem da transexualidade em *A Força do Querer* e os dilemas de Joyce (Maria Fernanda Candido), mãe de Ivan, mostrou o processo de luto pela filha Ivana que pensou ter e a aceitação do filho Ivan que tem. Assim, a presidente da ONG Mães pela Diversidade, Majú Giorgi, revelou ser muito difícil encarar a sociedade, mas quando percebe que há outras mães fazendo o mesmo, fica mais fácil a aceitação (COSTA, 2017).

Por fim, pessoas da comunidade revelaram suas impressões no tocante às representações das vivências. Em *A Dona do Pedaço*, o fato de Britney não falar para seu *crush* que era trans no começo do relacionamento, fez com que o tema entrasse em debate. Segundo a youtuber transexual Thiessa Woinbackk não haveria necessidade de falar no começo da paquera, e que ela revela apenas quando a relação está ficando mais séria. O psiquiatra Daniel Mori, do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual do Instituto de Psiquiatria da USP (Universidade de São Paulo) descreve que a pessoa trans deve estar pronta para falar e que não tem uma regra específica se deve contar ou não, vai de cada relação e de cada pessoa (SOUTO, 2019). A ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) aprovou a representação de Ivan, mas revelou que a abordagem das pessoas travestis, através de Nonato estava sendo feito de forma errônea, já que ele adotava uma identidade masculina durante o dia, e ajudava a reforçar um estigma de que travestis apenas se vestem do gênero oposto de noite (A FORÇA, 2017). Por fim, pessoas trans revelaram a importância da novela nesta temática através de Ivan. Guilherme Fernandes, pesquisador em teledramaturgia, acreditava que a sociedade até sabia que existiam pessoas trans, mas não compreendia o que era pertencer a esta sigla. A novela ajudou a elucidar esta questão. Outra questão levantada por Kaíque Theodoro, cantor trans, é que era importante esta abordagem para as pessoas que estão em processo de transição se identificarem com suas vivências (FERNANDES, 2017).

Estas novelas foram, assim, importantes por aprofundar a temática transexual e *drag queen* de forma séria, colocando em pauta o assunto na sociedade brasileira. Desta forma, é notável que foi apresentada uma realidade em que muitos brasileiros preferiam não ver, por preconceito, que ocorre justamente por não conhecer ou ignorar a realidade do outro. Em analogia ao que foi descrito por Almeida (2017), no trecho citado a seguir, esta realidade é conhecida face a face, ou seja, se tornou conhecida a realidade das pessoas trans e *drag queens*, quando suas vivências foram representadas.

A realidade é a qualidade pertencente às interações sociais e o conhecimento dessa realidade é produzido pelos indivíduos nas suas interações do dia a dia. Por isso, a ideia de representação do eu é a transmissão de impressões para o outro nas situações sociais. Como uma característica da vida cotidiana, a intersubjetividade é um elemento fundamental da realidade e através da interação face a face que conhecemos o subjetivo do outro. A subjetividade é um aspecto de cada indivíduo e que não pode ser compreendido isoladamente. E para constituir essa subjetividade, o sujeito passa por um processo de compreensão da sociedade, onde é influenciado pela cultura existente nela (ALMEIDA, 2017, p. 17).

Em analogia à Almeida (2017), foi perceptível que o conhecimento da realidade de uma pessoa é construído com a aproximação de suas vivências. Desta forma, como as pessoas

transexuais e *drag queens*, muitas vezes estavam à margem da sociedade por uma imposição e exclusão social, os autores das novelas citadas encontraram nesta produção teledramatúrgica, uma forma de mostrar a realidade deste grupo para uma parcela da sociedade que não conhecia ou ignorava a vivência destes. Com esta representação, foi possível que alguns grupos sociais mudassem sua perspectiva e conseqüentemente houvesse uma maior compreensão da realidade de pessoas destas siglas. Além disso, foi possível ter personagens fixos desta comunidade interpretados por pessoas trans, retratando nas novelas as vivências que pessoas desta sigla passam com seriedade, algo inimaginável e proibido na época da ditadura. Desta forma, apesar de ainda ser necessário um avanço no pensamento social em relação a estes grupos, houve um grande progresso nas representações desta comunidade desde que começaram a ser retratadas.

5.3) Conclusão do Capítulo

Conforme apresentado neste capítulo, entre os anos 2011 e 2019 (final da terceira fase) ocorreu uma evolução na representação e na aceitação dos personagens da comunidade LGBTQIAPN+. Durante esse período, cenas de beijos mais intensos, apesar de vetadas inicialmente, passaram a ser aceitas e abordadas com naturalidade no fim da década, ou seja, sem sensacionalismo. Além disso, as vivências da comunidade LGBTQIAPN+ tornou-se mais diversificada e abrangente, incluindo o casamento homoafetivo em *Em Família* (Rede Globo), a adoção homoparental em *Amor à Vida* (Rede Globo) e o sexo homossexual em *Liberdade Liberdade* (Rede Globo). Além disso foi ampliada a exibição de cenas de afetos, como beijos, para outros horários. Assim, é possível perceber que o público e as novelas mudaram. Se antes não se podia nem pronunciar termos e formas de autoidentificação da comunidade, hoje eles são pronunciados e cenas de carinho, beijo, afeto são mais aceitas. A representatividade e um desenvolvimento de personagens mais conectado ao cotidiano de pessoas LGBTQIAPN+ também possibilitam a discussão de pautas políticas do movimento neste veículo de entretenimento e formação que são as novelas brasileiras.

6. CONCLUSÃO:

Esta pesquisa teve como base materiais que abordavam as telenovelas transmitidas nos principais canais midiáticos do Brasil a partir da década de 1980. Para organizar estes dados, foram consultadas páginas na internet, matérias de jornais e revistas, artigos acadêmicos e documentos das emissoras brasileiras. Ao apresentar e analisar este material, tentei mostrar a importância das novelas na construção do pensamento social no país através de seu impacto no público. Tal influência ajudou nos últimos anos a quebrar alguns tabus e preconceitos ao fazer uma representação séria da comunidade LGBTQIAPN+. Porém, por vezes, as novelas ajudaram a reforçar preconceitos e estereótipos, impactando negativamente na representação da comunidade. Foi apresentado que esta representação séria, de um lado, e com estereótipos, de outro, foi se modificando ao longo do tempo, com uma maior compreensão e aceitação do público nos últimos tempos. Contudo, também foi mostrado como as novelas mudaram a forma de pensar de algumas pessoas, fazendo com que famílias aceitassem seus parentes.

Por mais que se tenha tentado abordar todas as emissoras neste trabalho, devido à ausência de dados de várias delas, e pelas representações serem menores que a Globo, esta emissora teve uma presença mais massiva de novelas de todos os horários aqui descritas. Foi demonstrado também que, no início, várias novelas foram modificadas e tiveram seus personagens retirados por conta da pressão do público e da censura, principalmente na década de 1980, ainda sob o regime militar e período de transição democrática. Entre essas modificações estavam a morte dos personagens, o personagem deixar de ser homossexual e ficar com uma pessoa do sexo oposto, e até mesmo na década de 2000, os beijos que seriam exibidos, mas foram vetados. Na última década, que caracterizou o que aqui foi classificada como a terceira fase de representação, essas modificações diminuíram em quantidade por pressão do público, como o beijo homoafetivo de Félix e Niko de Amor à Vida (Rede Globo), em que o público fez pressão para não ser vetado. Além disso, como já descrito, as novelas foram sendo modificadas de acordo com o pensamento do público de cada época. E assim, cada vez mais a Rede Globo foi tendo um compromisso social de representar com seriedade e veracidade os personagens da comunidade. Porém, mesmo com avanços ao longo do tempo, muitas vezes também foi percebido um retrocesso numa ou outra novela, demonstrando que tal transformação não é linear.

Algo crucial para a aceitação dos personagens da comunidade LGBTQIAPN+ nas duas primeiras fases estava relacionado ao começo da história, quando esses personagens apareciam

logo no começo como gays, lésbicas ou trans, eram perseguidos e até vetados da novela. Foi criada, assim, a narrativa da revelação teorizada por Dennis Allen, que ajudou a esconder por um tempo a sexualidade do personagem na novela até o momento em que as pessoas gostassem dele para então revelar a sua sexualidade. Porém, houve novelas em que se mostrava logo no início a personagem sendo pertencente à comunidade, mas passando por um processo de autoaceitação. Desta forma, o público também foi passando por este processo de aceitação do personagem junto com ele. Essas duas formas de aceitação do personagem foram feitas durante algum tempo, até o momento em que o público estava mais maduro para aceitar o personagem como sendo da comunidade e assumido desde o princípio.

Uma questão importante deste trabalho foram os estereótipos. Assim, na década de 1980 tinha representação de personagens da comunidade com afetações e ligados à criminalidade para associar a comunidade a algo ruim e para inferiorizá-la. Depois, com a mudança de pensamento do público tivemos personagens da comunidade apenas ligados à afetação nas décadas de 1990 e 2000, o que fazia com que o personagem da comunidade LGBTQIAPN+ estivesse sempre associado ao humor, muitas vezes fazendo com que sofresse escárnio e humilhação. Se os personagens gays e lésbicas eram rejeitados e muitas vezes retirados das novelas, com as personagens trans era muito pior. Pois, nas décadas de 1980, 1990 e início de 2000, os personagens trans tinham como estereótipos, uma confusão entre qual seria a identidade do personagem, se trans, *crossdresser* ou *drag queen*.

Estes estereótipos com todas as siglas da comunidade e até mesmo a mudança para ir colocando de uma forma mais séria os personagens, representavam o pensamento do público de cada época. Algumas vezes se tentava fazer de uma forma séria, mas quando o público não entendia e nem aceitava a comunidade, estes personagens eram rejeitados e muitas vezes retirados da novela. Porém, em meados da década de 2010, a partir de A Força do Querer (Rede Globo) com Ivan (Carol Duarte), a representação transexual passou a ser abordada de forma séria e sem estar atrelado ao humor, e mesmo quando estava nesse papel, a temática era mais séria, como em A Dona do Pedaço (Rede Globo). Com o avanço nestas duas novelas, atores trans passaram a interpretar personagens transexuais fixos. Porém, apesar de A Força do Querer (Rede Globo) representar um avanço nesta temática, ela ainda reforçava o estereótipo de travestis com o personagem Nonato (Silvero Pereira), de que pessoas desta sigla se vestiam com o gênero oposto ao biológico de noite. Porém, o que ocorre é que pessoas desta sigla se sentem pertencentes todo o tempo com o gênero oposto ao biológico e não apenas de noite.

Na década de 1980, os relacionamentos homossexuais quando não eram vetados por pressão do público ou da censura, eram exibidos de forma subentendida, tendo os personagens postos como comparsas, já que tratavam personagens da comunidade com algum tipo de criminalidade. Nesta época, devido à representação nas novelas e ao pensamento do público, os personagens da comunidade não eram aceitos. Depois, na década de 1990, foi posto o casal homoafetivo sendo revelado apenas no final ou como um dos dois passando por um processo de autoaceitação. Nesta época, as pessoas passaram a aceitar os personagens da comunidade. Na década de 2000 houve algumas novelas em que um ou os dois personagens pertencentes a um casal eram assumidos e passavam a se conhecer ao longo da novela. Nesta década, algumas cenas de afeto passaram a aparecer, mas o beijo era sempre vetado porque o público passou a aceitar um casal, mas não cenas de beijo. Já na década de 2010, o beijo mais intenso passou a ser exibido desde Amor e Revolução (SBT) e devagar passou a ser exibido em todos os horários da Rede Globo, já que as cenas de afetos passaram a ser aceitas e muitas vezes cobradas. A representação do beijo foi crescendo até chegar na novela Bom Sucesso (Rede Globo) de 2019, quando a cena foi exibida sem sensacionalismo, ocorrendo assim uma naturalização do carinho homoafetivo. A relação sexual entre personagens homossexuais foi exibida em 2017 em Liberdade Liberdade (Rede Globo), sendo duramente criticada pelos conservadores e clamada a ser vetada, porém, ainda assim foi exibida. Outra questão importante foi a presença de homossexuais idosos em 2015 com Babilônia (Rede Globo) e Sete Vidas (Rede Globo), trazendo o debate para diversas gerações e apontando para a existência histórica de pessoas LGBTQIAPN+.

Apesar dos avanços, algumas novelas apontavam um retrocesso, como por exemplo os gays de Suave Veneno (Rede Globo), em 1999, serem representados de forma estereotipada, após algumas abordagens sérias da comunidade e sofrendo violência como sinônimo de humor. Outro retrocesso apresentado foi o personagem de A Favorita (Rede Globo) em 2008, que teve a questão da “cura gay”.

Por fim, algo importantíssimo que as novelas vêm trazendo nos anos 2000 e 2010 foi a questão dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+, como casamento homoafetivo nas novelas Em Família (Rede Globo) e Órfãos da Terra (Rede Globo); a questão da adoção em Senhora do Destino (Rede Globo) e Amor a Vida (Rede Globo); e a discussão sobre o direito da herança em Vale Tudo (Rede Globo), numa época em que apesar de haver a luta da comunidade, ter este direito fora das telas estava longe de ser concretizado. Por outro lado, foi abordada a questão da violência com personagens da comunidade como Gabriel em Malhação - Viva a

Diferença (Rede Globo) e Ivan em A Força do Querer (Rede Globo) que sofreram violências físicas, ou Michelly em Bom Sucesso (Rede Globo) que sofreu agressão verbal. Estas questões, tanto de direitos quanto de preconceitos ajudaram a sensibilizar o público e a modificarem sua forma de pensar.

Apesar de todos os avanços citados, ainda há muito o que caminhar, pois as siglas que mais aparecem são gays, bissexuais, lésbicas e transexuais. É necessário, portanto, que se tenha uma maior presença de *drag queens* e de intersexuais (que só apareceu uma única vez em toda a história). É preciso apresentar as vivências de outras siglas que nunca foram retratadas, como as de pansexuais, não-binários e de outras tantas siglas. É necessário exibir uma representação séria de outras pessoas da comunidade, já que cada sigla tem sua vivência, para assim, o público aprender mais sobre a diversidade e se conscientizar.

É possível, pela análise deste trabalho, dizer que a representatividade nas novelas mudou por conta da mudança de pensamento social, que se modificou ao longo dos anos. Mas, assim como as novelas foram influenciadas pelo público nas mudanças dos personagens, o público também foi educado pelas novelas e fizeram muitas famílias aceitarem seus filhos, como dito em alguns relatos citados neste trabalho. Assim, é possível dizer que as novelas mudam a forma de pensar do público reforçando ou acabando com um estereótipo, mas que o público também muda a abordagem das novelas, tanto positiva quanto negativamente.

7) REFERÊNCIAS:

A FORÇA do Querer: ONG reconhece relevância, mas aponta erros na temática trans. **O Planeta TV**, 08 ago, 2017. Disponível em:

<https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/bastidores/a-forca-do-querer-ong-reconhece-relevancia-mas-aponta-erros-na-tematica-trans.html>. Acesso em: 12 jan, 2024.

AILTON GRAÇA, o Xana em 'Império', conta que quer adotar uma criança e que encara o preconceito de frente: 'Gosto de briga'. **Extra**, 02 nov, 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/ailton-graca-xana-em-imperio-counta-que-quer-adotar-uma-crianca-que-encara-preconceito-de-frente-gosto-de-briga-14423994.html>. Acesso em: 03 jul, 2024.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Muito mais coisas, telenovela, consumo e gênero**. Campinas: UNICAMP, 2001.

ALMEIDA, Jeaniffer Viana Souza de. **As novelas e suas representações sociais**: Um estudo sociológico sobre o Clone e Avenida Brasil. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017.

ANDRADE, Josefa Melo e Sousa Bentivi; SILVA, Lucas SANTOS, Rayan. **A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2014.

ARMANDO BABAIOFF relembra personagem gay em 'Ti Ti Ti': 'Divisor de águas'. **Uol**, 22 ago, 2021. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/22/armando-babaioff-relembra-personagem-gay-em-ti-ti-ti-divisor-de-aguas.htm>. Acesso em: 30 nov, 2023.

ASTUTO, Bruno. Cena de sexo gay em Liberdade, liberdade faz Ibope da novela subir. **Revista Época**, 13 jul, 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/07/cena-de-sexo-gay-em-liberdade-liberdade-faz-ibope-da-novela-subir.html>. Acesso em: 11 jan, 2024.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: Estudo de Sociologia do Desvio. Trad. Borges, Maria Luiza X. de A. Rio de Janeiro: Zahar, 5ª ed., 2008.

BEIJO GAY na novela "Amor e Revolução" do SBT é de tirar o fôlego. **Jornal Bahia Já**, 14 mai, 2011. Disponível em: <https://bahiaja.com.br/noticia.php?idNoticia=36275>. Acesso em: 04 dez, 2023.

BEIJOS GAYS no final de Babilônia movimentam redes sociais. **A Tarde**, 28 mai, 2015. Disponível em: <https://atarde.com.br/cultura/culturatelevisao/beijos-gays-no-final-de-babilonia-movimentam-redes-sociais-718350>. Acesso em: 22 dez, 2023.

BEIJO LÉSBICO em Malhação é um dos assuntos mais comentados na web. **Correio Brasiliense**, 03 jan, 2018. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/01/03/interna_diversao_arte.651116/beijo-lesbico-em-malhacao-e-um-dos-assuntos-mais-comentados-na-web.shtml. Acesso em: 13 jan, 2024.

BERNARDO, André. Infográfico: evolução dos personagens LGBT nas novelas, ano a ano. **Super Interessante**, 28 jun, 2017 (atualizado em 22 fev, 2024). Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano>. Acesso em: 10 out, 2023.

BOEHM, Camilla. Conselho de Psicologia critica prática de "cura gay". **Agência Brasil**, 22 out, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-10/conselho-de-psicologia-critica-pratica-de-cura-gay#:~:text=A%20chamada%20E2%80%9Ccura%20gay%20E2%80%9D%2C,pr%C3%B3pria%20constru%C3%A7%C3%A3o%20de%20ideias%20suicidas>. Acesso em: 18 mai, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Kuhner, Maria Helena. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11^a ed., 2012.

BRAVO, Zean. Regina Duarte fará uma lésbica em 'Sete vidas' que se apaixonará por um advogado. **Extra**, 9 dez, 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/regina-duarte-fara-uma-lesbica-em-sete-vidas-que-se-apaixonara-por-um-advogado-14772682.html>. Acesso em: 21 dez, 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Trad. Daminelli, Veronica; Françoli, Daniel Yago. São Paulo: Crocodilo, 1^a ed., 2019.

CARAUTA, Nilton. Cena de sexo entre homens em novela tem aprovação de Rogéria e de outros nomes do movimento LGBT. **Extra**, 13 jul, 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/cena-de-sexo-entre-homens-em-novela-tem-aprovacao-de-rogeria-de-outros-nomes-do-movimento-lgbt-19701833.html>. Acesso em: 11 jan, 2024.

CARLOS, Henrique. Por ser trans, Michelly é proibida de frequentar o banheiro feminino da escola. **Observatório da TV**, 30 jul, 2019. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/por-ser-trans-michelly-e-proibida-de-frequentar-o-banheiro-feminino-da-escola>. Acesso em: 07 fev, 2024.

CARVALHO, Michelle. Ao virar hétero em 'A favorita', Orlandinho causa polêmica entre gays. **Extra**, 16 dez, 2008. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/ao-virar-hetero-em-favorita-orlandinho-causa-polemica-entre-gays-408284.html>. Acesso em: 29 nov, 2023.

CASTRO, Daniel. Casal lésbico de Em Família divide público e novo beijo gay vira dúvida. **Notícias da TV**, 20 abr, 2014. *Deste autor do ano de 2014, é a letra a*. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/casal-lesbico-de-em-familia-divide-publico-e-novo-beijo-gay-vira-duvida-3095>. Acesso em: 08 dez, 2023.

CASTRO, Daniel. Em uma semana, Globo corta dois beijos entre homens em Império. **Notícias da TV**, 3 ago, 2014. *Deste autor do ano de 2014, é a letra b*. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/em-uma-semana-globo-corta-dois-beijos-entre-homens-em-imperio-4296>. Acesso em: 09 dez, 2023.

CASTRO, Daniel. Público aprova casal de mulheres, mas rejeita 'pegação' em novela. **Notícias da TV**, 16 mai, 2014. *Deste autor do ano de 2014, é a letra c*. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/publico-aprova-casal-de-mulheres-mas-rejeita-pegacao-em-novela-3389>. Acesso em: 08 dez, 2023.

CAVALCANTI, Juliana Ferreira; PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Produção de conteúdo digital como instrumento de representatividade: um estudo sobre páginas LGBTQIAPN+ do Instagram**. Minas: PUC-Minas, 2023.

CENA DE sexo gay em 'Liberdade, Liberdade' divide opiniões dos internautas. **Isto é**, 13 jul, 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/cena-de-sexo-gay-em-liberdade-liberdade-divide-opinioes-dos-internautas/>. Acesso em: 11 jan, 2024.

COM BEIJO gay, final de Amor à Vida supera Fina Estampa e Salve Jorge. **Notícias da TV**, 03 fev, 2014. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-beijo-gay-final-de-amor-a-vida-supera-fina-estampa-e-salve-jorge-2132>. Acesso em: 06 dez, 2023.

COSTA, Bruno. Como 'A Força do Querer' ajudou a falar da comunidade LGBTQIA+ em rede nacional. **Vice**, 21 out, 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/kz3awn/a-forca-do-querer-lgbtqia>. Acesso em: 12 jan, 2024.

COUTINHO, Genilson. ABGLT elogia maneira como novela Insensato Coração abordou a homossexualidade. **Dois Terços**, 23 ago, 2011. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/abglt-elogia-maneira-como-novela-insensato-coracao-abordou-a-homossexualidade/>. Acesso em: 01 dez, 2023.

COUTINHO, Genilson. Wagner Moura e Daniela serão homenageados pelo Grupo Gay da Bahia. **Dois Terços**, 27 jun, 2014. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/wagner-moura-e-daniela-serao-homenageados-pelo-grupo-gay-da-bahia/>. Acesso em: 06 dez, 2023.

DANTAS, Rui. Explosão conservadora. **Folha**, 12 jul, 1998. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv12079814.htm>. Acesso em: 25 nov, 2023.

DIAS, Surenã. Atriz de Senhora do Destino sente repercussão de personagem lésbica até hoje: 'Me chamam de ícone'. **Caras**, 28 jun, 2023. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/atualidades/atriz-de-senhora-do-destino-sente-repercussao-de-personagem-lesbica-ate-hoje-me-chamam-de-icone.phtml>. Acesso em: 26 nov, 2023.

DIAS, Surenã. Glamour Garcia comemora sucesso em novela e fala sobre transfobia. **Observatório G**, 13 nov, 2019. *Deste autor do ano de 2019, é a letra a*. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/glamour-garcia-comemora-sucesso-em-novela-e-fala-sobre-transfobia>. Acesso em: 09 fev, 2024.

DIAS, Surenã. Globo desiste de beijo gay em Órfãos da Terra e internautas se revoltam. **Observatório G**, 06 set, 2019. *Deste autor do ano de 2019, é a letra b*. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/globo-desiste-de-beijo-gay-em-orfaos-da-terra-e-internautas-se-revoltam>. Acesso em: 09 fev, 2024.

DUARTE, Gabriela. Atores que viveram drags em 'Pega Pega' exaltam sucesso das personagens: 'Uma senhora veio agradecer chorando'. **Gshow**, 24 set, 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/pega-pega/noticia/atores-que-viveram-drags-em-pega-pega-exaltam-sucesso-das-personagens-uma-senhora-veio-agradecer-chorando.ghtml>. Acesso em: 15 jan, 2024.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. In: **Sociologia e Filosofia**. Trad. Camargo, J. M. de Toledo. São Paulo: Ícone, 1970, p. 13-42.

ERNESTO, Marcelo. Frente evangélica no Congresso repudia beijo gay em novela e pede boicote à trama. **Estado de Minas**, 20 mar, 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/03/20/interna_politica,629686/frente-evangelica-no-congresso-repudia-beijo-gay-em-novela-e-pede-boic.shtml. Acesso em: 22 dez, 2023.

FACCHINI, Regina. **Histórico da luta de LGBT no Brasil**. Revista Psicologia e Diversidade Sexual. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia SP, 2011.

FERNANDES, Wandreza. Público vota a favor de casal gay no final de 'Amor e Revolução'. **Área Vip**, 17 jan, 2012. Disponível em: <https://www.areavip.com.br/novelas/amor-e-revolucao>

[revolucao/publico-vota-a-favor-de-casal-gay-no-final-de-amor-e-revolucao/](#). Acesso em: 04 dez, 2023.

FERNANDES, Yuri. A força do debate – e a visibilidade trans em horário nobre. **Híbrida**, 2017. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/cinema-tv/forca-do-debate-e-visibilidade-trans-em-horario-nobre/>. Acesso em: 12 jan, 2024.

FORATO, Thiago. Com revelação de Ivana, "A Força do Querer" explode na audiência. **Na Telinha**, 30 ago, 2017. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2017/08/30/com-revelacao-de-ivana-a-forca-do-querer-explode-na-audiencia-110126.php>. Acesso em: 12 jan, 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Albuquerque, Maria Thereza da Costa; Albuquerque, J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 13ª ed., 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Trad. Albuquerque, Maria Thereza da Costa; Albuquerque, J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 8ª ed., 1984.

GAYS DE 'Amor à Vida' ganham o público, que espera beijo entre homens no horário nobre. **Circuito Mato Grosso**, 12 jan, 2014. Disponível em: <http://circuitomt.com.br/editorias/novelas/37726-gays-de-amor-a-vida-ganham-o-publico-que-espera-beijo-entre-homens-no-horario-nobre.html>. Acesso em: 06 dez, 2023.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga; BENEVIDES, Bruna; COUTINHO, Gustavo. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022**. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

GLOBO É CRITICADA por ironizar movimento LGBT. **Fórum**, 19 jan, 2016. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/lgbt/2016/1/19/globo-criticada-por-ironizar-movimento-lgbt-14849.html>. Acesso em: 03 jul, 2024.

GLOBO IMPEDE casamento de travesti em 'Aquele Beijo'. **Bonde**, 03 abr, 2012. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/entretenimento/destaque/globo-impede-casamento-de-travesti-em-aquele-beijo-219958.html>. Acesso em: 03 dez, 2023.

GLOSS, Hugo. Polêmico beijo gay de 'Babilônia' bomba nas redes sociais. **Hoje em Dia**, 17 mar, 2015. Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/entretenimento/polemico-beijo-gay-de-babilonia-bomba-nas-redes-sociais-1.299110>. Acesso em: 22 dez, 2023.

GOFFMAN, Erving. In: **Estigma** – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Lambert, Mathias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GRUPO DE jovens realiza beijaço gay em Feira de Santana. **A tarde**, 14 abr, 2015. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/grupo-de-jovens-realiza-beijaco-gay-em-feira-de-santana-683893>. Acesso em: 22 dez, 2023.

GUIDORIZZI, Guilherme. Novela 'Babilônia': cenas de beijo entre Teresa e Estela são cortadas. **Purepeople**, 10 abr, 2015. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/novela-babilonia-cenas-de-beijo-entre-teresa-e-estela-sao-cortadas_a51001/1. Acesso em: 22 dez, 2023.

HÁ 25 ANOS, personagem travesti confundiu o público em Explode Coração. **Notícias da TV**, 28 jun, 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/ha-25-anos->

[personagem-travesti-confundi-o-publico-em-explode-coracao-38471](#). Acesso em: 24 nov, 2023.

HADDEFINIR, Henrique. Pantanal: O “peão gay” e os valores da heteronormatividade. **Omelete**, 30 set, 2022. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/pantanal-peao-gay-heteronormatividade>. Acesso em: 23 nov, 2023.

HMC, Pedro. **Um Livro Para ser Entendido**. São Paulo: Editora Outro Planeta, 2016.

ISENSEE, Filipe. ‘Amor à vida’ termina consagrando Félix e Niko, e representantes da comunidade gay torcem por um beijo. **Extra**, 28 jan, 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/amor-vida-termina-consagrando-felix-niko-representantes-da-comunidade-gay-torcem-por-um-beijo-11421360.html>. Acesso em: 06 dez, 2023.

KIEFER, Sandra e MACEDO, Jorge. Beijo gay da novela é aprovado na internet e por representantes do movimento LGBT. **Estado de Minas**, 18 mar, 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/03/18/interna_gerais.628654/beijo-gay-da-novela-e-aprovado-na-internet-e-por-representantes-do-mov.shtml. Acesso em: 22 dez, 2023.

KLIDZIO, Danieli e SIQUIERA, Monalisa Dias de. **Bissexualidade e pansexualidade: invisibilidade, estereótipos e o movimento social LGBTQIAP+**. 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT38 - Sexualidade e gênero: política, agenciamentos e direitos em disputa, 2020.

LEE, Ana. Gays aplaudem efeminados 'do bem'. **Folha**, 07 fev, 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv07029910.htm>. Acesso em: 25 nov, 2023.

LEONARDO MIGGIORIN conta que o personagem Roni, de "Insensato Coração", conquistou diferentes públicos. **Uol**, 29 jul, 2011. Disponível em: <https://televisao.uol.com.br/novelas/insensato-coracao/2011/07/29/em-insensato-coracao-leonardo-miggiorin-Conta-que-o-personagem-roni-conquistou-diferentes-publicos.jhtm>. Acesso em: 01 dez, 2023.

LESSA, Julia. Júlia Rabello e Giselle Batista comemoram carinho do público com casal gay em 'A Regra do Jogo'. **Gshow**, 01 out, 2015. Disponível em: <https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2015/10/julia-rabello-e-giselle-batista-comemoram-carinho-do-publico-com-casal-gay-em-regra-do-jogo.html>. Acesso em: 10 jan, 2024.

LOPES, Fernanda. Casal gay de Orgulho e Paixão ajudou a aproximar famílias, afirma ator. **Notícias da TV**, 21 set, 2018. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/casal-gay-de-orgulho-e-paixao-ajudou-aproximar-familias-afirma-ator-22437>. Acesso em: 25 jan, 2024.

LUATO. O desafio de Luís Salém. **Isto É**, 11 dez, 2011. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-desafio-de-luis-salem/#:~:text=Thiago%20Lucas%20Foto%20Divulga%C3%A7%C3%A3o%20Reconhecido,Mas%20n%C3%A3o%20do%20tipo%20tradicional.>. Acesso em: 03 dez, 2023.

MALTA, Jéssica. Cena de 'Malhação' reforça crescimento da representação adolescente LGBT na mídia. **Hoje em Dia**, 14 jan, 2018. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/cena-de-malha%C3%A7%C3%A3o-refor%C3%A7a-crescimento-da-represent%C3%A7%C3%A3o-adolescente-lgbt-na-m%C3%ADdia-1.588921>. Acesso em: 30 nov, 2023.

MEMÓRIA GLOBO. Seção Novelas. Rio de Janeiro. [s.d.]. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/>. Acesso de 29 nov, 2023 a 10 fev, 2024.

MOREIRA, Carmem. 'Em Família': Clara e Marina protagonizam 1º casamento gay da TV. Saiba detalhes. **Purepeople**, 10 jul, 2014. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/-em-familia-clara-e-marina-protagonizam-1-casamento-gay-da-tv-saiba-detalhes_a22920/1. Acesso em: 08 dez, 2023.

MOREIRA, Matheus Antônio. **Beijo com paixão, crime com castigo:** possibilidades de afeto gay em telenovelas da TV Globo. Ouro Preto: Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), Universidade Federal de Ouro Preto, 2023.

MOTT, Luiz. Miguel Falabella, inimigo repudiado pelos gays. **Marcelus**, 2005. Disponível em: <https://marcelus.com/miguel-falabella-inimigo-repudiado-pelos-gays/>. Acesso em: 27 nov, 2023.

MOURA, Eduardo. Ator perde seguidores no Instagram e culpa homofobia contra personagem gay. **Audiência Carioca**, 24 ago, 2018. Disponível em: <https://www.audienciacarioca.com.br/2018/08/24/ator-perde-seguidores-no-instagram-e-culpa-homofobia-contr-personagem-gay/>. Acesso em: 25 jan, 2024.

NOVELA TERÁ beijo homossexual. **Jornal de Brasília**, 15 set, 2004. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/promocoes/novela-tera-beijo-homossexual/>. Acesso em: 27 nov, 2023.

NUNES, Samyta. Novela 'Império': Cláudio e Leonardo dão beijo gay e causam repercussão na rede. **Purepeople**, 10 mar, 2015. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/novela-imperio-claudio-e-leonardo-dao-beijo-gay-e-causam-repercussao-na-rede_a45854/1. Acesso em: 09 dez, 2023.

ÓRFÃOS DA Terra: Casal lésbico finalmente se beija após corte da Globo. **Uol**, 26 set, 2019. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/26/orfaos-da-terra-casal-lesbico-finalmente-se-beija-apos-corte-da-globo.htm>. Acesso em: 09 fev, 2024.

ORTEGA, Rodrigo. Público em bar gay elogia casamento de mulheres de 'Em Família'. **Gshow**, 16 jul, 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2014/07/publico-em-bar-gay-elogia-casamento-de-mulheres-de-em-familia.html>. Acesso em: 08 dez, 2023.

PACHECO, Paulo; PEREIRA, Márcia. Para lésbicas, namoro velado entre Clara e Marina é fetiche e retrocesso. **Notícias da TV**, 03 jun, 2014. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-lesbicas-namoro-velado-entre-clara-e-marina-e-fetiche-e-retrocesso-3625>. Acesso em: 08 dez, 2023.

PEREIRA, Jonathan. José Mayer, Giovanna Antonelli e mais famosos ganham 'Oscar gay' baiano. **Ego**, 04 mar, 2015. Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/03/jose-mayer-gio-antonelli-e-outros-famosos-ganham-oscar-gay-baiano.html>. Acesso em: 09 dez, 2023.

PERET, Luiz Eduardo Neves (2005). **De “O Rebu” a “América”:** 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005). Revista Contemporanea Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

PIRES, Giovanni Della Guardia. **A gente se vê por aqui?** Representação da figura trans feminina nas narrativas televisivas da Rede Globo. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP) Escola de Comunicações e Artes Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, 2020.

PEIXOTO, Priscilla. A persistente invalidação da bissexualidade pela sociedade brasileira. **Revista Cenarium**, 08 fev, 2021. Disponível em: <https://revistacenarium.com.br/a-persistente-invalidacao-da-bissexualidade-pela-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 28 jun, 2024.

PRADO, Carolina; CUNHA, Simone. Casais homoafetivos que adotaram filhos contam como lidam com o preconceito. **Universa – UOL**, 01 nov, 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/11/01/casais-homoafetivos-que-adotaram-filhos-contam-como-lidam-com-o-preconceito.htm>. Acesso em: 04 jul, 2024.

QUADROS, Mariana. Jovens trans relatam dificuldades em estabelecer relacionamentos amorosos. **Queer**. 20 ago, 2021. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-08-20/jovens-trans-relatam-dificuldades-de-relacionamentos.html>. Acesso em: 01 jul, 2024.

QUERINO, Rangel. Ivana se descobre homem trans e gay em A Força do Querer. **Observatório G**, 18 out, 2017. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/ivana-se-descobre-homem-trans-e-gay-em-a-forca-do-querer>. Acesso em: 12 jan, 2024.

REDAÇÃO NT. Página Católica pede boicote à Globo por cena gay em "Liberdade, Liberdade". **Na Telinha**, 05 jul, 2016. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/2016/07/05/pagina-catolica-pede-boicote-a-globo-por-cena-gay-em-liberdade-liberdade-100339.php>. Acesso em: 11 jan, 2024.

REGINA DUARTE diz que seu papel em Sete Vidas é um presente. **Minha Novela**, 8 mai, 2015. Disponível em: <https://www.minhanovela.com.br/vida-de-artista/regina-duarte-diz-que-seu-papel-em-sete-vidas-e-um-presente.phtml>. Acesso em: 21 dez, 2023.

RICO, Flávio. Autor de "Malhação" é xingado por causa de beijo lésbico. **Uol**, 05 jan, 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2018/01/05/autor-de-malhacao-e-xingado-por-causa-de-beijo-lesbico.htm>. Acesso em: 13 jan, 2024.

SAMPAIO, Paulo. Negros gays aprovam personagem de novela. **Folha de São Paulo**, 28 out, 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/28/cotidiano/18.html>. Acesso em: 24 nov, 2023.

SANTANA, Talles Garcia. **Personagens da Diversidade: Memórias da Diversidade Sexual e de Gênero Representada nas Novelas das Nove da Globo**. Canoas: Universidade La Salle, 2022.

SANTOS, Matheus. **Queer Buba: intersexualidade em cena na telenovela 'Renascer'**. Bahia: Produção em Comunicação e Cultura na Facom – UFBA. [s.d.].

SOUTO, Luiza. Em A Dona do Pedaco, Britney não conta ao crush que é trans. Precisa falar?. **UOL**, 18 jun, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/18/em-a-dona-do-pedaco-britney-nao-conta-ao-crush-ser-trans-tem-que-falar.htm>. Acesso em: 09 fev, 2024.

SOUZA, Marciene. Personagens gays, têm boa repercussão em ti-ti-ti. **Portal RG**, 10 fev, 2011. Disponível em: <https://www.portalrg.com.br/noticia/personagens-gays-tem-boa-repercursao-em-ti-ti-ti-3459.html>. Acesso em: 30 nov, 2023.

TELES, Thais. Homofóbico agride Felipe com uma lâmpada e espanca Gabriel em Malhação e causa revolta. **TV Foco**, 09 fev, 2018. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/homofobico-agride-felipe-com-uma-lampada-e-espanca-gabriel-em-malhacao-e-causa-revolta>. Acesso em: 13 jan, 2024.

TRANSSEXUAL DÁ beijão em "A Dona do Pedaço" e internet comemora. **Ig Gente**, 22 nov, 2019. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2019-11-22/transsexual-da-beijao-em-a-dona-do-pedaco-e-internet-comemora.html>. Acesso em: 09 fev, 2024.

VELLOSO, Louise. Representatividade LGBT na TV dobra nos últimos 18 anos. **Agência CEUB**, 27 nov, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.uniceub.br/destaque/representatividade-lgbt-na-tv-dobra-nos-ultimos-18-anos/>. Acesso em: 24 jul, 2024.

VELOSO, Rafael. América: polêmica contra a proibição do beijo gay na novela gera reclamações no Orkut e beijaço em Brasília. **Blog Rafael Veloso**, 11 nov, 2005. Disponível em: <https://www.rafaelveloso.com.br/2005/11/11/america-polemica-contr-a-proibicao-do-beijo-gay-na-novela-gera-reclamacoes-no-orkut-e-beijaco-em-brasil>. Acesso em: 27 nov, 2023.

VETADA GRAVAÇÃO do beijo gay. **Alagoas 24 horas**, 28 mai, 2008. Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/761550/vetada-gravacao-do-beijo-gay/>. Acesso em: 28 nov, 2023.

VIEIRA, William. A luta nunca termina. **Revista Gama**, 28 jun, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/orgulho-de-que/linha-do-tempo-direitos-lgbt-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso de 27 nov, 2023 a 18 fev, 2024.

XAVIER, Ana Clara. Gabriel Sanches fala sobre a importância de fazer uma Drag Queen na novela 'Pega Pega' e as dificuldades de viver dessa arte no país. **Heloisa Tolipan**, 29 jun, 2017. Disponível em: <https://heloisatolipan.com.br/tv/gabriel-sanches-fala-sobre-importancia-de-fazer-uma-drag-queen-na-novela-pega-pega-e-solta-o-verbo-sobre-o-assedio-que-sofreu-por-estar-vestido-como-uma/>. Acesso em: 15 jan, 2024.

XAVIER, Nilson. Seção Novelas. **Teledramaturgia**, [s.d.]. Disponível em: <http://teledramaturgia.com.br/novelas/>. Acesso de 19 jan, 2023 a 01 fev, 2024.

ZYLBERKAN, Mariana. Em nota, movimento gay protesta contra a TV Globo. **Veja**, 19 jul, 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/em-nota-movimento-gay-protesta-contr-a-tv-globo>. Acesso em: 01 dez, 2023.

APÊNDICE:

APÊNDICE A - NOME DAS NOVELAS POR ORDEM DE EXIBIÇÃO:

- 1) **Brilhante** (1981) - Gilberto Braga, Leonor Bassères e Euclides Marinho – Globo - Novela das oito
- 2) **Partido Alto** (1984) - Gloria Perez e Aguinaldo Silva – Globo - Novela das oito
- 3) **Um Sonho a Mais** (1985) - Daniel Más e Lauro César Muniz – Globo - Novela das sete
- 4) **Roque Santeiro** (1985) - Dias Gomes e Aguinaldo Silva – Globo - Novela das oito
- 5) **Roda de Fogo** (1986) - Lauro César Muniz e Marcílio Moraes – Globo - Novela das oito
- 6) **Vale Tudo** (1988) - Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères - Globo - Novela das oito
- 7) **Tieta** (1989) - Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares e Ana Maria Moretzsohn – Globo – Novela das oito
- 8) **Pantanal** (1990) - Benedito Ruy Barbosa – Manchete
- 9) **Renascer** (1993) - Benedito Ruy Barbosa – Globo – Novela das oito
- 10) **A Próxima Vítima** (1995) - Silvio de Abreu – Globo – Novela das oito
- 11) **Explode Coração** (1995) - Glória Perez – Globo – Novela das oito
- 12) **Por Amor** (1997) - Manoel Carlos – Globo – Novela das oito
- 13) **Torre de Babel** (1998) - Silvio de Abreu – Globo – Novela das oito
- 14) **Suave Veneno** (1999) - Aguinaldo Silva – Globo – Novela das oito
- 15) **As Filhas da Mãe** (2001) - Silvio de Abreu – Globo – Novela das sete
- 16) **Mulheres Apaixonadas** (2003) - Manoel Carlos – Globo – Novela das oito
- 17) **Senhora do Destino** (2004) - Aguinaldo Silva – Globo – Novela das oito
- 18) **América** (2005) - Glória Perez – Globo – Novela das oito
- 19) **A Lua Me Disse** (2005) - Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa – Globo – Novela das sete
- 20) **Duas Caras** (2007) - Aguinaldo Silva – Globo – Novela das oito
- 21) **A Favorita** (2008) - João Emanuel Carneiro – Globo – Novela das oito
- 22) **Ti Ti Ti** (2010) - Maria Adelaide Amaral – Globo – Novela das sete

- 23) Insensato Coração (2011) - Gilberto Braga e Ricardo Linhares – Globo –
Novela das nove
- 24) Aquele Beijo (2011) - Miguel Falabella – Globo – Novela das sete
- 25) Amor e Revolução (2011) - Tiago Santiago – SBT
- 26) Amor à Vida (2013) - Walcyr Carrasco – Globo – Novela das nove
- 27) Em Família (2014) - Manoel Carlos – Globo – Novela das nove
- 28) Império (2014) - Aguinaldo Silva – Globo – Novela das nove
- 29) Sete Vidas (2015) - Lícia Manzo – Globo – Novela das seis
- 30) Babilônia (2015) - Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga –
Globo – Novela das nove
- 31) A Regra do Jogo (2015) - João Emanuel Carneiro – Globo – Novela das nove
- 32) Liberdade, Liberdade! (2016) - Mario Teixeira e Marcia Prates – Globo –
Novela das onze
- 33) A Força do Querer (2017) - Gloria Perez – Globo – Novela das nove
- 34) Malhação: Viva a Diferença (2017) - Cao Hamburger – Globo
- 35) Pega Pega (2017) - Claudia Souto – Globo – Novela das sete
- 36) Orgulho e Paixão (2018) - Marcos Bernstein – Globo – Novela das seis
- 37) Bom Sucesso (2019) - Rosane Svartman e Paulo Halm – Globo – Novela das
sete
- 38) Órfãos da Terra (2019) - Duca Rachid e Thelma Guedes – Globo – Novela das
seis
- 39) A Dona do Pedaco (2019) - Walcyr Carrasco – Globo – Novela das nove